

ANEXOS

ANEXO II – Tapetes de Arraiolos Materiais e Técnicas



Fig. 2 – Tear artesanal onde se produzia o linho e a estopa de linho ou cânhamo que servia (nos primórdios) de base ao tapete de Arraiolos.

Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 3 – Tosquia dos ovinos merinos – lã utilizada para manufaturar os tapetes de Arraiolos.

Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 4 – Processo de Carmeação.
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 5 – Cardador e cardas utilizadas para alisar a lã.
Fonte: Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, s.d.

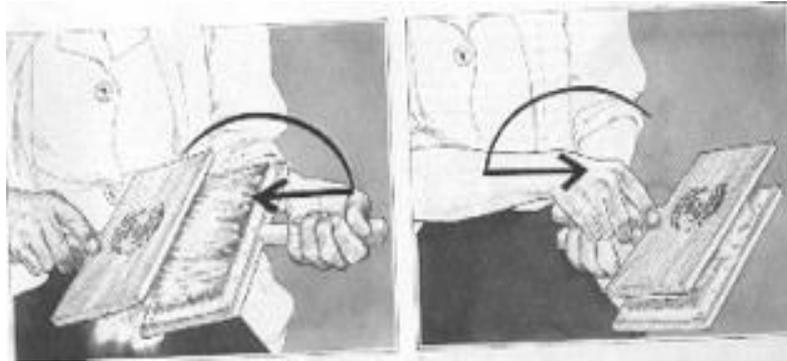


Fig. 6 – Processo de cardação.

Fonte: http://www.sitioduascachoeiras.com.br/educacao/tecelagem/tec_prep.html

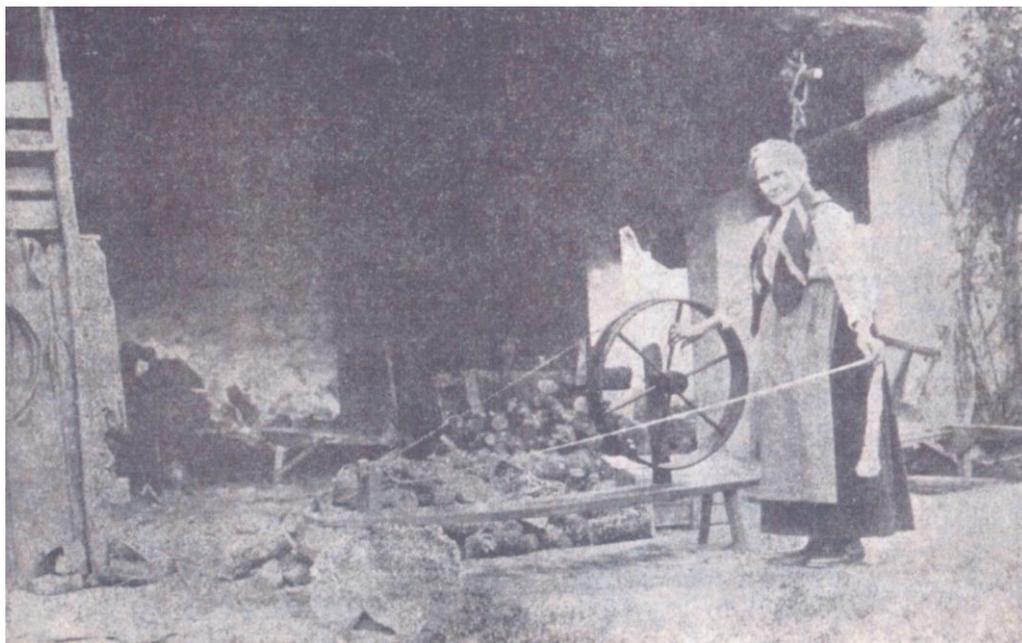


Fig. 7 – Fiandeira e roda de fiar

Fonte: Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, s.d.



Fig. 8 – Geração de fiandeiras – Arlete Fanico ao fundo ainda criança mas já trabalhava na arte de saber fiar.
Fonte: Fotografia original de Caetano Alfaiate (filho de Arlete Fanico)



Fig. 9 – O dobar da lã (figura mais à direita) e o fazer da franja a aplicar no tapete de Arraiolos (figura mais à esquerda)
Fonte: Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, s.d.



Fig.10 – Quarto de tapete em linho e ponto pé de flor.
Fonte: Coleção do MONTE - ACE

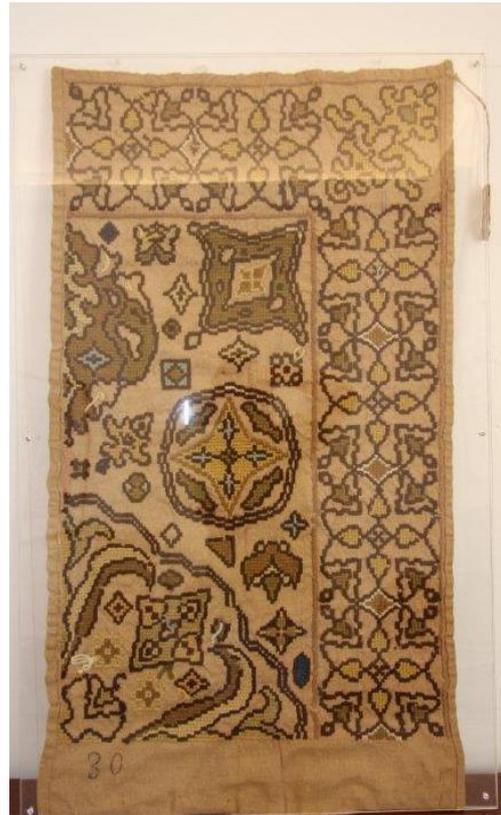


Fig.11 – Quarto de tapete em brim e ponto de Arraiolos.
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 12 – Quarto de tapete em papel quadriculado, técnica utilizada desde o início do séc. XX.
Fonte: Coleção FRACOOOP – Cooperativa de



Fig. 13 – Pessoal da fábrica Kalifa

Fonte: Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, s.d.



Fig. 14 – Grupo de bordadoras

Fonte: Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, s.d.



Fig. 15 – (Pormenor) Bordadora a fazer tapete de Arraiolos contornado a ponto pé de flor
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 16 – (Pormenor) Bordadora a fazer tapete de Arraiolos em ponto de Arraiolos (ponto cruzado oblíquo)
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 17 – (Pormenor) Bordadora a fazer franja para aplicar no tapete de Arraiolos no banco de franja
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos

ANEXO III – O Tingimento, as plantas e as Receitas



Fig. 18 - Fossas descobertas na Praça do Município em Arraiolos onde foram descobertos vestígios de tingimento e lãs
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 19 – (Pormenor) Técnica tradicional de tingir as lãs – Reprodução histórica
Fonte: Coleção Câmara Municipal de Arraiolos

Corantes Vegetais utilizadas para tingir as lãs dos Tapetes de Arraiolos



Fig. 20 - LÍRIO dos tintureiros
Fonte: Reseda luteola: Eng. Bot. 162 – 164, 1864.



Fig. 21 - Trovisco
Fonte: Daphne laureola, Daphne laureola L., Saint-Hilaire, pl.325, 1831, BHL.



Fig. 22 - Anil / Índigo
Fonte: Curtis's Botanical Magazine, vol.XXXVI, 3rd series 1880, trab. 6506.



Fig. 23 – Pau Campeche
Fonte: Esenbeck, Th. Fr. L. Nees., 1828. Plantae Medicinalis oder Sam lung. Offeneller Pflanzen II.



Fig. 24 – Pau-Brasil
Fonte: Chaumeton, F.P., Flore medicale, vol.2:t. 72, 1829.



Fig. 25 - Garança
Fonte: A. Masclef, Atlas des Plantes de France, 1891.

Corantes Animais utilizados para tingir as lãs dos Tapetes de Arraiolos



Fig. 26 - Cochinilha
Hernández, Octavio, México desconocido, 2001.

Receituário de Tinturaria
O Tingimento das Lãs dos Tapetes de Arraiolos

Baseado no Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por
Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II,
2.^a edição, 1985, e completado com as Lembranças e Receitas
de Maria Inácia Chaveiro Calhau - Receitas de 1920.

Para tingir a lã de AMARELO

Lírio (colhido na primavera, em molhos ou apenas as flores¹)

Lã fiada já em meadas (8 a 9 molhos de lírio chegam para tingir sobre dois arráteis² de lã)

Água

Pedra-ume

Urina (durante a preparação do tinto para fixar a cor)

Cozedura do Lírio: Antes da umação dá-se a cozedura do lírio, fervendo-se o lírio num tacho até ficar bem cozido, depois de cozido deixa-se assentar e escorre-se para outro “vaso”.

Umação³: Desfaz-se $\frac{1}{4}$ e 2 onças⁴ de pedra-ume na água do lírio, pondo-se a lã já molhada (que fique coberta pelo líquido) e deixa-se ferver durante uma hora.

Modo de preparação⁵: À parte da cozedura e da umação coze-se mais lírio em água limpa e depois de tirado o lírio, mistura-se nesta água uma tigela de urina, tornando-se a meter a lã que saiu da umação e vai ao lume onde ferve até uma hora. Depois arreda-se e em arrefecendo bandeia-se a lã em água clara. Querendo cor de palha basta que a lã seja molhada na água da umação.⁶

Obs.: Dá para fazer vários tons de amarelo. As primeiras para mais escuro depois as outras para mais claro. Se se quiser um amarelo muito escuro, quando se deita a urina, deita-se igual quantidade de decoada⁷.

-
- 1 Neste caso, e segundo as receitas de Maria Inácia Calhau de 1920, apanha-se o lírio ainda verde e põe-se a secar ao sol, guardam-se e cortam-se os troncos, mas só se utilizam as flores. Para este tipo de tingimento não é necessário o processo de umação. As flores fervem-se em água, deita-se um pouco de urina e decoada (água com cinzas, sabão azul e branco e lixívia), metem-se as meadas a ferver e deixa-se até ao outro dia dentro de um alguidar. No dia seguinte são lavadas até deitarem água limpa e colocadas ao sol.
 - 2 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 2 arrateis equivale a 918 gramas.
 - 3 Este processo de Umação é utilizado no Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985, porém, nas Receitas de Maria Inácia Calhau em 1920 põe-se um tacho de água ao lume e em estando a ferver coloca-se um pouco de pedra-ume, quando esta estiver desfeita deixa-se arrefecer e colocam-se as meadas, sendo que esta tinta pode ser feita no banho da umação.
 - 4 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas, neste caso onça e meia equivale a 43,035 gramas.
 - 5 Também no modo de preparação, o Receituário de Maria Inácia Calhau em 1920, apresenta algumas oscilações. Desta forma, no banho da umação coze-se um pouco de lírio partido aos bocados, ferve muito bem e estando bem fervido tira-se o lírio e passa-se por um pano. Torna a ir ao lume e em fervendo bem deita-se uma pouca de urina, metendo-se de seguida as meadas para tingir.
 - 6 Quer nas Receitas de Maria Inácia Calhau, quer no Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985, para que se obtenha a cor Amarelo torrado, as meadas a tingir já são tintas de amarelo e após o processo efectuado para a cor amarela, a água que resultou desta tinturaria é metida na água do encarnado e basta estar aí um bocadinho de molho.
 - 7 Água com cinzas, sabão azul e branco e lixívia. Esta mistura era coada e servia também para branquear a roupa.

Para tingir a lã de AZUL

Anil/Índigo (em pedra ou em pó)

Lã em velo, suja e com sugo (onça⁸ e meia de anil para 4 arratéis⁹ de lã / cerca de 1 Kg de anil dá para tingir 2 velos de lã)

Água

Urina (durante a preparação do tinto para fixar a cor)

Modo de preparação¹⁰: Deixa-se o anil de molho na véspera numa tigela ou alguidar com água. No dia seguinte aquece-se a urina num tacho e vão-se juntando as diferentes tachadas depois de quentes num grande “vaso” de barro. A esta urina vai-se juntando a tinta do anil que ficou de molho esmagando-se o anil com a mão do almofariz até se desfazer todo, acrescentando ao mesmo tempo a água necessária. Mexe-se o líquido até ficar a tinta toda distribuída por igual, conservando-se ao pé do lume sempre morno. De seguida mete-se o velo de lã suja bem aberta, tirando-se todos os dias para fora, espremendo-se e pondo-se ao ar. Aquece-se novamente a calda e torna-se a meter a lã, repetindo este processo tantas vezes e tantos dias quantos sejam suficientes para a lã tomar o azul que se quer.

Obs.: Se o anil for bom, três dias são suficientes. Na mesma calda que ficou desta primeira tintura, continuando a meter-se lã seguindo o mesmo processo, vai de cada vez saindo uma cor azul mais clara, até ao que chamam azul pombinho.

8 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas, neste caso onça e meia equivale a 43,035 gramas.

9 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 4 arrateis equivale a 1 Kg e 836 gramas.

10 Tal como na receita apresentada, do Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985, também na receita de Maria Inácia Calhau não é necessário o processo de umação. Segundo as receitas de Maria Inácia Calhau em 1920, podia-se tingir de azul, utilizando o Anil/Índigo de 3 formas, sendo que todas elas tem em comum a utilização de bastante urina. Na primeira receita apresentada por Maria Inácia Calhau, ferve-se tudo até se desfazer, mexendo-se sempre, depois coa-se deitando-se uma mão cheia de caparrosa. Ferve-se de novo e em estando desfeito deita-se a urina, suficiente para acavar a lã, deita-se tudo numa vasilha ficando tudo a acavar a lã, tapa-se e fica junto do lume, 7 a 9 dias, de forma que esteja sempre morno, mexendo-se todos os dias. Se passados 9 dias a cor não estiver como se quer, ferve-se um banho novo mas só com urina e decoada (água com cinzas, sabão azul e branco e lixívia) em anil colocando-se depois a secar ao sol. Uma outra receita apresentada realiza-se já com o anil dissolvido em água para que fique em papas. O anil feito em papas deita-se num tacho e junta-se bastante urina bem sedicha e quando estiver morna deita-se para um asado e mete-se a lã escorrida até acavar. Tapa-se com uma volta e um trapo e conserva-se sempre morno dando-se a volta todos os dias. No outro dia tira-se um bocadinho e lava-se um gadelho para se experimentar se já dá a cor que se quer, quantos mais dias está mais escuro dá. Por fim lava-se até deitar água clara. No Verão, e tingindo com este processo, não precisa ir ao lume, basta por-se ao sol e ficar bem tapado. Um último procedimento, para tingir de azul, segundo Maria Inácia Calhau diz respeito ao azul escuro. Para esta tintura são necessários 250 g de anil e 20 litros de urina de infusão de 8 a 10 dias. Tira-se o anil muito bem e dissolve-se numa pouca de urina, junta-se ao resto da urina, mete-se o velo de lã com sugo e deixa-se estar neste caldo 2 a 3 dias. Convém que seja tudo feito num cântaro que é para se arrolhar e amornar ao lume. Se se quiser azul mais claro basta ficar uma noite.

Para tingir a lã de ENCARNADO

Pau-Brasil (picado)

Lã fiada (uma onça¹¹ e meia de pau-Brasil tingem cerca de dois arrátéis¹² de lã fiada)

Pedra-ume

Água

Greda (Argila)

Umação¹³: Desfaz-se pedra-ume pisada e bem moída – ¼ e 2 onças de pedra-ume chegam para dois arrátéis de lã fiada e em cada arrátel costumam entrar 4 meadas depois de desengredada¹⁴ – em água clara da fonte, quanto baste para acavar a lã. Pega-se nas meadas do fiado já desengredado, molham-se em água pura e depois de molhada metem-se na água umada. Molham-se primeiro até ficar o fiado todo umado por igual e sem manchas. Vai ao fogo e ferve o fiado na água umada uma hora bem puxada, mas basta uma fervura pouco aberta, depois arreda-se e deixa-se arrefecer o líquido o que deve demorar cerca de uma hora.

Modo de preparação: Metade da dose que foi tratada deita-se num taleigo e mete-se dentro dum tacho de água e põe-se ao lume até principiar a fervura e tingir a água de cor de carne. Tira-se para fora da água o taleigo do pau e nessa tinta mete-se o fiado já umado e ali se deixa estar por algum tempo. Tira-se depois para fora e põem-se as meadas a escorrer sem torcer, e como a tinta não costuma ficar boa deste primeiro olho ferve-se na mesma água a outra porção do pau, acrescentando-se água se for preciso, porque as meadas devem ficar acravadas. Torna-se-lhe a meter da mesma sorte o fiado e assim se repetem estas operações até ficar o encarnado com a cor que se quer. Se por acaso na primeira vez a lã sair muito carregada em cor (o que não convém porque em não tingindo a pouco e pouco não fica a cor espelhenta e brilhante), deita-se uma porção de pedra-ume no tacho, mexe-se e abranda a cor.

11 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas, neste caso onça e meia equivale a 43,035 gramas.

12 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 2 arrateis equivale a 918 gramas.

13 Este processo de Umação e conseqüente processo de tingimento é utilizado no Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985, porém, nas Receitas de Maria Inácia Calhau em 1920, todos estes processos se efectuam de forma diferente. O pau-Brasil deve ficar de molho de um dia para o outro num saco de pano ralo e depois ser bem picado. Para a umação ferve-se um tacho de água e deita-se uma porção de pedra-ume e mete-se as meadas e quando se pretende que resulte mais escuro são umadas em “sumagre”(género de plantas cujo pó, resulta da trituração das folhas, flores...). Depois de picado deita-se num tacho a água e vai ferver até deitar toda a tinta metendo-se de seguida as meadas, as primeiras para mais escuro. Para resultar vermelho mais escuro ferve-se uma porção **cochonilha** e mistura-se com o outro líquido. Maria Inácia Calhau ainda refere uma outra forma de fazer encarnado. Para isso molha-se a lã e põe-se a escorrer, depois as meadas são umadas com pedra-ume, põe-se o pau-Brasil a ferver e em tendo a cor bem saída tira-se e metem-se as meadas bem espalhadas e mexe-se com um pau deixando ferver um bocado. Em fervendo desvia-se o tacho do lume e ficam ali até outro dia, estendendo-se nesse dia à sombra.

14 Remover a greda - cré, argila - da lã, que serviu para tirar o azeite da lã utilizado na cardação.

Para tingir a lã de VERDE¹⁵

Calda do Amarelo

Lã fiada já tingida de Azul (ou para outros processos de tingimento lã branca fiada)

Água

Trovisco¹⁶

Verdete¹⁷

Cozedura do Lírio: Antes da umação dá-se a cozedura do lírio, fervendo-se o lírio num tacho até ficar bem cozido, depois de cozido deixa-se assentar e escorre-se para outro “vaso”.

Umação: Desfaz-se $\frac{1}{4}$ e 2 onças¹⁸ de pedra-ume na água do lírio, pondo-se a lã (lã fiada e azul) já molhada (que fique coberta pelo líquido) e deixa-se ferver durante uma hora.

Modo de preparação: A lã já tingida de azul mete-se na calda do amarelo. E assim, o que era azul sai verde e o que era branco sai amarelo. Ou seja, efectua-se o mesmo procedimento que se utilizou para tingir de amarelo. À parte da cozedura e da umação coze-se mais lírio em água limpa e depois de tirado o lírio, mistura-se nesta água uma tigela de urina, tornando-se a meter a lã que saiu da umação e vai ao lume onde ferve até uma hora. Depois arreda-se e em arrefecendo bandeia-se a lã em água clara.

Obs.: Conforme o azul já era mais ou menos carregado, mais ou menos espelhento sai o verde. Quando quer que resulte verde escuro (verde ferrete) durante o processo de umação coloca-se uma porção de caparrosa.

15 A receita apresentada refere-se ao Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985. No entanto, Maria Inácia Calhau em 1920 apresenta três receitas diferentes para tingir a lã de verde utilizando para isso o **trovisco** (apanhado nos campos nas barreiras, durante a primavera) e **verdete** (acetato de cobre, óxido de cobre ou tinta de azebre), este último no processo de umação. Para o efeito eram utilizadas as folhas do trovisco, partido unido e verde. Para a umação ferve-se um tacho de água, deita-se uma porção de verdete e metem-se as meadas de molho. Enquanto as meadas estão de molho coze-se o trovisco já partido e ferve num tacho até deixar a tinta e coa-se em seguida. Depois escorre-se as meadas que estão no molho, são medidas no tacho onde está a tinta e deixa-se ferver. As primeiras meadas resultam verde mais escuro, para mais claro deixa-se a tinta de um dia para o outro. Segundo Maria Inácia Calhau, uma outra receita, também esta utilizando o trovisco, processa-se da seguinte forma. Primeiramente molham-se as meadas e põem-se a escorrer, de seguida coloca-se um tacho ao lume com água e depois de ferver deita-se uma porção de verdete e metem-se as meadas até ferverem. Em fervendo, tiram-se as meadas para fora e põem-se a escorrer. Coze-se o trovisco e depois de cozido coa-se por uma peneira e põe-se ao lume a ferver, mete-se as meadas e espalham-se bem deixando a ferver por uma hora. Passando uma hora tiram-se para fora e deitam-se num alguidar até ao outro dia, enxaguam-se até deitar água limpa, estendido-se à sombra. Uma última receita para tingir verde (verde umado) efectua-se apenas com verdete, este ferve-se num tacho de água e de seguida metem-se as meadas de molho, as primeiras para mais escuro e as seguintes para mais claro.

16 Utilizado em duas das três receitas, apresentadas por Maria Inácia Calhau em 1920, para tingir a lã de verde.

17 Utilizado nas receitas de Maria Inácia Calhau em 1920 como mordente durante o processo de umação.

18 Onça é um peso antigo, valendo cada onça, 28,69 gramas.

Para tingir a lã de ROXO

Decoada¹⁹ quente

Lã já pronta do encarnado

Pedra-ume²⁰

Pau-Campeche²¹

Modo de preparação: A lã já pronta do encarnado mete-se em decoada quente, mas não precisa ir ao lume. Está o tempo que parece suficiente e depois enxagua-se.

Obs.: A decoada querem, algumas tintureiras, que seja por força a lixívia que passou pela roupa da barrela. Em vez de decoada quente há quem se tenha servido de qualquer cenrada ou lixívia com o mesmo resultado.

19 Água com cinzas, sabão azul e branco e lixívia. Esta mistura era coada e servia também para branquear a roupa.

20 Utilizado nas receitas de Maria Inácia Calhau, em 1920, como mordente durante o processo de umação.

21 Utilizado nas receitas de Maria Inácia Calhau, em 1920, na preparação do tinto para tingir de roxo. As cascas do pau-campeche juntamente com a decoada resumem o modo de preparação do tinto roxo. No entanto, Maria Inácia Calhau, não apresenta claramente o processo a efectuar para a preparação do tinto, deixando só como referência alguns utensílios necessários.

Para tingir a lã de VERMELHO²²

Trovisco

Pau-Brasil (uma onça²³ e meia de pau bom tinge 2 arráteis²⁴ de fiado)

Lã branca fiada e já em meadas

Água

Pedra-ume

Urina (durante a preparação do tinto para fixar a cor)

Cozedura do trovisco: Ferve-se o trovisco num tacho, até ficar bem cozido e depois deixa-se assentar e escorre-se a água para outro vaso e pisa-se bem o pau-Brasil.

Umação: Pisa-se bem a pedra-ume – ¼ e 2 onças de pedra-ume – e desfaz-se na água do trovisco, seguidamente mete-se a lã já molhada que fique acravada no liquido e ferve-se pelo espaço de uma hora.

Modo de preparação: Deita-se metade de uma onça e meia de pau-Brasil num taleigo e mete-se dentro de um tacho de água e põe-se ao lume até principiar a fervura e tingir a água de cor de carne. Depois tira-se o taleigo para fora da água e nessa tinta mete-se o fiado já umado e ali se deixa estar por algum tempo. Posteriormente, tiram-se as meadas e põem-se a escorrer sem torcer. E como a tinta não costuma ficar boa deste primeiro olho ferve-se na mesma água outra porção de pau, acrescentando água se for preciso, porque as meadas devem ficar acravadas, torna-se a meter o fiado e assim se repetem estas operações até ficar o vermelho com a cor que se quer. Não podemos esquecer, que quase no fim da fervura, antes de meter a lã, lança-se uma porção de urina. Não se lhe põe antes para não arroxar, porém, e logo que arroxar deita-se-lhe então uma pedrinha de pedra-ume e aclara a cor. Dão-se também vários olhos na lã, deitando em cada olho, bastante urina. Desta cor tiram uma só.

Obs.: Costumam aproveitar para esta tinta as sobras da calda que ficou do encarnado e do cor de rosa.

22 A receita apresentada e descrita consta do Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985. Maria Inácia Calhau (Lembranças e Receitas de 1920) não nos deixou documentada a receita para vermelho.

23 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas, neste caso onça e meia equivale a 43,035 gramas.

24 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 2 arrateis equivale a 918 gramas.

Para tingir a lã de COR DE ROSA e COR DE CARNE²⁵

Calda que ficou do encarnado

Lã fiada já em meadas

Água

Pedra-ume

Greda (Argila)

Umação: Desfaz-se pedra-ume pisada e bem moída – ¼ e 2 onças²⁶ de pedra-ume chegam para dois arráteis²⁷ de fiado e em cada arrátel de fiado costumam entrar 4 meadas depois de desengredadas²⁸ – em água clara da fonte, quanto baste para acavar a lã. Seguidamente, pega-se nas meadas do fiado já desengredado e molham-se em água pura para depois se colocarem na água umada. Molham-se até ficar o fiado todo umado e sem manchas. Depois vai ao lume e ferve o fiado na água umada uma hora bem puxada, mas basta uma fervura pouco aberta. Por fim, arreda-se e deixa-se estar até arrefecer o liquido, o que demora cerca de uma hora.

Modo de preparação: Mete-se a lã nova já umada na calda que ficou do encarnado, mas sem novo pau. Assim, a lã vai saindo tinta, primeiro de cor de rosa, depois de cor de carne, esta última é a mais desmaiada que fazem.

Obs.: Estas cores podem-se carregar à vontade com mais ou menos pau que novamente se ferva na calda.

25 A receita apresentada e descrita consta do Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara *in* Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985. Maria Inácia Calhau (Lembranças e Receitas de 1920) não nos deixou documentada a receita para cor de rosa e cor de carne.

26 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas.

27 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 2 arráteis equivale a 918 gramas.

28 Remover a greda - cré, argila - da lã, que serviu para tirar o azeite da lã utilizado na cardação. Põem-se a secar ao sol até secar a greda - argila -, de forma que sacudida a meada salte a greda fora. Depois lavam-se as meadas em água.

Para tingir a lã de COR DE PULGA²⁹

Lã preta lavada, fiada e já em meadas

Água

Tinta do vermelho

Pedra-ume

Trovisco

Pau-Brasil (uma onça³⁰ e meia de pau bom tinge 2 arráteis³¹ de fiado)

Urina (durante a preparação do tinto para fixar a cor)

Cozedura do trovisco: Ferve-se o trovisco num tacho, até ficar bem cozido e depois deixa-se assentar e escorre-se a água para outro vaso e pisa-se bem o pau-Brasil.

Umação: Pisa-se bem a pedra-ume – ¼ e 2 onças de pedra-ume – e desfaz-se na água do trovisco, seguidamente mete-se a lã já molhada que fique acravada no liquido e ferve-se pelo espaço de uma hora.

Modo de preparação: Deita-se metade de uma onça e meia de pau-Brasil num taleigo e mete-se dentro de um tacho de água e põe-se ao lume até principiar a fervura e tingir a água de cor de carne. Depois tira-se o taleigo para fora da água e nessa tinta mete-se a lã preta, lavada e ali se deixa estar por algum tempo. Posteriormente tiram-se as meadas e põem-se a escorrer sem torcer. E como a tinta não costuma ficar boa deste primeiro olho ferve-se na mesma água outra porção de pau, acrescentando água se for preciso, porque as meadas devem ficar acravadas, torna-se a meter o fiado e assim se repetem estas operações até ficar o vermelho com a cor que se quer. Não podemos esquecer, que quase no fim da fervura, antes de meter a lã, lança-se uma porção de urina. Não se lhe põe antes para não arroxar, porém, e logo que arroxar deita-se-lhe uma pedrinha de pedra-ume e aclara a cor. Dão-se também vários olhos na lã, deitando em cada olho, bastante urina.

Referências Bibliográficas:

RIVARA, J. H. da Cunha – *Memórias da Villa de Arrayolos*. Parte II. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1985, 128 p.

Lembranças e Memórias de Maria Inácia Chaveiro Calhau – Receitas de 1920

29 A receita apresentada e descrita consta do Receituário de Tinturaria de 1834 documentado por Cunha Rivara in *Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II*, 1985. Maria Inácia Calhau (Lembranças e Receitas de 1920) não nos deixou documentada a receita para cor de pulga.

30 Onça é um peso antigo equivalente à décima sexta parte do arrátel, valendo cada onça, 28,69 gramas, neste caso onça e meia equivale a 43,035 gramas.

31 Antigo peso de dezasseis onças, equivale a 459 gramas, neste caso 2 arrateis equivale a 918 gramas.

ANEXO IV – Exemplos de Tapetes de Arraiolos



Fig. 27 - (Cópia de tapete datado do século XVII pertencente à coleção do Museu das Artes Decorativas Portuguesas – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva)
Coleção Câmara Municipal de Arraiolos



Fig. 28- (Cópia de tapete datado do século XVII pertencente à coleção do Museu Nacional de Arte Antiga)
Coleção Câmara Municipal de Arraiolos

ANEXO V – Tapetes de Arraiolos – Exposições e divulgação

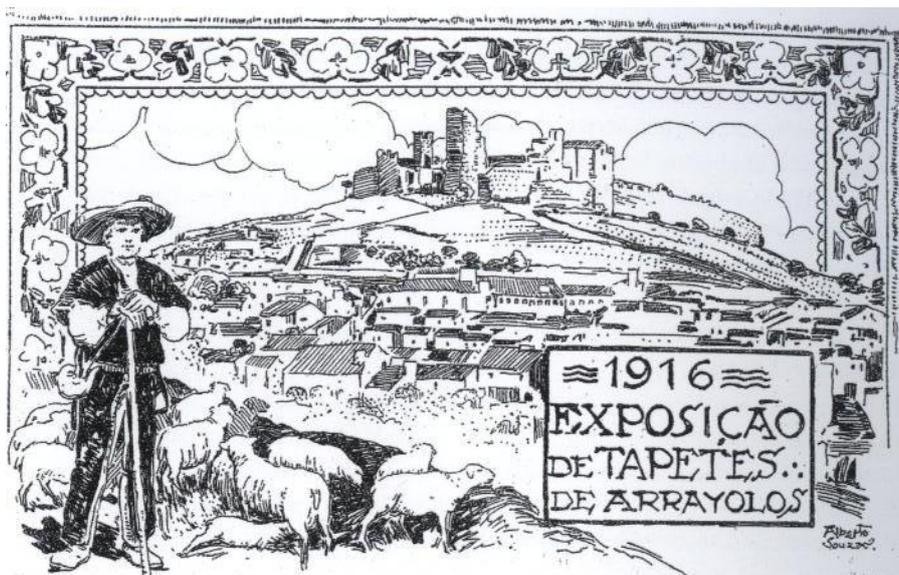


Fig. 29 – Cartaz da Exposição de Tapetes de Arraiolos no Convento do Carmo em Lisboa (1917)
Fonte: Lopes: 2009, 48.



Fig. 30 – Visita da chefe e das vigilantes da Cadeia das Mónicas à Exposição de Tapetes de Arraiolos, nos salões do jornal *O Século*, a 22 de Dezembro de 1937.
Fonte: ANTT: Empresa Pública Jornal O Século: álbum n.º 048 [letra L – 8ª e última parte], fotografia 2668L



Fig. 31 - Cândido Liberato, A questão dos tapetes I, Artigo do Jornal – Semanário “o arraiolense”, José Joaquim Sofio – Numero 6, Arraiolos, 21 de Maio de 1936.

Dir. de António José Agostinho
Propriedade da Empresa de «O Arraiolense» (em organização)

Redacção e
Rua Alexandre
ARRA
Composto e lit
Social de M

O arraiolense

Edição de José Joaquim Sofio

semanário regionalista

Administração de Gregório

A questão dos tapêtes

II

Essa exposição (prosseguindo o assunto do artigo transacto), tinha dois objectivos distintos e por igual importantes: insistir junto das entidades oficiais pela criação da já falada escola perante o exemplo frizante da importância artística que a indústria teve (a exposição era principalmente histórica) e da possibilidade que tem de se perder por completo ou abastardar criminosamente, o que ainda é pior, se o Estado não assegurar para sempre a sua pureza primitiva e o seu elevado sentido artístico, por meio de um curso instalado que não esteja à mercê de épocas ou de interesses industriais que poderão ser muito respeitáveis mas somente até onde não firmam um património artístico que não é só arraiolense, nem só alentejano, mas português; razão da maior responsabilidade daqueles que mais perto da sua origem vivem e que tanto o poderão salvar como matar sem escrúpulo (A).

Isto quanto ao primeiro dos objectivos. O segundo é que, ainda que se conseguisse a criação da escola não deixaria de ter oportunidade, era uma propaganda ampla e preciosamente documentada, honesta e grande do verdadeiro tapête de Arraiolos de ontem e de hoje.

Objectivo este da maior importância em Lisboa, onde tão fácil é encontrar tapêtes etiquetados de Arraiolos, sem que todavia seja possível encontrar um tapête genuíno de Arraiolos — em desenho, em ponto, em qualidade, em cores.

A par desta propaganda visual fazer-se-ia a conferência esclarecedora e instrutiva, para o que já havia uma relação de individualidades a convidar, que muita honra e interesse literário dariam a esta manifestação de vitalidade da vila de Arraiolos.

Ocasião em que o nome desta terra, bela e acolhedora, seria proalado com insistência por toda a imprensa e por todos os recantos, e com o maior interesse nos meios artísticos portugueses.

Era desejo da comissão que a exposição fôsse visitada por uma excursão, o maior possível, de arraiolenses, fazendo-se acompanhar pela sua filarmónica, devendo nessa ocasião, se a Comissão o conseguisse, como era seu desejo, realizar um concerto radiofundo por uma das nossas principais emissoras.

Porém de tudo isto teve de desistir-se pelas razões já apontadas. Propositadamente nada se fez sair do estreito âmbito de iniciais números de programa por se não saber das possibilidades materiais de realização que depois, como se disse, se verificou não serem suficientes.

E se aqui faço menção destas coisas, é por pensar que não deve ser a população de Arraiolos, a principal interessada, ignorante delas.

Cândido Liberato.

A — No desejo de que as minhas palavras não possam ter uma interpretação errada da sua principal intenção, desde já declaro que não pretendo com elas atingir a preciosa actividade artística da sr.ª D. Jacinta Leal Rosado, a quem a tapeçaria arraiolense deve dos mais prestiosos serviços; amante duma justiça rectilínea e elevada, não faria a condescendência, mas só a glorificação, dos que trabalham guiados pela infunção divel característica da indústria, no mesmo tempo que terei que censurar impietosamente quem, moneprezando a arte, com intuitos de lucro, fizer o contrário.

Só assim os tapêtes não cairão de novo numa época de desinteresse como a que já atravessaram e de que foi difícil arrancá-los.

Não seria precisa esta nota, mas sempre pode haver quem não queira ver bem. — C. L.

PEDIMOS a todos os nossos prezados assinantes o obsequio de nos avisarem de qualquer falta na distribuição de

Alentejanos!

Filii-vos no Gremio Alentejano. Ele representa em Lisboa a nossa grande provincia e carece do nosso

NOTÍCIA

PATRIMÓNIO ALENTEJANO

Várias vezes os jornais alentejanos têm feito amargos protestos contra a usurpação que é costume fazer-se, em desfavor dos nossos museus e bibliotecas, de objectos de valia artística e literária na nossa região encontrada ou existentes, para tomarem lugar nos museus e bibliotecas da capital, numa centralização prejudicial ao desenvolvimento artístico transtagano, e a que é bom não deixar de acrescentar todos os consequentes prejuizos que dêsse advêm.

Acabamos de ler que, por determinação do sr. ministro da Educação Nacional, vai ser cuidadosamente inventariada pelo sr. director da Biblioteca Pública de Évora e por um funcionário superior da Biblioteca Nacional de Lisboa, a preciosa livreria da Marinha, do falecido visconde da Esperança, que foi uma das mais ricas, senão a mais rica, bibliotecas particulares portuguesas, a qual faz parte de vastas bibliográficas, do mais alto valor estimativo, histórico e literário.

Não sabemos se depois de concluido o trabalho a que nos referimos a antiga Biblioteca do Visconde da Esperança tomará, integralmente, arrumação na Biblioteca Pública de Évora, como foi desejo do seu falecido e estudioso proprietário.

Fazemos votos porque as entidades eborenses tomem as providencias necessárias a fim de que se não venha a dispersar mais esta parte do património artístico e literário alentejano, dando-se-lhe o lugar que por direito lhe compete.

Se não é esta a intenção do inventário aqui deixamos, como alentejanos, o nosso alarme aos colegas que melhor sejam escutados.

MA' MENOS UMA NAÇÃO NA TERRA

Com a entrada dos italianos em Addis-Abeba considera Mussolini a Abissínia conquistada e como fazendo parte do território italiano.

Se de facto nós estamos no segundo quartel do século XX é colisa difícil de saber-se, em face da facilidade com que a sede imperialisista de um homem aniquilou a existência de uma nacionalidade juridicamente constituída e independente, sacrificando milhares de vidas humanas.

Esperamos agora ver como a Sociedade das Nações vai pretender manter o seu poder e a segurança dos pequenos países. Tão será o que se deixar dormir sob a sua guarda...

TUBERCULOSE

Já foi aviltado na imprensa da nossa provincia a instituição da Assistência aos Tuberculosos do Alentejo, a exemplo da Assistência aos Tuberculosos do Norte com sede no Porto; Coimbra também tem já montado e a funcionar um lar

memória duma Mãe

Sabels qual é o tesouro
Que equivalência não tem,
E vale mais do que o ouro?
— E' o ternio amor de Mãe!

Minha Mãe All Minha Mãe
Que lindo nome meu Deus!
A nossa Mãe é, na terra,
O que os anjos são nos Céus!

Minha Mãe All Minha Mãe
Abre os braços, faz o ninho
Para eu adormecer,
A' sombra do teu carinhol

Edlitan.

plenamente em largueza e em critério a obra que dela esperam certos espiritos exigentes, constantemente insatisfeitos.

Continuando a persistência da presente dispersão seria aconselhável a organização de uma instituição destinada a cuidar dos tuberculosos pobres do Alentejo, mas ainda seria preferível a fusão, num só dioco, com tendência a alargarse rapidamente, de todos os serviços existentes sob a égide zelosa e tenaz do Estado.

O que é necessário, como obra da mais levantada importância social, é recolher, depressa, os tuberculosos pobres que por todo o lado abundam, e tratá-los humanamente, como gente que são!

O MOVIMENTO FUTURISTA

Quando há vinte annos, pouco mais ou menos, a Europa assistiu ao desenvolvimento da idea futurista na literatura e na arte, perante a audácia e a aliaz desculpável precipitação do lançamento de idas novas tententes a derrubar o comotismo rolmeiro dam decrépito academismo sem novidade, o seu primeiro movimento foi de revolta e depois de desdem.

Porém o futurismo, hoje melhor compreendido por modernismo, de que foi o principal orientador e lançador Marinetti, venceu ao mesmo tempo que ia limando as mais graves arestas, tornando-se a pouco e pouco um movimento quasi sério, acerte e considerado, um pouco forçadamente, é verdade, pelos que foram os seus primeiros adversários.

E' um movimento apregoando uma estetica, uma moral, uma arte absolutamente nova, desobedecendo absolutamente novas, desobedecendo aos preconceitos e convenções estabelecidas.

Porém, quando a Itália fez a guerra à Etiópia, Marinetti que é fascista foi para a A'frica e de lá cantou em estrofes provocantes as belezas e os encantos da guerra e das subsequentes pestes e outros horrores.

Ninguém teria nada com as predilecções politicas de Marinetti, homem de um tão lúcido espirito; mas perante a sua surpreendente atitude sobre a carnificina humana, toda a gente foi forçada a reconhecer os prejuizos que isso causou ao

Fig. 32 - Cândido Liberato, A questão dos tapêtes II, Artigo do Jornal – Semanário “o arraiolense”, José Joaquim Sofio – Numero 7, Arraiolos, 28 de Maio de 1936.

Redacção de António José Agostinho

Propriedade da Empresa de «O Arraiolense» (em organização)

Redacção

Rua Alameda

ARRAIÓLOS

Composto

Social de

o arraiolense

Edição de José Joaquim Sofio

semanário regionalista

Administração de Gre

A questão dos tapêtes

III

Pensando ou não na realização da exposição na próxima época expositiva ou noutra, o que é absolutamente necessário é não deixar de pensar na criação da escola.

Se a exposição teria uma considerável importância como motivo de propaganda e divulgação da boa tapeçaria, a criação da escola tem uma importância ainda maior por vir assegurar para sempre, aqui em Arraiolos, o funcionamento honesto da confecção tapeteira.

Contudo ainda é possível que se torne necessário fazer a exposição para reforçar tudo o que se fizer pela criação da escola. Isso porém é assunto a averiguar ainda com a maior seriedade possível, pesando bem todos os benefícios que daí adviriam, o seu custo e quem o deve dar e a forma mais segura de lhe dar a praticabilidade conveniente.

É mister que pensemos alguma coisa adiante ou, como talvez seja melhor dito, atrás para ver o mais que se fez no sentido de enraizar esta ideia de pôr aqui uma escola, a fim de se ver o mais que pode fazer-se em seu seguimento lógico e natural.

Tudo a pôr em acção sobre isto o deve ser em mira de uma meta clarividente: a criação de uma escola técnica da tapeçaria arraiolense, indispensável à segurança futura da arte criteriosa de a confeccionar.

Pela leitura da «carta aberta» aqui publicada se verá o que oficialmente se tem feito e que supponho ser do conhecimento daquela meia dúzia de arraiolenses que isto tem acompanhado.

Deve-se isto a uma campanha jornalística que por certas divergências de pormenor doutrinário sobre o que é e deve vir a ser a tapeçaria de Arraiolos teve o condão de fazer pronunciar apaixonadamente sobre o assunto, opinando unanimemente pela necessidade absoluta da criação em Arraiolos da escola discutida nomes de grande evidência no professorado técnico alentejano: dr. Santos Garcia, até há pouco director da Escola Industrial e Commercial de Gabriel Pereira de E'vora; José de Sá Lemos, director da Escola Industrial de António Augusto Gonçalves de Estremoz; dr. Albino Lobo, antigo professor da Escola Industrial de Fradesso da Silveira de Portalegre; Casimiro Mourato, professor-secretário da mesma Escola.

E ainda o professor de ensino liceal particular, director do Instituto Académico Eborense, Augusto Leitão. Não conto é claro aqueles que mais directamente podem estar interessados na criação da Escola por serem arraiolenses, ou tão amigos da terra que como tal possam ser apontados de coração, que também se pronunciaram e entre os quais se encontra o professor de pintura da Escola de Belas Artes do Porto, Simão Dordio Gomes.

Isto é desvanecedor para Arraiolos e bem servirá para mostrar aos arraiolenses ainda colocados num indiferentismo cómodo a grandeza da questão, grandeza refletida em ampliação no campo belo das artes regionais populares portuguesas.

Em a ter provocado muito já me poderia desvanecer se para esta labuta não encontrasse como única compensadora satisfação a realização da sua intenção, final: a escola de pé. De que sairiam beneficiados unicamente a vila de Arraiolos e a arte alentejana e portuguesa. Não é pouco, parece bem. O que é necessário fazer?

Proseguir os esforços. Com método, vistas largas, energia e condimentação de uma pouca de teimosia que não chegue a tornar-se como irritante, persistência.

Num próximo artigo aqui se dirão as leis que facultam a acção, alargamento possível que a escola poderá ter e de como a Direcção Geral do Ensino Técnico tem prevista já há muito a criação em Arraiolos da Escola que se deseja.

Festas da Caridade

Li no «Arraiolense» e «Democracia do Sul», e também por alguns amigos fui informado mais detalhadamente, de que vai haver em Arraiolos, grandes festas em Junho próximo.

Festas da Primavera se chamam. O nome é lindo, e o fim muito simpático, visto que o producto ilíquido será nobremente aplicado, uma parte para a Sopa dos Pobres e desempregados, e outra para a Filarmónica e Bombeiros.

Muito e muito, bem!

As festas, são sempre motivo de alegria e movimento em qualquer terra; e, então, quando são feitas com fins altruistas como estas, revestem-se duma grandeza tal que até mesmo as pessoas, que por qualquer motivo a elas não podem assistir, lhes dão todo o apoio e todo o aplauso.

Alegrou-nos a novidade recebida de que está constituído um grupo de arraiolenses de boa vontade, que activamente trabalha para se levar por diante a ideia da reconstrução da praça de touros.

É animador ver e sentir-se, que a nossa terra caminha a passos certos e firmes, para o progresso, para vir a ser o que deve ser: uma pequenina — grande terra!

Seiudo a praça reconstruída — o que será com certeza, — visto estarão nisso medidas pessoas de valor e grande actividade, aí fica a nossa Arraiolos com um recinto fechado, e apropriado, para todas as festas e distrações, quer graciosas ou pagas.

Que bonitas festas ali se podem depois fazer?

Corridas, concertos, descanes e danças populares, exposições, companhias de circo, etc., etc., tudo, enfim, que dê dinheiro para ser aproveitado em favor de tudo o que seja solidariedade para com todos os da nossa terra e concheio, que dela necessitem.

Servirá ainda, para festas escolares, demonstrações ginásticas, exercícios ritmicos, canto coral e tudo o mais que dê alegria à pequenina, ao mesmo tempo que se eduque moral e fisicamente.

Vamos, finalmente, ter uma fonte de receita permanente, visto que estando todos unidos, uns darão a sua intelligéncia e esforço, e todos, o seu óbulo — concorrendo desta maneira para que Arraiolos seja aquilo que tem direito.

O momento é favorável; não percamos portanto a oportunidade de o aproveitar!

A propósito de festas de caridade, devo dizer que assisti há dias no magestoso teatro de Garcia de Rezende, a uma das récitas da revista «Palhas e Moínhos», muito interessante toda ela e com a maioria dos seus números lindíssimos, sendo interpretados apenas por amadores que, sem excepção, desempenharam os papeis a seu cargo admiravelmente bem.

O producto destas récitas é destinado ao Asilo da Infância Desvalida e outras casas de beneficéncia.

Vem! isto para mostrar que em E'vora, continuamente andam comissões de — bem fazer, — arranjan-do festas e angariando fundos que depois vão dulcificar dores e enxugar lágrimas!

Na nossa terra vai começar a

o razão, o pensamento

Se o homem não tivesse em si, num grau mais ou menos elevado, a facilidade de discernir, de compreender a verdade e as ideias universais, não seria um ser intelligente e não poderia distinguir-se dos outros animais.

Ora essa facilidade que reside no homem, que é só dele, que põe a sua intelligéncia em contacto com o mundo exterior, com aquilo que o rodeia e o torna apto a assimilar, a perceber principios invariáveis, é que se chama razão, duma forma geral sinónimo de intelligéncia e em muitos casos percepção intuitiva dum conjunto de ideias e de virtudes, formando o dominio da razão ou o privilegio do entendimento.

Mas não devemos de confundir razão com raciocínio. A razão assimila, recolhe, faz a junção daquilo que o homem vê e observa.

Raciocínio é o trabalho da razão. Raciocínio é a máquina, razão a fibra que a impulsiona. Pode haver, e há, razão sem raciocínio, mas nunca raciocínio sem razão.

Razão aprende, raciocínio deituz, forma juízos, tira corollários e ilações, quer com o concurso da consciência, quando se trata dum facto intuitivo, quer com o auxilio das percepções externas, quando se refira a factos materiais.

A sociedade de hoje, porém, nem sempre segue estes principios duma filosofia que é de ontem, que é de hoje, que há-de ser de sempre.

O homem actual não procura, em muitos casos, esclarecer a razão pelo raciocínio. Avança ás cegas, levado pelos conselhos pouco experientes, inspirado pelos audaciosos, tantas vezes medocres, que têm sempre lampada acesa nos departamentos e organismos da actividade humana.

Pior para estes e pior para todos. O mundo caminha. O mundo avança sempre na sua marcha imperturbável e inflexível, mas quanto mais irreflexão e desequilibrado for esse avanço, maior e mais tremenda é a convulsão, o embate, o rugir tumultuoso das multidões sedentas de Justiça e Direito.

Pensamento é o trabalho da intelligéncia impulsionado pela vontade. Mas se se emprega a palavra pensamento para designar os actos da intelligéncia que exigem reflexão, cálculo, meditação, exame, nem por isso pensar é o mesmo que reflectir.

Pensador é um homem que medita, que se aplica a conhecer e a investigar as causas e os efeitos daquilo que o rodeia, daquilo que a natureza apresenta á sua observação.

O pensamento é consequentemente privilegio exclusivo do homem. É mesmo, de todas as demonstrações do espirito ou da intelligéncia humana, a única coisa que com segurança nos pode ser attribuída, quer se revele por actos de virtude, quer se manifeste com batexa moral.

O pensamento, bom ou ínat, no

que todos muito gostamos de ouvir fazer os melhores encontros á nossa linda e hospitaleira Terra.

Fig. 33 - Cândido Liberato, A questão dos tapêtes I, Artigo do Jornal – Semanário “o arraiolense”, José Joaquim Sofio – Numero 8, Arraiolos, 4 de Junho de 1936.

Secção de António José Agostinho

Propriedade da Empresa de «O Arraiolense» (em organização)

Redacção e
Rua Alexan
ARRA
Composto e i
Social de M

O arraiolense

Edição de José Joaquim Sofio

semanario regionalista

Administração de Gregó

A questão dos Tapetes

IV

O que pública e voluntariamente tenho escrito acêrca da tapeçaria arraiolense, pelo amor que tenho à vila que lhe deu o nome e pelo que nela há de artisticamente encantador, de molde a apaixonar os mais consagrados artistas e críticos de arte, criou-me a responsabilidade de não consentir a sua adulteração sem, pelo menos, lavar o meu público protesto.

Já, aqui neste mesmo lugar, disse, que estaria pronto a glorificar os que trabalhem guiados pela inconfundível característica da indústria, ao mesmo tempo que teria de censurar impiedosamente quem, menosprezando a arte, com intuitos de lucro, fizesse o contrário.

Esta condenação tem de cair sobre, seja quem fôr, e amanhã quando pessoas da minha maior estima o fizerem, também as não pouparei porque os interesses artísticos da tapeçaria arraiolense são superiores aos próprios interesses da terra que a criou e lhe deu o nome, portanto muito mais ainda que os interesses individuais de qualquer.

Isto vem a propósito de uma local incerta no número de 12 de Julho do prezado colega de Évora, «Democracia do Sul», sob o título «Grito de Alarme» e subscrito por dois nomes desconhecidos, que aqui transcrevemos na íntegra:

«Levantou-se há tempo aqui neste jornal uma questão sobre tapetes de Arraiolos. Presenciamos a questão como simples mirões; mas quiz o destino, sempre caprichoso, trazer-nos a tratar de assunto similar e algo relacionado com o assunto da primeira questão.

«São poucas as linhas como pouca é a competência de quem as alinhava. Mas elas serão, talvez, bastantes para exarar um voto de protesto contra alguém que, apesar da muita responsabilidade que sobre si pesa como rejuvenescedor da célebre indústria artístico-popular, se abalança a obliterar o virtuosismo colorista que caracteriza e celebra os tapetes de Arraiolos.

«Aqui fica, pois, focado o nosso grito de alarme, cujos ecos esperamos irem tilintar a cada canto da terra da Sempre-Noiva».

O que aí fica diz respeito a Arraiolos e, particularmente nos informaram, é verdadeiro.

E' verdade que não existe, até agora, nenhuma disposição legal que nos possa levar a impedir a particulares de fazerem o que entenderem. Mas trata-se de um caso de consciência e de responsabilidade moral.

Não nos podemos opôr ao que lá fora se fizer em detrimento da indústria, se, dentro dos muros de Arraiolos não houver a consciência da responsabilidade que cabe a cada arraiolense de ser o primeiro a cumprir o que a técnica tradicional marcou à confecção dos tapetes de Arraiolos.

Cada vez mais se verifica a absoluta necessidade da criação da Escola Industrial dos Tapetes, há tanto tempo preconizada. Não chegaram ainda os arraiolenses a vencerem-se dessa necessidade cada vez mais acentuada.

E' necessário pensar seriamente no caso e tratá-lo com vontade de o resolver. Falta a união em massa dos arraiolenses para insistir junto das entidades oficiais.

Pela nossa parte continuaremos a agitar o assunto desejando que os principais interessados nos ajudem.

Cândido Liberato.

António J. Rosado
Espanhol

Com a classificação de 12 valores passou à 6.ª classe do curso de Regentes Agrícolas o nosso estimado con-

O ARRAIOLENSE faz referência a todas as obras de que lhe tenha sido enviado um exemplar.

do Espanhol, pelo que lhe apresentamos as nossas feli-

Primeiro Centenário da Casa Pia



BANDA UNIÃO ARRAIOLENSE

que no passado domingo se deslocou a Évora a abrilhantar as festas do 1.º centenário da Casa Pia e a que se refere o artigo do nosso distinto colaborador sr. Francisco Dordio Rosado

Xada foi saudada á chegada, e por todo o trajecto, desde a Rua da Lagoa até à Praça de Touros, continuou a ser festejada com prolongadas salvas de palmas.

Das 22,30 às 24 horas deu, no edificio da Casa Pia, um

esplêndido e escolhido concerto, de completo agrado geral, recebendo, maestro e todos os executantes, justos e quentes aplausos.

E' vora, a «encantadora», acolheu e homenageou com

distinc
emba
A E
decim
nossas
9 de

Mestre Simão Dordio Gomes

Em gôzo de férias encontra-se nesta vila, assim como sua ex.^{ma} esposa madame Suzi Gomes e seu interessante filhinho, o nosso ilustre conterrâneo Mestre Simão Dordio Gomes, digno professor da Escola de Belas Artes no Porto e a quem devemos o desenho do cabeçalho de «O Arraiolense».

Alentejanos!

Filial-vos no Gremio Alentejano. Ele representa em Lisboa a nossa grande provincia e carece do nosso auxilio para, em proveito do Alentejo, desenvolver a sua utilissim-

A Paisagem Alentejana

em Florbela Espanca,
MÁRIO BEIRÃO
e MONSARAZ
e HORÁCIO na Literatura Portuguesa (dois concertos)

São dois livros da edição «Gleba» de que é autor o sr. dr. Vítor Santos, a quem agradecemos a amável oferta.

Pelos títulos dos dois livros constatamos tratar-se de duas produções de análise das quais direm o que se nos oferecer depois de lermos os volumes em questão, visto que ainda não tivemos oportunidade de fazê-lo com a atenção com que devem ler-se os trabalhos do sr. Vítor Santos.

Este número foi enviado

Com
realiz
tourad
tomar
ros os
mara
Franc
A t
Grupo
pertan
Não
era te
nizado
que j
guns e
la com

PED
prezado
nos avi
distribu

Fig. 34 - Cândido Liberato, A questão dos tapêtes I, Artigo do Jornal - Semanário "o arraiolense", José Joaquim Sofio - Numero 16, Arraiolos, 13 de Agosto de 1936.

o arraiolense

Edição de José Joaquim Sofio

semanário regionalista

Administração de G

A questão dos Tapêtes

Ficou prometido no III artigo desta série, inserto em 4 de Julho, expôr-se num próximo os caminhos oficiais a seguir pelas entidades e população de Arraiolos para a melhor obtenção da Escola da Tapeçaria que de muita justiça era já estar a funcionar.

Ao falar assim pretendia repôr, mais uma vez, o que há legislado, ou oficialmente escrito que permite a melhor e mais lógica preparação para o seguimento dos trabalhos, de tal modo favorável a esta preterção que pertence à população arraiolense, que chega a admirar não ter aparecido ainda a voz denunciadora duma vontade que devia ser unânime.

Já o artigo deveria estar em formatura pela população metafísica à ordem dos dedos hábeis do compositor-tipógrafo, quando particularmente me informaram da saída, dentro de «breves dias», de um novo diploma reorganizador do ensino técnico.

Esse novo diploma, segundo as informações que nos foram obsequiosamente prestadas, vem alterar profundamente o funcionamento das escolas técnicas existentes, beneficiando umas, prejudicando outras, e dar condições diversas das existentes para a abertura de novas escolas.

Isto é o que se diz nos meios do ensino, não havendo porém, nisto, de certeza senão que se espera há quasi quatro meses a saída de um regulamento reorganizador do ensino técnico.

E' isto suficiente para justificar o meu silêncio; escrupuloso por temperamento, julguei de melhor conselho esperar também a saída desse diploma, não fôsse inoportunamente prestar informações colhidas em fontes revogadas, que poderiam, até, causar embaraços a quem quizesse seguir os trabalhos necessários.

Até hoje nada saiu a público. E' pecha nossa, já com cabelos brancos.

Todos os anos saem novas reformas e novos programas de ensino, esperados desde o fêcho das aulas para só saírem quando o ano lectivo vai já com boa parte passada, entretendo até essa altura, professores e alunos, o tempo bem ou mal para justificar a frequência.

Começa então o trabalho árduo e estenuante para professores e alunos, ficando no final, quasi sempre, estes prejudicados na matéria assimilada.

Deixemos isto que pertence a um capítulo de questões gerais de ensino, bem digno de ser estudado e exposto ao público—neste momento não nos devemos afastar do problema principal para nós, criação e instalação da escola da tapeçaria, sem nos esquecer que uma vez criada fica imediatamente enquadrada e sujeita aos costumes baldões das questões de ensino.

Há pouco dias abriram as aulas, cujo descanso ô não dá a aparência de que se passa no mundo coisa de anormal, a anunciada reforma não deve vir muitas semanas além da abertura. Esperemo-la a ver se nos facilita ou dificulta a criação da escola tão almejada.

Entretanto parece que os arraiolenses ainda se não interessaram por este assunto com vontade de prestar colaboração à sua petição.

Ora, a criação de uma escola técnica para o ensino sério e rigoroso da confecção do bom e tradicional tapête de Arraiolos, a fim de evitar adulterações que se façam ou possam vir a fazer, dentro e fora da vila, assegurando o futuro da indústria artística com vida honesta, com honra para a arte e para as confeccionadoras, não é assunto que possa passar despercebido à população de uma terra que é vigorosa, sobretudo à população culta, a que melhor pode compreender o significado artístico da preterção.

Porque não tomará essa população culta o encargo de promover uma campanha que faça interessar toda a população numa representação geral dos habitantes de Arraiolos com o intuito de pedir a criação da Escola?

NOTÍCIA

IMPRESA ALENTEJANA

Com a devida vénia transcrevemos de «Brados do Alentejo»:

Continuam a ser-nos enviados jornais em que se repelem as transcrições do nosso desprezencioso artigo «A Pequena Imprensa» acompanhando-as alguns colegas—como o «Correio de Coimbra», «Ecos de Alcá», e outros, que não permutavam com «Brados do Alentejo»—de palavras de aplauso que sempre tivemos por distante merecer.

O nosso artigo—exprimindo todavia o nosso sentir—quasi que foi escrito sobre o joelho, sem lhe apelerarmos sequer, ainda o mais benévolo dos acolhimentos que fôsse.

Pelas transcrições viemos porém a saber que o nosso modesto arrazoado traduzia também, com muito expressivo significado, um pensamento que de facto não podia sómente ser gerado em nós.

Felicitemo-nos pois porque assim se interpretsse um sentir mais geral.

Dá-se porém o caso que em 20 de Setembro próximo passado, fazendo referência às transcrições e acentuando que estas eram feitas apenas nos jornais de além fronteiras Alentejo e «salientando o facto para melhor frisar o silêncio, se não desinteresse, que a grande maioria dos jornais da nossa provincia tem patenteado a respeito da imprensa alentejana ou seus congressos.

Não pudemos, ou por outra, não quizemos ser mais explicitos. Pretendíamos sómente dar uma «détaxa» que evidentemente não podia entender-se com o «Arraiolense», pois não faríamos injustiça a um dos jornais do Alentejo mais interessantemente redigido e que nos mereceu desde a publicação do seu primeiro número, a maior simpatia e estima regionalista e profissional—«profissional» dentro do nosso amadorismo jornalístico, é claro, sem profissão própria.

A cearuça não era para ser enfiada por este amável colega para o qual vão mais uma vez os nossos agradecimentos por suas gentis palavras—pois que, «O Arraiolense» apesar de ser dos de mais recente publicação, foi daqueles que desde logo entrou denodadamente na brécha pró Congresso da Imprensa no Alentejo.

Falta-lhe pois, prezado colega, alguma razão para se mostrar, como diz, entristecido por nós. Mas adivinhou—ou alguém lhe disse que—«data precisamente dessa ocasião o silêncio do colega (o nosso) acerca da questão do Congresso».

Caro colega, o seu belo comentário que deve ser relido por todos, mais facilmente deixará ver quem enfiará outras carapuças...

A voz dos povos, quando unanimemente traduz a opinião geral, tem força, e os governantes sabe-la-ão respeitar e satisfazer, pois se trata duma necessidade de cultura social.

CANDIDO LIBERATO.

Sopa dos Pobres

Donativos recebidos nesta semana:

Das Ex.^{mas} Sr.^{as}:

D. Mariana Mira Queiroga—1 canastra de melancias, 1 canastra de melões e 1 alcafa de vogens.

D. Maria Samina Chaveiro—40 litros de feijão.

Uma anónima—1 sacco de melões e 1 cesto de tomates.

D. Jacinta Vidigal Rodrigues—10 litros de grão, 20 litros de feijão frade, 1 canastra de azeitonas e 2 cestas de riltos.

D. Maria Queiroga Chaveiro—3 pães.

A todos os Benfeitores, a Comissão muito reconhecida agradece.

Entretanto permita que lhe digamos que, não tendo nós as costas suficientemente largas para arcar com as responsabilidades do que em matéria do congresso da imprensa alentejana deixou de se fazer, e de que não somos culpados, também não temos ombros que nos façam suportar—o norte orientador da acção regionalista da imprensa alentejana—, como diz.

De resto, fez bem em ditar outras suas palavras de comentário precisamente porque, da sua leitura, resultava toda a resposta que teríamos a dar-lhe.

«Se o colega quizesse...»

Palavras com que termina o «Arraiolense» a sua «Noftaxa»—«Imprensa Alentejana».

Se nós quizessemos, outro poder mais alto se a levantaria e por uma desillusão mais forte passaríamos.

Infelizmente já estamos adiantados na idade, e a experiência colhida do viver, não nos deixa alimentar illusões...

A última. Ail a última... foi... Não fomos nós que calámos no silêncio, prezado colega.

Folheie a nossa colecção e a doutros colegas e volte o «Arraiolense» ao principio... para todos melhor meditarem sobre o caso.

E uma vez que esteve no II Congresso da Imprensa Alentejana e conhece muito bem a resolução da delegação no Conselho Regional do Grémio Alentejano da organização do outro Congresso, procure que dali se diga o que haja feito.

A' rude franqueza das palavras que al ficam n'ada deveríamos acrescentar.

Elas são suficientes para demonstrar ao ponto de desinteresse a que chegou uma imprensa, pelos problemas que lhe dizem respeito e pelos que interessam à provincia que representa, que deu as mais belas provas de união jornalística, conseguindo reunir-se em dois congressos.

A veneranda figura de quem as ditou, a quem a idade, e a experiência colhida do viver, não deixa alimentar illusões, merece o acatamento da mocidade.

Resta-nos agradecer as dasvanceadoras palavras com que é distinguido o nosso jornal, que acatamos com a consciência do justo reconhecimento a que as devemos redimir.

(Conclui na 2.^a pagina)

Este número foi visado pela censura de Évora

Fig. 35 - Cândido Liberato, A questão dos tapêtes I, Artigo do Jornal – Semanário “o arraiolense”, José Joaquim Sofio – Numero 26, Arraiolos, 22 de Outubro de 1936.

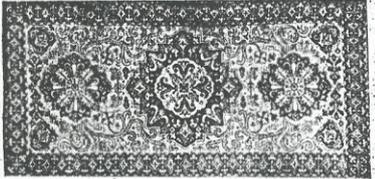
A questão dos Tapêtes

VII

Já o referimos na «Notícia» do pretérito número: o senhorio do prédio onde funciona a oficina de tapeçaria —dizem-nos—despediu a inquilina, o que nos é apresentado como uma «cavadela mais na sepultura» da oficina.

O caso tem que ver-se com independência e desassombro: a manutenção da oficina de tapeçaria interessa enquanto ela for um baluarte da maior pureza da técnica e da característica consagradas, justamente porque têm de ser combatidos todos os fabricos imperfeitos apresentados no mercado como obras da melhor urdidura local.

Ora, D. Jacinta Rosado tem competência suficiente-



(Cópia do tapete para a Embaixada de Portugal em Londres)

mente demonstrada como das maiores executoras das obras primas de arte regional que nos foram legadas pelas antepassadas bordadeiras arraiolenses, mas exactamente porque ela consagra a sua vida à tapeçaria de que vive, a existência da sua oficina só pode interessar—e nós só defendemos a tapeçaria ou o que a possa honestamente servir—enquanto, pelo abandono a que a têm votado, se não vir forçada a abastardar os processos, a fim de melhor fazer a sua luta comercial—e é preciso evitar isso a todo o transe não esquecendo nunca que essa senhora, de qualquer maneira, terá de viver da tapeçaria.

A indústria de tapeçaria tem de salvar-se, não pode deixar-se morrer; a tróco de o país inteiro poder pedir responsabilidades a Arraiolos, e então a actual oficina deve conservar-se como remendo, tomba temporária, ainda que com o auxílio de quem o possa e deva prestar—mas impondo-se como garantia da pureza dos processos e da característica artística inconfundível, nunca como foco de onde na primeira ocasião possam surgir obras menos dignas da designação «de Arraiolos» e contra o que tenhamos que nos insurgir.

Competência artística e conhecimentos da boa técnica tradicional, não faltam à sua proprietária, necessário é que ela tenha o devido amparo material para não ser forçada, pela dura circunstância de viver, a afundar-se nas sinuosidades da luta comercial de que tantas vezes resulta a obliteração da pura arte.

Mas, como dizemos acima, o muito que por este meio se possa fazer em favor da tapeçaria não poderá nem deverá passar de remendo, tomba temporária, porque de definitivo, de baluarte inexpugnável para o futuro da cultura da tapeçaria arraiolense há só um caminho: a obtenção da criação da escola própria porque há anos vimos pugnando improdutivamente.

E quem nos diz que essa senhora, D. Jacinta Rosado, não poderia vir a ser-nos muito útil nessa almejada escola, a coberto, finalmente, das incertezas do futuro?

A Câmara de Arraiolos propunha-se dispôr de uma casa onde fosse instalada a escola quando esta vier a ser criada—e estamos convencidos que o será, ainda que num longínquo futuro—.

Obra benemérita faria a Câmara deixando lá instalar, até à criação da escola, a oficina de tapeçaria com a

Um exemplo de vontade...

A propósito da campanha pró auto-maca dos Bombeiros desta vila, recebemos a carta que a seguir transcrevemos e que era acompanhada da importância de 10\$00, destinados a engrossar as verbas já recebidas para este fim.

O seu autor revela-se um modelo de gratidão e humanitarismo nestas linhas assim concebidas:

Sr. Director de «O Arraiolense»:

Poi pelo seu jornal que eu tive conhecimento da subscrição que os nossos bombeiros abriram para mandar arranjar o seu carro em transporte de docentes e louvo o seu jornal por ter apoiado a iniciativa dos nossos bombeiros.

Com efeito é uma coisa que muita falta nos faz e que se um dia a tivermos, muito útil nos pode ser a todos.

Pela minha parte declaro que envio 10\$00 que vão dentro desta carta e que se mais não dou é porque não posso. Sou um pobre operário com 5 filhos pequenos e sou só eu a ganhar para eles.

Estes dez escudos, Sr. Director, representam o feitiço dum trabalho que eu fiz no domingo de Páscoa, e usando-os porque se não trabalhasse não os ganhava.

Trabalhei nesse dia a propósito para fazer este oferecimento porque eu sei dar-lhe o valor, já uma vez precisei dos serviços dos bombeiros e de muito boa vontade, me auxiliaram sem me levar nada.

Tenho pena de não mandar mais, mas muitos pobcos fazem muito. Agradeço que os entregue à Direcção dos Bombeiros, o que se assina

Um Operário Arraiolense.

Baile das Rosas

Deve realizar-se no próximo domingo, 11, na sala da Sociedade União Arraiolense este interessante baile.

É de esperar que o mesmo tenha larga concorrência, dado o seu ineditismo entre nós.

A Comissão do baile, por intermédio do nosso jornal, pede a todas as senhoras a fineza de se apresentarem com uma rosa ao peito e para que o baile tenha o indizimo brilhantismo.

Segundo consta o par que triunfar na marcha das rosas, receberá um artistico prêmio.

condição, que rigorosamente deveria ser cumprida, de só executar o verdadeiro tapete de Arraiolos.

Seria um largo serviço de utilidade pública, porque o povo também vive da arte, e que garantia, até à fundação da escola, a boa execução da tapeçaria para comércio. Mas que por isto se não deixasse de pugnar pela escola.

Deveria constituir motivo que animasse a mais intensos esforços.

NOTÍCI

O ALENTEJO EM PARIS

Os grandes painéis representando as diversas regiões portuguesas que hão-de figurar na Exposição Internacional de Paris —no salão nobre do pavilhão português, já foram entregues à secção portuguesa da Exposição de Paris.

Entre elles encontra-se o trabalho que representa o Alentejo, encomendado a Simão Dordio.

Esse, quando o pintor, nas suas férias do Natal, andou em E'vora e nos campos de Arraiolos colhendo elementos para elle, estava planeado da seguinte forma:

Primeiro plano esquerdo, dois tipos, masculino e feminino, de rurais alentejanos; primeiro plano central elevando-se a toda a altura do quadro com inclinação para a direita um sobreiro característico; à direita sob o sobreiro, desde o primeiro plano, gados; ao fundo, o casario branco da cidade de E'vora coroado pela sua magestosa catedral.

Há dias o artista referindo-se, em carta particular, ao quadro que acabava de concluir dizia «o meu quadro de E'vora lá está pronto, etc.».

Pois bem, o «Diário de Lisboa» criticava-o da seguinte maneira:

«Dordio Gomes», com elementos muito do seu agrado, pintou o Alentejo. Uma ceifeira, que se ergue junto dum tronco muscueloso de sobreiro, e, por detrás, um segador, a fisionomia em esbôço. A direita visual, potros, pintados com garra de animalista. O fundo do quadro é uma aldeia, curiosa, mas não muito característica do nosso Alentejo».

Decididamente o «Diário de Lisboa» precisa ser trazido em viagem especial ao Alentejo. Ainda há dias al-

CANDIDO LIBERATO.

Fig. 36 - Cândido Liberato, A questão dos tapêtes I, Artigo do Jornal – Semanário “o arraiolense”, José Joaquim Sofio – Numero 50, Arraiolos, 8 de Abril de 1937.

SA
alysação do
os serviços
fornece a
a ilumina-
desta vila.
o óleo com-
sa fornece-
ma, e a Ca-
spõe de re-
que possa
ne a manu-
cobrar pelo
\$800, muito
as terras se
contribui,
destes ser-
situação
o, o facto
es não efe-
como lhes
da energia
de alguns
o com abas-
continua a
com petró-
numero de
reduzido
ceita insu-
nna possa
de, tão im-
lidade pú-
sentes la-
rito impor-
pectivas
agora lhes
reunião de
e comum
Municipal,
o, da qual
do daque-
lar admi-
ite o ser-
que o Mu-
nicipio em-
ontra,
esta solu-
as pessoas
não quel-
rande me-
r-se, colo-
qualquer
luminacio-
no.
nem, que
deste dis-
em o Mu-
cia, forne-
te neces-
o dos ser-
qualquer
a taxa de
realizados
sitos.
de louvar
que ain-
luminacio-
as posses,
m agora,
o, colabo-
nis consu-
a acção
se man-
de pro-
nação elé-
rivo

ELIBROS
Azules
bril
ões, 62
OS

O PROBLEMA AGRÍCOLA

Conversando com o Sr. Dr. José Rosado da Fonseca

Neste lugar—onde saiu a entrevista do nosso número anterior, sobre o Problema Agrícola—publicamos as duas cartas que seguem: uma porque temos de a publicar e outra, a do nosso amigo e colaborador, Sr. Joaquim Mexia, porque a devemos publicar com a sua consideração que nos merecem os nossos leitores e que porventura não conheçam o Sr. Joaquim Mexia sendo agora através das entrevistas publicadas em Brados do Alentejo.

O nosso colaborador Sr. Joaquim Mexia é uma pessoa inteligente que não conhece horas de ócio e emprega os instantes, que lhe possam sobejar do intenso labor das suas obrigações, em ser útil à causa da sua terra—Estremoz e ao Alentejo, sua provincia, como português e patriota, sem ambições nem de subir nem de se mostrar.

Toda a gente que o conhece sabe muito bem que o Sr. Mexia é pessoa bem educada e incapaz da mais leve incorrecção, e pessoa da maior dignidade, não sabendo tratarse com nenhuma desfaçaldade pelo muito respeito que a si próprio se deve.

Sendo intelligente, sabe ouvir e criticar sanamente reproduzir, ainda mesmo aquilo que os outros não sabem dizer-lhe sendo por modo inconvincente e... censuravel.

Os nossos presados leitores, a quem devemos a maior consideração, ficam agora sabendo quem tem sido o autor de todas as entrevistas aqui publicadas e a que temos de tornar conhecida a justiça de sempre terem sido feitas com a mais escrupulosa probidade.

Estremoz, 14 de Julho de 1931.

Senhor Joaquim Niny Mexia, Redactor do jornal Brados do Alentejo.

Li no n.º 24 do jornal Brados do Alentejo subordinado ao titulo—O Problema Agrícola—Conversando com o Sr. Dr. José Rosado da Fonseca—um arrasoado que me deixou atordoado.

Teve V. de facto, uma curta conversa comigo, após a minha recusa em lhe dizer fôsse o que fôsse destinado à publicidade; e só para não cometer a grosseria de indicar a V. Ex.ª o caminho da porta por onde entrara, me levou a consentir na conversa particular e bem curta, que V. pretendia reproduzir.

Não tomou V. quaisquer notas na minha presença, evidentemente para não denunciar o propósito reservado de publicar sem minha autorização o que me ouvira, e, por esse motivo, fez V. reproduzir um amontoado de disparates que eu não proferi. São algumas passagens desse arrasoado parecidas com o que eu disse, mas de forma alguma são a expressão exacta do que me ouvira e muito longe de ser o que eu deveria dizer, uma vez que a minha conversa se destinava a publicidade pela indispensavel explanação que é mister fazer sobre assuntos de tanta monta, que se não podem condensar na estreiteza das palavras que V. me attribue.

Dois ou três exemplos de absoluta inexactidão:

a) Não lhe indiquei nem podia indicar a França como nossa compradora de cortiças, mas antes como uma concorrente com as suas cortiças da Argélia.

b) Não lhe falei em quaisquer argumentos apresentados em defesa do TIPO UNICO por Sua Ex.ª o Sr. Ministro, porque, até hoje, Sua Ex.ª ainda não apresentou nenhum, nem os tais de ordem administrativa que V. refere.

c) Não falei, nem podia falar na decretada mistura de trigo, centeio, e cevada, pela simples razão de nunca o ter sido, nem pelo actual Sr. Ministro da Agricultura; e, se o fosse, também em Portugal seria condemnado pelo tal Delegado de Saúde da França.

Pela amostra os leitores poderão ajuizar do resto.

Peço a V. se digne fazer publicar esta carta no próximo número de Brados do Alentejo e no mesmo local em que publicou o tal «Conversando» e subordinado ao mesmo titulo Problema Agrícola—Conversando com o Sr. Dr. José Rosado da Fonseca.

De V.

Att.º Vnr. e Obg.º

Jos.º Rosado da Fonseca.

Estremoz, 16 de Julho de 1931.

... Sr. Director do jornal Brados do Alentejo.

Junto remeto a V. uma carta que o Sr. Dr. José Rosado da Fonseca me dirigiu, datada de 14 e recebida por um próprio hoje ás 17 horas e meia, carta que peço a fiabilidade de fazer publicar nos Brados do Alentejo, como aquele Senhor solicita, mas seguida desta.

Como simples colaborador do jornal que V. proficientemente dirige, enviei para a redacção o relato dum entrevista que tive com o Sr. Dr. Fonseca e que V. entendeu por bem publicar no número 24.

A minha resposta resumir-se-ia a bem pouco, uma frase apenas, se não fôsem os termos em que vem escrita a carta daquele Senhor e por isso esta terá que ser um pouco mais extensa, de forma a colocar as cousas no seu devido lugar e poder apreciar-se bem de que lado está a razão.

No dia 7 ou 8 do corrente procurei, na Camara Municipal, o Sr. Dr. Fonseca, pedindo-lhe que me dissesse algumas palavras

cialidade, que o mestre era o Sr. Dr. Nunes Mexia, etc., mandando-me entrar para o seu gabinete, apesar de eu lhe dizer que attendava. Ora, em vez de me mandar sair, como na sua carta parece ser seu desejo, antes me mandou entrar, o que é um pouco diferente.

Não tomei quaisquer notas na sua presença porque a minha memória não é das mais falhas e tanto que não tive qualquer propósito reservado é que procurei o Sr. Dr. Fonseca no dia 10, por duas vezes, a fim de lhe mostrar o que havia escrito: uma na Camara onde ainda não tinha chegado e outra no Sindicato (esta até já com uma prova impressa) tendo sabido depois que se ausentara cedo para o campo. E, já doutra vez tive com este Senhor uma conversa destinada à publicidade e não tomei nota alguma na sua presença, mostrando-lhe só depois o que havia escrito.

Diz o Sr. Dr. Fonseca que algumas passagens do meu arrasoado são parecidas com o que disse. Tem sua Ex.ª absoluta razão porque o que disse foi muitissimo mais e em termos tão violentos que eu tive que o adotar e transformar para que não succedesse o que me disse nessa mesma conversa: "que nem tudo se pode dizer como a gente pensa, e que aqui ignorava como isso seria"; porém, são a expressão exacta do que ouvi e se estão muito longe de ser aquilo que sua Ex.ª deveria dizer, a culpa não foi minha que não tenho o dom de adivinhar o que os outros pensam, tanto mais que ao despedir-me tive para o Sr. Dr. Fonseca a seguinte frase, que denotou bem não ter eu propósitos reservados: "Bem, isso já me chega e não tomo mais tempo, passe V. Ex.ª muito bem, etc.", os cumprimentos do espolio. Ora, se o que tinha ouvido — e, repito, foi muito mais do que escrevi e em termos impossiveis de reproduzir — me chegava era porque o destinava à publicidade e se sua Ex.ª o não quizesse ver nas colunas dum jornal, nessa altura deveria negar-me a sua autorização.

Quanto ás inexactidões apresentadas por sua Ex.ª devo dizer a V. que o Sr. Dr. Fonseca falou no Tipo Unico e nos argumentos apresentados pelo Sr. Ministro, argumentos de duas ordens, um quanto á fiscalisação e outro (aqui sua Ex.ª até fez uma pequena pausa como que a perguntar o termo proprio) de ordem sentimental — batendo bem as sílabas — porque tolos os estomagos eram iguais; e falou tambem na mistura de trigo, centeio e cevada, dizendo que era nociva á saúde e referiu-se depois ao novo decreto da mistura de trigo e centeio referindo que a percentagem de 20 % era exagerada e tornaria o pão intragavel, pelo menos para nós que não estamos habituados ao pão de centeio.

Quanto á questão da França, nossa concorrente com as cortiças da Argélia, poderia ter havido um pequeno equívoco da minha parte, naturalissimo em casos semelhantes.

E, em conversa que tivemos no domingo, dia 12, depois da publicação do jornal, deante de testemunhas, o Sr. Dr. Fonseca, lendo-me o relato publicado, viu bem que unicamente o que faltava nele era a violencia dos seus termos, que a serem publicados, apenas iriam reforçar o que havia dito, e esta pequena rectificação que eu me pronfiquiei a fazer: dar a cortiça da Argélia á França e tirar da decretada mistura a cevada.

Isto no dia 12.

Por tão pouco tornava-se desnecessário o Sr. Dr. Fonseca ficar atordoado e muito menos escrever uma carta nos termos em que vem a sua.

E, não me alargo em mais considerações, porque pela amostra os leitores poderão ajuizar do resto.

Desculpe-me, Sr. Director, o tempo e es-

Pinceladas rústicas

Tapêtes de Arraiolos

Na cruzada inglória de reproduzir em imperfeitos e rústicos quadros — descoloridas pinceladas no acaso — os retalhos edrios de que se compõe a nossa lúida Provincia, tem-me, por vezes, succedido deparar com assuntos que, pela sua magnitude e superior encanto, nos mostram a nossa incapacidade para bem os sabermos transladar ao papel, dando-lhes colorido e realidade tal que tenham o condão de tornar conhecidos esses retalhos, mesmo daqueles que nunca os viram.

Estão neste caso certas obras d'arte Alentejana que, com o seu estonteamento, só podemos bem apreciar de olhos fechados, fazendo-as reproduzir, no nosso cérebro, iluminados unicamente pela luminosidade que delas próprias se evola, pois que, nessa contemplação muda e cheia de adoração, a nossa fantasia, por mais que queira sonhar, parece que se pára, ou melhor ainda, se transmuda na realidade.

Assim succede quando admiramos um vasto montado, com seus sobreiros gigantes e seculares, estendendo-se em covorcos por todas as elevações do terreno até á linha distante do horizonte, com a sua cor dum tom de azul, mas dum azulado carregado que, reproduzido com realidade numa tela, dará a impressão de fantasia louca nos que não conheçam a paisagem alentejana ou não tenham ainda a retina habituada ás suas cores tão variegadas e extravagantes.

Porém, superior a tudo o que a nossa imaginação possa fantasiar, estão essas maravilhas de arte e paciência que a alma verdadeiramente artistica e o autêntico cariulo maternal da Ex.ª Sr.ª D. Jacinta Leal Rosado souberam fazer renascer ás cinzas do passado, como um grito altisonante, não só á luz clara e forte d'este Alentejo vasto, mas também á luz brilhante de todo o Mundo, de quanto vale esta Provincia.

Tivemos há dias a suprema ventura de podermos admirar, num inepicantel gôso espirital, o resto dos encantadores tapêtes de Arraiolos, que essa sublime artista ainda mantém no seu desmantelado museu — o seu sonho desfeito. E, a par dessa agradabilissima e inesquecivel impressão, recebemos uma outra mais forte e que por isso mesmo profundamente feriu o nosso coração alentejano; foi ao ouvir as magoadas e sentidas palavras da genial tapeteira e ao vermos as lágrimas emoldurando o seu semblante sofredor, perante a triste realidade do desastre final da sua empresa patriótica.

Arraiolenses, Alentejanos, Portuguezes, não haverá quem queira, transformando o seu dinheiro em arte Arraiolense, arte Alentejana, arte Portuguesa, e espalhando-a por esse mundo fóra, ajudar a levantar do esquecimento uma arte que será o orgulho de todos nós?

RAFAEL.

Ilisio de Matos

Advogado e Consultor Juridico
Rua do Ouro, 30, 2.º
Edifício Banco Pinto & Sotto Mayor

Trata de todos os assuntos judiciais e extra judiciais, fiscaes, administrativos, admi-nistração de propriedades, seus arrendamentos e recebimento de rendas.

Hipotecas, e seus registos nas conservatórias, comercial e civil, pagamento de contribuições, reclamações,

Fig. 37 – Rafael, Pinceladas rústicas – Tapêtes de arraiolos, Artigo do Jornal – Semanário “Brados do Alentejo”, Joaquim Ribeiro Gomes – Ano I n.º 25, Estremoz, 19 de Julho de 1931.

Costumes tradicionais

Santo Antão

colada no ermo duns campos confinantes... histórica vila de Veiros, como que perdida...

ela acorem, em piedosa romagem, no da festa, os que, sob o patronato do seu...

antes da festa religiosa, sai em procissão... quando o bem estranho aspecto com os...

último, os bois, em manadas seccio-... nédios, fulvos bambolantes, voltan-

o decair do Sol, que todo o dia ilus-... esta festa meio católica, meio pagã,

ADOZINDA VIEIRA.

Educação Primária

Monam Rafael Grincho e Mar-... Grincho. — Estremoz!

Francisco Antonio Fonseca

aria, papelaria, louças e vidros... as, perfumes, tintas e ferragens

da Republica, 31-ESTREMOZ

ementes de linhaça

ndram-se por alto preço. Em

TAPETES DE ARRAIOLOS

UMA INDUSTRIA QUE SE AFUNDA NO DESINTERESSE DOS ALENTEJANOS

- Onde se vêem os mais lindos Tapetes — Um sonho morto — Uma "voiturete" sacrificada nos tapetes de Arraiolos — Honras sem proveito...

Já havia bastantes dias que tínhamos pen-... sado numa visita a Arraiolos, a Vila branca

A nossa visita porém, nem foi ao castelo... de seis torres, nem ao Solar da Sempre Noiva

A derrocada duma Indústria... A notícia vinda até nós, de que haviam

O silêncio triste daquelas divisões outrora... cheias de bulficio onde a roda de fiar rangia

Nim páteo coberto, tanques de tijolo e... alguidares vidrados guardavam ainda restos

A casa das maravilhas... Numa sala, entre arcas e cadeirinhas

A tintureira da antiga oficina, abre uma... arca — cofre precioso — onde se guardam

O cipreste, sim, que nos disseram simbo-... lizar a alma tendendo para a luz...

Um sonho desfeito

Sim, porque tudo está perdido; a últi-... ma esperança era o Brasil e a Argentina,

Há uns dezasseis anos que a minha vida... se consome entre estas lãs de quinze no-

luz das suas cores a arte popular do futuro... tudo aplanou para eu começar a trabalhar.

Mas, continuando; eu tinha uma gran-... de dificuldade em começar, porque não

Depois desta contrariedade, foi ainda o... Dr. Coimbra que me valeu. Quando deses-

Um bemérito... que não é alentejano

Veio depois a falta de dinheiro, e dificul-... dades várias com a obtenção de materias

A minha doença porém, fez parar os tra-... balhos e mais tarde associei-me com a

O resto, vêm os Senhores e sabe-o toda... a gente, mesmo talvez que, ultimamente,

Dolorosa invocação triunfal

A sua voz dolorosamente entrecortada de... soluções parou e as suas mãos, mãos de

E depois de contemplarmos estes troféus... e de ouvir falar esta senhora, ficou em nós

Transcrevo as palavras de Rajael publi-... cadas já aqui em "Brados do Alentejo",

Do nosso País são eles conhecidos; des-... de que os nossos notáveis Arqueólogos

Foi conferido a esta Senhora o Grau de... Comendador da Ordem de Mérito Indus-

Pincelada

Evora

... Um nevoeiro o casario e mal de... através das suas mãos

... O azul-anil e... se esbatendo a pou

ALU

Recebe-os, como... Grincho. — Estremoz

PERFUMARIAS... L. T. P... Naí... Bens... FARMÁCIA... ESTREMOZ

ALPARCO

REPENICADO & I

DEPOSITO EM

Rua 31 de Jan

O maior e mais c... de ALPARGATAS, E CHINELAS, borracha.

Para interess... comprem sem nos

Fig. 38 - Luís Fernandes, Tapetes de Arraiolos - Uma industria que se afunda no desinteresse dos Alentejanos, Artigo do Jornal - Semanário "Brados do Alentejo", Joaquim Ribeiro Gomes - Ano I n.º 27, Estremoz, 2 de Agosto de 1931.

Brados do Alentejo 17-6-1934

da Cruz Malpique

do da 1.ª página)

tristeza que dilúvio d'al-

la saboreando os meus ve-

o fumo com o café e o café

de seguida, com alegria de

de folhas desse capítulo

ões, li em família, com

caso, nem aborrecimento,

antes,

ro; escrito com cabeça; com

pretenções,

fado, transcrevo os poucos

es:

segunda sempre por tudo",

il está-lhe sempre na boca",

nas escolas perdem cedo a

cer".

é a natureza e afinal con-

faz perguntas é o professor

sa a ser bióloga, por onde há

resposta da criança. Tudo

25, 26 e 27).

ras partes da obra, são tam-

pignas e quasi todas escri-

eriodos, com verdades tão

es, que ainda mais obrigam

er.

l invulgar rapazes destes

teve ódio aos velhos, por

quistado, para a mocidade

das dum paraíso político e

que a vida sociológica de

ultado matemático de todas

icadas do passado histórico,

rel.

o não avança pela esquerda

direita. Segue a direita da

quem olha os aspectos evo-

ocial com os dois olhos ao

ânsia de seguir para o

inho menos errado.

ente, com justa admiração,

Cruz Malpique, dedica este

inteligência clara e carác-

gnífico *sermão*—António

vivo do que deveria ser o

«Não se esqueça nem de

o Fausto de Goethe, de

o Ramos (pág. 283).

em e a sua ideia não sofrem

que cega, nem da decadên-

ta.

alidade não tem supersti-

da filosofia estóica;

cul com a inteligência;

ica-se na plectica contem-

ra; encaixa-se na sedução

éla da poesia, e enfim em

a ser dividente humano,

ca paradoxal.

«Musa do lar». E o seu lar

na vida da sua casa, é

adema familiar de pedregal,

le e querida pequenita,

ndrá a alegria de conhe-

erá sempre as respostas in-

«fatalis porques» que as

na boca.

erências nos jornaes á

da Intellectual.

na sei que em Coimbra tem

ida e que o seu autor tem

a Imprensa da Universida-

«O Homem Visto Por

sem Conto Do Mundo» e

n Vida».

ue a livreria Andrade de

mo recentemente lhe pu-

ante palestra — "Psicologia

devo ainda o prazer de

deias e primorosa de forma;

rrível téio não é um mal!

ola do progresso! — A

ria sem tudo o que se

ntar venho-lo?...

do enfado eterno, continúa

que o progresso caminhe

re...»

démica do dr. Manuel da

ni tragicamente interrum-

neumonica de fúnebre me-

cos dias perdeu o pai, a

idre — um bom prior de

o sustentava nos estudos do

gre.

d, um momento para o en-

sem ninguém, sem nenhum

o a viver da herança pater-

penes por uma nobre e glo-

mo que seu pobre e honrado

o de cada dia.

udantinho brilhante, dei-

estocamente foi trabalhar

o-professores encontraram-

sa feita heroica.

ssores adoram os bons dis-

dos foram contar a Carlos

Uma conferência

do Grémio Alentejano

No dia 10 do corrente, comemorando o 11.º aniversário do Grémio, realizou o sr. Capelão Luiz Alves Martins, dedicado onósico desta colectividade, uma conferência que resultou deveras interessante.

O orador dividiu em duas partes o seu valioso trabalho. Na primeira parte referiu-se à vida do Grémio desde a sua fundação, reportando-se à missão desempenhada nos campos cultural e de beneficência, instrutivo, propaganda, etc., citando as individualidades que maiores serviços têm prestado à colectividade, como sejam Jacinto Fernandes Palma, Manuel Joaquim Louro, engenheiro José Custódio Nunes, Vitor Santos, dr. Agostinho Fortes, etc. Fez o elogio da obra das últimas direcções e prestou homenagem aos beneméritos do Grémio, entre eles aos doutores dos milhares de volumes que actualmente constituem a sua biblioteca.

Na segunda parte, focou os mais importantes aspectos da vida e obra do nosso grande epico e lírico, Luiz de Camões, a quem, disse, todos os portugueses deviam seguir na grande obra nacionalista e humana realizada, e, tanto quanto possível, cultivar e adorar, Camparou Camões aos mais ilustres escritores de todos os tempos, nacionais e estrangeiros, falando de Boccaccio, Dante, Petrarca, etc. Acabou por tecer um hino à alma lusa e a Camões que tão elevadamente a encarnou. O orador foi muito aplaudido.

«Acorda e Migas»

Constituiu um autêntico successo a apresentação desta revista regional alentejana, que pela primeira vez foi levada à cena na séda do Grémio Alentejano, na noite de 9 do corrente.

Os seus autores, srs. Crespo Amador e Pulido Garcia fizeram um trabalho de grande valor como elemento de propaganda alentejanista—pelo que merecem os justos elogios de toda a Província—e encontraram em António Ramos o colaborador preciso para recheiar a revista de linda e adequada música.

A revista, além de pôr em relevo factos da vida interna do Grémio Alentejano, tem muitos números característicos, focando os costumes da região transtagnana e fazendo, também, a propaganda dos seus produtos.

Entre os números regionais contam-se os seguintes quadros: «Cefeiros», «Azeitonas d'Elvas», «A Mantia Alentejana» e «Cantarinhas de Estremoz», este último dedicado à nossa terra.

O final do 2.º acto é de homenagem à Imprensa Alentejana, sendo nessa ocasião distribuídos na plateia, números dos vários jornaes que se publicam no Alentejo.

Entusiasmados pelo êxito obtido, sabemos que os seus autores estão animados do desejo de trazer a sua revista até ao Alentejo, visitando Évora, Beja, Portalegre, Estremoz e Elvas, ideia que achamos muito interessante e proveitosa, porque se em Lisboa ainda há necessidade de «dar a conhecer o Alentejo», aqui há muito alentejano que o não conhece também.

E achamos bem que o Grémio Alentejano queira trazer até à sua província o seu amplexo de confraternização regionalista, com o que muito terá a lucrar a prosperidade da Casa dos Alentejanos, em Lisboa.

ARRAIÓLOS

Os tapetes de fadas

E sobre o brim frio, horrendo!...

Aparece em sacos de cartão, em pacotes de munições incoactáveis, cobrindo cabanos de maltezes e cádiros, em mil e uma utilidades grossas, porcas, ... Mas, que queira? As fadas escolheram-na. Não é bonito, é verdade, mas é forte, é consistente e, as fadas aprobeitam-o. Tecem sobre ele o que, de mais belo, têm as suas inspirações artísticas. São poetas. Cada ponto, um verso, cada correm uma quadra; cada tapete um poema sublime, encantador, e onde, quasi sempre, surge bem nítida a veia poética, a veia artística da sua autora. Na alma das arraiolenses existe um vaso onde, eternamente, arde, não o incenso inebriador, mas o fôr encantadora da sua mocidade, de onde saem lufadas fortes de perfume artístico e ecoador. E que, as bordadeiras de Arraiolos, muitas velhinhas, imprimem da suas obras, de elevado cunho artístico, uma moedade tão insólita e tão preciosa que, quem descolhe o meo, à vista de cada tapete, imagina que todas as bordadeiras são virgins em cujas cavernas palpitam todas as fantasias, todos os sonhos e todas as húsas de um primeiro amor.

Está enganado quem assim pensa ao ter um tapete de Arraiolos—o monumento mais artístico das indústrias alentejanas.—Parece impossível! bordar assim e não ter dentro do peito, no coração, os carões de um primeiro amor, que só se conseguem na mocidade, que já se têm esquecido quando na velhice?

Não pode ser!

Podem! É simples! E, que, cada bordadeira é uma fada e as fadas só têm um amor na vida; tão intenso que as torna eternamente moças, tão intenso que, quando velhinhas, ainda exalam o seu perfume de enlouquecer...

Cada bordadeira é um fado!...

E as fadas bordadas sobre o brim... As de hoje? As antigas? antigas fadas chegam mesmo a treer, do lombo que cultivavam, o pano sobre que bordavam os seus tapetes.

Não se desvirtuam, na sua vocação artística, a substância.

E, sobre o brim frio, horrendo me que, as bordadeiras, velhas e moças, bonitas e feias, mas todas fadas, desenham os seus bordados—tapetes maravilhosos—que o mundo inteiro aprecia e admira... As suas mãos delicadas, guiadas pela sua alma instintivamente artística, vão cobrindo ponto a ponto o brim, desenhando nele combinações de motivos e de cores que se apresentam, sem rixias, como obras primas de industria artistica regional.

Então os bordados foram inventados em Arraiolos? Quem ensinou os primeiros fados?

A sua origem é remota, o século XVI deve ter sido seu berço quando se imitaram as primeiras tapetes e alfarrabos porcas... mas quanto originalidade, quanta novidade não experimentaram essas instituições! Os bordados de Arraiolos, que em tempos não foram só tapetes, mas com que se abalocaram grandemente corações e consciências, exaltaram e mandou, depressa perderam os troços da imitação para darem lugar aos motivos espiritualmente inventados pela sua excecção, a formação visual do conceito de arte de cada uma das fadas, a ponto de, bem depressa, experimentarem com uma verdade estrondosa o espirito e alma alentejana, confundindo quanto os bordados e a província tem de poético, misturando, num só pensamento, a imaginação de quem, com visão de artista, observa o conjunto maravilhoso.

Mas exprimem também com uma exultante verdade, como um elogio grãnde e justo, quanto de amor, quanto de carinho, quanto de simplicidade e pazizo se excentem nos espiritos femininos arraiolenses!

Benditas almas constantemente moças que da arte fazem um dos seus mais intensos amores!...

Cada bordadeira é uma fada!...

Cândido Liberato.

Cartão de Sentimentos

Pelas 13 horas de ontem faleceu nesta cidade a sr.ª D. Teodora Duarte Campos, irmã do sr. Joaquim Teodoro Duarte e Campos, antigo comerciante em Estremoz e Tâmega do sr. Luiz de Sousa Duarte e Campos.

Pedestrianismo

Em viagem de estudo e depois de ter percorrido Espanha, França, Itália, Suíça, Marrocos, Portugal continental e Ilhas, passou há dias por esta cidade o sr. Eurico Nunes da Silva, desportista e estudante do Instituto Industrial de Lisboa.

Este senhor, que anda colhendo em todas as povoações visitadas, elementos de carácter etnográfico para a elaboração de um estudo a publicar, tenciona percorrer ainda alguns outros países da Europa e todas as Colónias portuguesas e de Estremoz segue para o Alto Alentejo e Norte do País.

É portador de grande numero de documentos comprovativos da sua missão e teve a gentileza de nos cumprimentar nesta redacção.

Desejamos que leve a bom termo a sua interessante e útil iniciativa.

Redondo

Nova Câmara—Consta que muito brevemente teremos nova Câmara, constituída pelos srs. dr. Luiz Morais Caeiro, Venancio Coelho Morais e José Martins da Silva, estes últimos grandes proprietários, de quem há muito a esperar. Brevemente daremos informações mais detalhadas.

—Falecimento—Realizou-se no dia 13 o funeral do inditoso moço Manuel Pereira Ramos, filho do nosso querido amigo José Paulo Ramos, chefe da estação Postal desta vila, que uma rápida doença levou à sepultura com a idade de 20 anos. Ao querido amigo e a toda a família, enviamos a expressão mais sentida do nosso pesar.—C.

Gavião

Nos próximos dias 24 e 25 do corrente tem lugar nesta vila a nova feira de S. João, criada recentemente pela Câmara.

Nestes mesmos dias realizam-se também grandes festejos levados a efeito por um grupo de rapazes e que o produto reverte a favor do grupo de foot-ball Gaviãoense e do grupo Nacional de Escoteiros desta Vila.

Será queimado um lindo e vistoso fogo de artifício habilitemente confeccionado por um distinto pyrotecnico, haverá uma garrafeira, estando já contratados alguns agricultores de bois que virão de Arez e Tolosa. Abrihantará estas festas a Banda Dr. Laranjo, de Castelo de Vide.—C.

Fig. 39 - Cândido Liberato, Arraiolos - Os tapetes de fadas, Artigo do Jornal - Semanário "Brados do Alentejo", Joaquim Ribeiro Gomes - Ano III n.º 174, Estremoz, 17 de Junho de 1934.

TAPEÇARIA DE ARRAIOLOS

Por José Féria Teotónio

Antigo Administrador do Conselho de Arraiolos, antigo Governador Civil e antigo Deputado da Nação



José Féria Teotónio

Há vinte anos a manufactura dos tapetes de Arraiolos estava completamente adormecida. Foi na «Terra Portuguesa», magnífica Revista, que o Sr. D. Sebastião Pessanha, iniciou a história e fez sobressair o valor dos bordados de Arraiolos, ocupando-se na mesma Revista, com brilho desusado, o professor Sr. Dr. Virgílio Correia dos monumentos e obras de arte que existem no nosso concelho.

Foi brilhante, foi veemente a campanha insistente da «Terra Portuguesa», encontrando éco fácil na Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde José Queiroz, arqueólogo ilustre e artista distinctíssimo, que conhecia profundamente a beleza das nossas tapeçarias e até anos atrás com elas decorara várias casas solarengas entregues ao seu fino espirito, como a casa do Sr. Dr. José Vians, ao Poço Novo, em Lisboa, a casa de Anselmo Braancamp, ali ao Salitre.

José Queiroz conhecia todos os exemplares dispersos, conhecia a magnífica coleção que José Relvas possuía na sua encantadora vivenda de Alpiarça; assim, fácil foi a esta trindade ilustre organizar e promover a exposição dos tapetes de Arraiolos, que se inaugurou no Museu do Carmo, em Lisboa, em Março de 1917.

Foi um êxito retumbante a notável Exposição, largamente visitada pela Imprensa e pelo público, todos patenteando a sua admiração pelos

trabalhos magníficos que enchiam as paredes alevantadas do Museu.

As mais ilustres senhoras da minha terra viram e sentiram a gratidão da gente do seu País pelos seus trabalhos, que sómente mãos delicadas e almas gentis sabem formar, num conjunto suave de sentimento e de côr.

Lembra-nos, como se fôsse hoje, a alegria infinita de José Queiroz diante dos bordados que anos antes encomendara à Ex.^{ma} Sr.^a D. Angélica Perdigão Carvalho, adivinhando nas côres esbatidas toda a imensidade da alma alentejana, de horizontes vastos e de sentimentos grandes.

Recorda-nos, à entrada, em frente à porta principal, o magnífico exemplar de José Relvas, todo bordado em seda, marcando o sinal duma época que foi grande.

Lembra-nos ainda a demorada visita de Julio Dantas, o grande artista, o consagrado artista, que, durante mais de duas horas, visitou, admirando, as magníficas coleções que tempos depois provocavam uma das suas admiráveis crónicas, que o «Primeiro de Janeiro» publicou assinada pelo brilhante académico.

Pelo País inteiro estava lançada a semente, e ressurgia por toda a parte o desejo de possuir uma tapeçaria de Arraiolos.

Começa então em muitas das mais ilustres casas da minha terra uma faina de produção, tendo as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Lucrecia Ramalho Franco, D. Jacinta Leal Rosado, occupado um importante lugar nêsse novo ressurgimento. As Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Angélica Perdigão Carvalho e sua irmã D. Maria, a Sr.^a D. Mariana de Jesus Perdigão Carvalho e sua gentil filha D. Maria Angélica, a Sr.^a D. Beatriz Felix Dordio e sua irmã D. Felisbela, produziram, a par de tantas outras, bordados de uma magnífica beleza, sobre desenhos muitos dêles fornecidos por êsse consagrado artista que é o meu ilustre conterraneo o pintor Dordio Gomes.

A época de crise que temos vivido desde há anos tem prejudicado a expansão de indústrias como esta, destinada a radioso futuro. De desejar será que melhores dias venham para a nossa terra, que melhor vida,

mais fácil e mais abundante, surja para todos os portugueses, e então a indústria dos tapetes de Arraiolos, como tantas outras lindas indústrias regionais, encontrarão o dasafogo que as desenvolva, dentro do cariñoso ambiente em que sempre têm vivido.

É que nas épocas tristes, de crises duradouras, tudo quanto é belo mirra e séca, para só nos ficar a recordação de necessidades e amarguras, que não se compadece com sentimentos generosos ou com tranquilidades felizes.



Dr. Coelho da Mata
Exerceu filio da Visconde, Leita da Universidade de Coimbra e Director do Banco de Portugal

CENSO DA POPULAÇÃO 31 de Dezembro de 1930

Freguesias	Fugas	Varões	Mulheres	Total
Arraiolos e Santa-na do Campo (Nossa Senhora dos Martires)	1.006	2.219	2.277	4.556
Gafanhoeira (S. Pedro)	292	656	616	1.372
Igrejinha (Senhora da Conceição)	397	759	762	1.521
Santa Justa	160	389	327	716
S. Gregorio	112	467	458	925
Vimieiro e Vidigô (Senhora da Encarnação)	804	1.559	1.523	3.082
	2.771	6.109	5.963	12.072

Fig 40 - Albúm Alentejano, Tomo II, Distrito d Évora, p. 250, 1932.

**LAVRADORES
DE ARRAIOLOS**



Manuel Rodrigues Pereira

Ao dedicarmos algumas páginas a Arraiolos, não podemos deixar de recordar a figura do lavrador Manuel Rodrigues Pereira, falecido em 28 de Fevereiro de 1944.

Alentejano de rija ténpera, grande amigo do trabalho, fazendo da sua actividade um verdadeiro sacerdotio, Manuel Rodrigues Pereira era um protector dos humildes, um benemérito, socorrendo sempre os necessitados quando batiam à sua porta. Sabia, como poucos, acarinhar os trabalhadores. Aos seus filhos soube dar uma primorosa educação, tornando-os cidadãos exemplares, óptimos chefes de família e continuadores da sua magnífica obra.

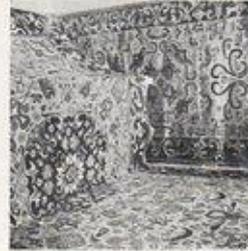
Ao evocarmos o seu exemplo, prestamos homenagem à sua memória.

**OS TAPETES DE ARRAIOLOS
honram a indústria nacional**

A decoração de uma casa, de um palácio, de uma moradia requer, acima de tudo, bom gosto, onde a arte se encontra aliada aos estílos e à combinação das tapeçarias. Uma casa bem decorada constitui sempre um recanto que nos bem-dispõe e alegria o nosso espírito.

Por isso, a aquisição de tapetes não pode ser feita de ânimo leve.

Em Arraiolos, a firma M. J. Pinto Xavier & C., Lda., tem concebido e realizado verdadeiras maravilhas. Temos visto muitas centenas dos seus trabalhos, na verdade encantadores, onde a qualidade se encontra aliada ao mais fino gosto artístico, tudo executado com a melhor técnica; as cores não se alteram com o



Desenhos de fino gosto artístico e cores inalteráveis



Tapetes de Arraiolos só em Arraiolos se fazem...

tempo, porque a firma possui o grande segredo da tinturaria inalterável.

As mais altas individualidades, têm preferido, na decoração das suas

casas, os tapetes de Arraiolos da firma M. J. Pinto Xavier & C., Lda., que pela sua arte, beleza, originalidade e frescura, são inconfundíveis.

Têm aparecido no mercado grossas imitações, motivo por que aconselhamos o público a ter a maior cautela, não se deixando ludibriar por pessoas sem escrúpulos.

A firma M. J. Pinto Xavier & C., Lda., é um nome que possui as mais brilhantes tradições pelos seus processos de trabalho e pela forma como serve os seus clientes. Dizem-no sem qualquer intuito de lisonjear, o que queremos é simplesmente prestar justiça à sua obra, que dignifica a indústria de tapeçarias.

Todos aqueles que visitam o Alentejo não devem deixar de ir a Arraiolos e visitar esta magnífica fábrica. Tenham os leitores sempre presente no seu espírito que tapetes de Arraiolos marca *Kalifa* só em Arraiolos se fazem.

<p>CASA AGRÍCOLA</p> <p>D. Adelaide Rosado Pereira</p> <p>+</p> <p>HERDADES MURTEIRA MONTE DAS PEDRAS E MONTE NOVO</p> <p>+</p> <p>Residência: RUA CUNHA RIVARA ARRAIOLOS</p>	<p>CASA AGRÍCOLA</p> <p>Francisco José Arimateia</p> <p>Correspondente do Banco Nacional Ultramarino</p> <p>+</p> <p>Criador de gados</p> <p>+</p> <p>Produtor de cereais, azeite e cortiça</p> <p>RUA DA IGREJA Telef. 12 VIMIEIRO</p>	<p>FOTOGRAFIA PITEIRA TUDO PARA FOTOGRAFIA</p> <p>—</p> <p>Trabalhos para amadores Retratos para posse e artísticos Máquinas cinematográficas</p> <p>—</p> <p>BAIRRO SERPA PINTO, 30 ARRAIOLOS</p> <p><i>Leia, assine e propague o</i> «Boletim da Casa do Alentejo»</p>
--	--	---

Fig. 41 - Boletim Casa Alentejo, ano XVIII, n.º 182, junho 1952.

ANEXO VII – Presença de Tapetes e Alcatifas nos Orfanológicos do concelho de Arraiolos

1568

Herdade do Outeiro, S. Pedro da Gafanhoeira - Domingos Pires, casado com Isabel Dias

“hua alcatifa de Castella de folhagem e cadilhos vermelhos já uzada que foi avallados em 1 500 reis”

1576

Arraiolos - Ana Rodrigues Juzarte, casada com Manoel Luis

“uma alcatifa, 2 500 reis”

1589

Arraiolos - Mateus Pires Penteado, casado com Ana Dias

“um tapete de duas varas, 1 000 reis”

1589

Herdade de Vale dos Serroes termo de Arraiolos - Susana Luis, casada com Diogo Rodrigues, lavrador

“uma alcatifa já usada, 1 000 reis”

1592

Arraiolos - Gaspar d'Ares casado com Brites Lopes

“uma alcatifa de castela, 1 000 reis”

1594

(Sem identificação do local) - Maria Roiz, casada com António Oliveira

“hum tapete novo (?), 2 000 reis”; “hua alcatifa grande, 5 000 reis”

1597

Arraiolos - Francisco Vieira, casada com Diogo Luis

“uma alcatifa de tres rodas já velha, 400reis”; “uma alcatifa rota, 200 reis”

1598

Arraiolos - Caterina Rodrigues, casada com João Lourenço

“1 alcatifa já usada, 2 000 reis”; “1 tapete da terra novo, 2 000 reis”

1598

Herdade de [] termo de Arraiolos - Lianor Teles, casada com Lopo Martins

“1 tapete já usado pequeno, 1 000 reis”

1599

Herdade de [] termo de Arraiolos - Tome Fernandes Rebocho, casado com Madalena Vidigal

“1 alcatifa pequena de tres rodas, 3 000reis”

1602

Herdade de Vale do fundo - Manoel Bento, casado com Margarida Dias

“huma alcatifa de Castela, 2 000 reis”

1602

Herdade da Pereira (?) - Andresa Gonsalves, casada com Manoel Almeida

“hum tapete pequeno feito na terra avaliado em 600 reis”

1603

(Sem identificação do local) - Antonio Dias Morato, casado com Caterina Rodrigues

“huma alcatifa de Castella, 2 000 reis”; “outra alcatifa de tres rodas já uzada, 1 500 reis”

1603

Arraiolos - Antonio Oliveira, casado com Francisca Goseta

“hua alcatifa de Castella de marque maior da does(?), 5 000 reis”; “outra alcatifa de Castella de tres rodas, 2 000 reis”; “hum tapete grande de campo verde, 600 reis”; “hum tapete pequeno de cores, 500 reis”

1604

Herdade da Guiveira, freguesia de S. Gregório - Manoel Outeiro, casado com Andreza Gonçalves

“hu tapete de cores meao(?), 800 reis”

1608

Arraiolos - Andre Ribeiro, casado com Angelina Mesia

“hua alcatifa de Castella de tres rodas de labores já uzada, 3 500 reis”; “hum tapete verde com huas ; “hum tapete velho, 150 reis”

1608

Arraiolos - Juliana Dordio, casada com Belchior Meirinho

“hum tapete per acabar, 1 000 reis”

1609

Arraiolos - Dona Margarida de Canha, casada com Rodrigues Vasquo de Mello fidalgo da casa de sua Real Magestade

“hua alquatifa da India de cores já uzada, 3 000 reis”; “outra alquatifa de Castella de estrato já uzada, 4 000 reis”; “outra alquatifa de Castella de estrada mais pequena já uzada, 1 500 reis”; “hu tapete de cores estreito com sinquo rodas já uzado, 2 000 reis”; “outro tapete, verdes os campos, já uzado, 2 000 reis”; “outro tapete com os campos verdes de labores, 1 500 reis”

1612

Herdade da Cabeça do Seixo, termo de Arraiolos - Maria Nunes, casada com Antonio Lourenço
“hua alcatifa de Castella de tres rodas quase nova, 1 000 reis”

1612

Arraiolos - Ines Mendes, casada com Lourenso Dias Piteira
“Hum tapete velho roto, 50 reis”

1612

Herdade de Lourinha, termo de Arraiolos - Margarida Rodrigues, casada com Bras Lourenço Vidigal, lavrador
“hua alquatifa de Castella pequena de tres rodas quase nova, 3 000 reis”; “hum tapete de cores grande com hua rosa grande no mejo quase novo, 4 000 reis”

1613

Herdade do Zambujo, freguesia de São Pedro da Gafanhoeira - Andre Vidigal, casado com Isabel Alvares
“Hua alcatifa de Castella de tres rodas já uzada, 1 500 reis”

1619

Herdade do Sabugueiro, termo de Arraiolos - Margarida Domingues, casada com Luis Pires Giau
“Hua alcatifa de Estremos grande já velha, 3 000 reis”

1619

Arraiolos - Ines Fernandes Pratas, casada com Tome Pires
“Hum tapete velho de cores pequeno, 40 reis”

1620

Arraiolos - Francisco Fernandes, Francisquao dalcunha, casado com Agueda Fernandes
“hum tapete de lam de cores ainda por acabar, 500 reis”

1620

Herdade de Mellao - Isabel de Morais, casada com Domingos Rodrigues
“hum tapete de lam de tres rodas de cores já velho, 1 200 reis”; “outro tapete de lam de cores novo de duas rodas, 2 000 reis”

1621

Herdade das Luzes - Andre Rodrigues Lus, casado primeira vez com Beatris Vidigal e segunda com

Margarida Dias e terceira vez com Maria Pigoma e ora quitado com Ines Fernandes

“hum tapete já velho de lam de lavores já velho, 300 reis”

1623

Herdade dos Mogos, termo de Arraiolos - Diogo Dias, casado primeira vez com Anna Vieira e segunda com Isabel Dias

“hua alcatifa de Castella de cores de tres rodas já velha, 1 500 reis”

1623

Herdade das Oliveiras, termo de Arraiolos - Baltezar Rodrigues, casado com Margarida Fernandes

“hum tapete feito sobre rede velho, 100 reis”

1623

Arraiolos - Manoel Vas, casado com Margarida Fernandes

“hum tapete de lam de cores com hua foia(?) no meio novo, 4 000 reis”; “hum tapete de lam de cores de rodas pouquo uzado, 3 000 reis”; “hua alcatifa de Castella velha, 800 reis”

1624

Arraiolos -Diogo Costa, casado com Caterina Silveira

“hua alcatifa de Castella de tres rodas com franja de lam pellos [_] já uzada, 2 400 reis”

1624

Herdade de Val de Mellao do meio, termo de Arraiolos - Sebastiana Luis, casada com Domingos Rodrigues Calvo

“hum tapete de lam de tres rodas de cores pouquo uzado, 1 200 reis”; “outro tapete de lam já velho, 400 reis”

1624

Arraiolos - Jorge Gonzalves, casado com Domingas de Matos

“hua alcatifa de Castella de tres rodas já uzada, 200 reis”

1624

Herdade das freiras de Val de Mellam de sima - Diogo Luis, casado com Maria Vidigal

“hua alcatifa de cores com a serquadura a roda de azul já uzada, 2 000 reis”; “outra alcatifa de Castella com hua roda no meio já uzada, 1 200 reis”; “hum tapete de lam de cores de lavores com duas rodas no meio quaze novo, 1 000 reis”; “outro tapete de lam grande com hua roda no meio quaze novo, 2 200 reis”; “outro tapete de lam de cores com hua roda no meio já velho, 800 reis”

1625

Horta de baixo, coutos de Arraiolos - Lourenso Dias, viúvo de Caterina Rodrigues

“hum tapete de lam de cores com duas rodas novo, 2 500 reis”

1625

Arraiolos - Pero Fernandes Couseiro, casado com Breatis Couseira

“Hum tapete velho de lam de rede, 10 reis”

1625

Herdade Lope da Serra, termo de Arraiolos - Luis Dias, casado com Anna Pires

“hum tapete de lam velho pequeno, 160 reis”; *“outro tapete de lam de cores com hua rosa no meio já uzado, 240 reis”*

1625

(Sem identificação do local) - Isabel da Costa [□]

“hum tapete de lam de cores já velho, 300 reis”; *“hum tapete de lam de cores velho e pequeno feito sobre rede, 80 reis”*; *“hum tapete de lam de cores já velho e roto, 40 reis”*

1626

Herdade de Val de Paso, termo de Arraiolos - João Pinto, casado primeira ves com Maria Luis e segunda com Maria Prates

“hum tapete de lam de cores em tres rodas novo, 700 reis”; *“hum tapete de lam de cores já velho, 400 reis”*

1627

Herdade do Sadoro (?) Reguengo de S.Ex^a, termo de Arraiolos - Andre Fernandes, casado com Anna Luis

“Hum tapete de lam de cores com hum Leao(?) no meio já uzado, 600 reis”

1627

Herdade de Ponteija, freguesia da Igrejinha - Isabel Tozalha, casada com Bertolomeu Dias

“hum tapete de lam de cores com cruces(?) já velho, 1 000 reis”; *“hum tapete de lam de cores com duas rodas já uzado, 300 reis”*; *“hua alcatifa de Castella de tres rodas com cadilhos(?) vermelhos nas pontas já uzada, 2 000 reis”*; *“hua alcatifa de Castella de tres rodas já velha, 1 500 reis”*

1629

Arraiolos - Joao Dordio Sineiro, casado com Ines Morena

“hua alcatifa de tones de lozaria(?) com cadilhos nas pontas de lam quase nova, 2 000 reis”; *“outra alcatifa de Castella de seis rodas já velha, 1 000 reis”*

1631

Herdade de Vale de Serroes, termo de Arraiolos - Manoel Rodrigues Gorrilha, casado com Anna Maria

“hua alcatifa de Castella de tres rodas já uzada, 1 200 reis”

1632

Arraiolos - Gaspar Rodrigues, casado com Anna Nunes

“hua alcatifa de Castella já velha de tres rodas e com cadilhos de lam, 1 000 reis”; “hum tapete velho pequeno de [] e amarello, 100 reis”

1632

Herdade chamada das Camejalhas, termo de Arraiolos - Luis Pires Gíao, casado com Caterina Domingues

“hum tapete de lam de cores já uzado, 600 reis”; “hua alcatifa de Castella ja velha, 600 reis”

1632

Arraiolos - Antonio Fernandes, casado com Caterina Rodrigues

“hum tapete pequeno de duas varas de lam verde e amarello já velho, 600 reis”

1632

Herdade da Focança(?), termo de Arraiolos - Maria Lopes, casada primeira vez com Andre Rodrigues e segunda com Bemtto Rabocho

“hum tapette grande novo de lam de cores, 2 500 reis”

1633

Arraiolos - Antonio Rodrigues, viúvo de Caterina Coelhoa

“hua alcatifa de Castella de tres rodas já velha, 1 000 reis”

1633

Arraiolos - Isabel [], casada com Manoel Dias Nobre, sapateiro

“hua alcatifa de Castella de tres rodas [], 2 400 reis

1633

Arraiolos - Antonio Pires Penteadado, casado com Felipa Gomes

“hua alcatifa de Castella de tres rodas nova, 2 000 reis”; “hum tapete de lam de cores de duas rodas novo, 3 000 reis”; “hum tapete que esta comezado, 500 reis”

1634

Herdade do Silleira Reguengo de sua excellencia, termo de Arraiolos - Joao de Mira Mansebo, solteiro

“hua alcatifa de Catella ja velha []”; “hum tapete de lam de cores de espeguilha de duas rodas já uzado, 800 reis”

(...)

1700

Herdade dos Cristaonos, freguesia da Igrejinha - André Rodrigues, casado com Maria Luis

“hum tapete de duas varas ja usado, 900 reis”

1701

Herdade dos Soldos, freguesia de Sao Pedro da Gafanhoeira - Mathias Andre, casado com Maria Gioa

“hum tapete de tres varas em bom uso, 800 reis”

1701

Herdade da Udeira, freguesia de Arraiolos - Manoel Martins, casado com Maria Dias

“hum tapete de duas varas, 1 800 reis”.

1702

Herdade de Val de Sobrados, freguesia de São Pedro da Gafanhoeira - Francisco Vidigal Piteira, viúvo de Isabel

“dois tapetes velhos hum pequeno e hum grande, 1 200 reis”

1702

Herdade da Nuadinha, freguesia da Igrejinha - Francisco Vidigal, casado com Ana Rabouxa

“hum tapete de tres varas já usado, 2 400 reis”; “Tres tapetes já velhos, 2 000 réis”

1702

Herdade da Cabeça Gorda, freguesia de Santa Anna - António Dias, casado com Maria Dias

“hum tapete de tres varas em bom uso (sic), 2 400 reis”

1702

Arraiolos - Isabel Marques, casada com Bras Ruiquinho e segunda vez Antonio Alves

“hum tapete de vara e meia já usado, 800 reis”.

1702

Courela de Sao Luzia, termo de Arraiolos - Maria Banha, casada com Bras Vidigal

“Um tapete de tres varas, 2 500 reis”

1703

[Documentos com as primeiras folhas rasgadas, não sendo possível identificar o local e os proprietários do tapete]

“hum tapete já usado, 1 500 reis”

1703

Herdade do Escrivão - Maria Lopes, casada com Luís Coelho

“hum tapete já usado, 1 000 reis”

1705

Herdade dos Testos, freguesia de Sao Pedro - Catherina Vidigal, casada com Thome Piteira

“mais dois tapetes hum de tres varas e outro de vara e meia, 2 700 reis”

“mais tres tapetes já velhos, 1 200 reis”

1705

Aldeia de Santa Anna - Anna Vidigal, casada com Bras Pires

“mais hum tapete já velho, 400 reis”

1706

Herdade das Lages - Simao Dias, casado com Catherina Rabocho

“hum tapete de duas varas já uzado, 1 200 reis”

1706

Courela do Maxoquo - Lourenso Xaveiro, casado com Domingas Alves

“mais um tapete já velho, 1 500 reis”

1707

Valbom, Coutos de Arraiolos - Leonor Francisca, casada com João Franco

“hum tapete de tres varas já usado e um manteo de pano vermelho usado, 2 000 reis.”

1707

Herdade do Monte Pardo, termo de Arraiolos - Maria Lopes, casada com Andre Rodrigues

“hum tapete de tres varas nove, 3 000 reis”; “hum tapete de vara e meya e outro de vara já usado, 1 400 reis”

1707

Sao Pedro da Gafanhoeira - Maria Neves, casada com Miguel Luis

“dous tapetes velhos, 1 600 reis”

1707

Herdade da Picanseira da Misericordia - Bras Dias, viuvo de Maria Dias

“huma alcatifa grosseira velha, 500 reis”.

1707

Herdade do Freixo, freguesia de Sao Pedro - Manoel Andre, casado com Maria Vidigal

“hum tapete já usado, 1 000 reis”

1708

Herdade da Annoadinha - Anna Rabocha, casada com Francisco Vidigal e segunda vez com João Correya

“hum tapete de tres varas, 2 600 reis”

“tres tapetes velhos, 1 800 reis”

1708

Herdade de Mendo Marques de Baixo - Hillena Figueira, casada com Sebastião Rosado

“hum tapete de duas varas já usado, 1 200 reis”.

1709

Herdade de (sic), termo de Arraiolos - Josepha Maria, casada com António Lopes

“hum tapete de (sic) varas novo, 2 700 reis”; “outro tapete pequeno, 800 reis”

1710

Herdade dos Alcaides - Margarida Pires, casada com Manuel Rodrigues

“hum tapete de vara e meia, 1 000 reis”

1710

Herdade da Cabeça Gorda, freguesia de Santa Anna - Lianor Coelha, casada com Andre Rodrigues

“hum tapete pequeno já usado, 800 reis”.

1711

Herdade dos Juizes - Brizida Rodrigues, casada com Manoel Carrasco

“hum tapete de tres varas já usado, 1 800 reis”

1711

Arraiolos - Manoel Martins Banha, casado com Maria da Conceição

“hum tapete já usado, 750 reis”

1712

Horta de Bacho - Maria Carvalha, casada com Manoel Rodrigues e segunda vez com Sebastião Caeiro

“hum tapete de vara e meia e outro de vara já velhos, 1 200 reis”

1713

Herdade dos Delsanos (?) - Maria Carvalha, casada com Geronimo Francisco e segunda vez com Lourenso Telles

“huma alcatifa de seda, 10 000 réis”; “hum tapete de vara e meia, 1 200 reis”
“Hum tapete de tres varas usado, 1 500 reis”

1713

Aldeia de Santa Ana - Brites Dias, casada com Domingues Pinto

“Hum tapete velho de vara e meia, 600 reis”

1714

Herdade da Chaminé, freguesia de Sao Gregorio - Thome Rodrigues, casado com Maria Cardosa

“hum tapete de tres varas, 1 800 reis”

1714

Herdade das Barbalensas, freguesia de Sao Lourenso, termo de Lavre - Manuel Rodrigues Chaveiro, casado com Maria Andre

“hum tapete de vara e meia já usado, 2 500 reis”

1715

Herdade de Bacho - (sic) Luís, casado com Maria Fragosa

“hum tapete de vara e meia, 600 reis”

1715

Moinho do pego - Maria ramalha, casada com Francisco Lopes

“hum tapete de tres varas usado, 1 800 reis”

1716

[Falta a folha de rosto]

“hum tapete de tres varas, 1 200 reis”.

1717

Herdade da Falcoeira, freguesia de Santa Anna - Joao Pinto, casado com Brasia Dias - Lavrador

“hum tapete de tres varas, 1 600 reis”

1717

Rua das ferrarias em Arraiolos - António de Oliveira, casado com Ana Maria

“hum tapetinho de vara e meia usado, 800 reis”

1718

Aldeia de Sao Pedro da Gafanhoeira - Maria das Candeyas, casada com Francisco Mendes

“Um tapete velho, 960 reis”

1719

Herdade da Guerreira, freguesia de Sao Gregorio - Maria Rebocha, casada com Manoel Fernandes
“hum tapete de tres varas, 1 200 reis”

1720

Herdade da Oleira - Margarida Alves, casada com Manoel Banha
“hum tapete de tres varas e outro de huma vara novos, 3 000 reis”.

1720

Herdade do cabido de entre águas - Joana Lopes, casada com Joseph Rodrigues, lavrador
“hum tapete, 900 reis”

1721

Herdade de Val de Melam do meio - Anna Francisca, casada com Francisco Rois e segunda vez com João Lopes Trincham
“hum tapete de tres varas e outro de vara e meia, 2 200 reis”

1722

Sao Pedro da Gafanhoeira - Silvestre Rodrigues Maduro, casado com Maria Vidigal, - Ermitão da Igreja de Sao Pedro
“hum tapete usado, 800 reis”.

1722

Herdade da Freixa - Andre Pinto, casado com Polonia Rodrigues
“hum tapete, 2 000 reis”

1723

Herdade do Zambujo - Mariana Marques, casada com Manoel Vicente
“dois tapetes usados, 1 200 reis”

1723

Herdade da Lappa - Maria Alves, casada com Manoel Vidigal
“hum tapete, 1 500 reis”

1723

Herdade da Mesquita - Francisco Rodrigues Madeira, casado com Joana Vidigal
“hum tapete avaliado em 2 000 rs”

1724

Herdade da Almoinha, freguesia de Santa Ana - Bento Andre, casado com Maria Dias e segunda vez com Páscoa dos Ramos

“hum tapete de vara e meia já usado, 600 reis”

1724

Carreguais de Cima, termo de Lavre - Manuel Fernandes

“hum tapete de lam de cores em bom uso, 3 000 reis”

“mais outro tapete de lam de cores mais piqueno em bom uso, 2 000 reis”

1726

Herdade da Amendoeira, freguesia de Santa Anna - Margarida Miguens, viuva de Joam Cordeyro Lavradora

“hum tapete de tres varas, 1 200 reis”.

1727

Herdade do Zaraguaso, freguesia de Sao Pedro - Catherina Gioa, casada com Manoel Alveres

“huma alcatifa velha, 1 200 reis”

1728

Herdade da Horta Velha, freguesia de Santa Anna - Catherina Luis, casada primeira vez com Antonio Alveres, lavrador da Herdade das Lagens, segunda vez com Manoel Pinto, lavrador da Herdade da Falcoeira e terceira vez com Francisco Pires, lavrador

“hum tapete usado, 1 000 reis”

1728

Herdade de Pontega, freguesia de Sao Gregorio - Isabel Alves, casada com Gregorio Mendes

“hum tapete de tres varas, 1 500 reis”; “outro tapete piqueno, 400 reis”

1730

Herdade da Picandeira Grande, freguesia de Sao Pedro - Joze Luis, casado com Maria Gomes

“dous tapetes usados, 1 500 reis”

1730

Corela do Funxal, freguesia de Sao Gregorio - Maria Rozada, casada com Diogo Phelipe

“hum tapete já uzado, 800 reis”.

1731

Arraiolos - Anna Rodrigues, casada com Manuel Pinto Estevens e segunda vez com Sepriano da Silva

“huma alcatifa velha, 960 reis”

1731

Arraiolos - Lucas Coelho, casado com Catherina (sic)

“hum tapetinho pequeno em (sic), 720 reis”

1731

Arraiolos - Felipe Rodrigues Barbas, casado com (sic)

“huma alcatifa, 800 reis”

1731

Aldeia do Sabugueiro - Catherina Rodrigues, viuva de Martins Rodrigues

“hum tapete de vara e meia em meio uso, 800 reis”

1732

Herdade do Budial de Baixo - Luiza Vidigal, casada com Manoel Dias

“hum tapete, 1 500 reis”

1732

Herdade da Guerreira, freguesia de Sao Gregorio - Andre Rodrigues, viuvo de Isabel Moratendoja

“hum tapete de tres varas, 2 000 reis”; “outro tapete de vara e meia, 600 reis”

1732

Aldeia de Santa Anna - Manuel Pinheiro, casado com Ana Maria, preza na cadeia de Arraiolos - Pastor

“hum tapetinho de vara e meia, 900 reis”

1732

Herdade da Chaminé, freguesia de Sao Pedro - Manuel Giau, casado com Isabel Luis

“hum tapete já usado, 1 000 reis”

1732

Casas do Vas, freguesia de Sao Gregorio - Antonio Lopes, casado com Catherina Maria

“hum tapete de vara e meio já velho, 600 reis”

1732

Junto à Igreja de Santo António Velho, extramuros de Arraiolos - Sebastianna Pires, casada com Antonio Baptista

“hum tapete de duas varas e meia, 1 200 reis”

1733

Herdade dos Andorinhos - Andreza Rozada, casada com Manuel de Mira

“hum tapete de duas varas e meia e outro de vara, 1 800 reis”

1733

Herdade das Chiadas, freguesia de Sao Gregorio - Andre Vidigal, casado com Margarida Dias

“hum tapete de duas varas usado, 1 000 reis”

1733

Herdade da Adiça, freguesia de Santa Anna - Manuel Joao, casado com Sebastianna Luis - Lavrador

“hum tapetinho de vara e meia, 800 reis”

1733

Aldeia de Sao Pedro - Maria Vidigal, viuva de Silvestre Rodrigues Madeiro

“hum tapete velho, 600 reis”

1734

Aldeia de Santa Anna - Manuel Rodrigues, casado com Pelonia Maria

“hum tapete, 700 reis”

1735

Aldeia da Ilha - Maria de Oliveira, casada com Silvestre Rodrigues

“hum tapete usado, 1 000 reis”

1736

Valdanta, freguesia de Santa Anna - Amarao Martins, casado com Anna Pires

“hum tapete, 600 reis”

1736

Montinho de Sao Gregorio - Manuel Rodrigues, casado com Isabel de Mira

“hum tapete, 1 000 reis”

1737

Arraiolos - Miguel de Matos, cazado com Tereza Martins e segunda vez com Maria Cordeira

“hum tapetinho, 400 reis”

1737

Aldeia das Coelhas, freguesia de Santa Anna - Margarida Gomes, casada com Afonso Dias

“hum tapetinho de vara e meia, 600 reis”

1739

Herdade da Lourinha, freguesia de Santa Anna - Sebastiam Rosado, casado com Ilena Figueira e segunda vez com Pascoa Rodrigues

“hum tapete de duas varas e meia, 1 200 reis”

1740

Herdade de Val de santarem, freguesia de Sao Pedro - Catherina Rodrigues, casada com Manuel Rodrigues e segunda vez com Diogo de Faria, lavrador da Herdade do Gafanhão.

“hum tapete usado, 800 reis”.

1740

Aldeia de Sao Pedro da Gafanhoeira - Catherina Telles, casada com Domingos Fernandes

“hum tapete de duas varas e meia usado, 790 reis”

1740

[Falta a folha de rosto do documento]

“huma alcatifa da Índia usada, 4 800 reis”

“huma alcatifa da Índia usada, 3 000 reis”

“hum tapete de estrado velho, 2 000 reis”

“hum tapete de estrado usado, 3 000 reis”

“hum tapete mais piqueno de acento azul usado, 2 000 reis”

(...)

1800

Herdade de Alcarou do Meio, termo de Pavia - Antonio da Silva Caseiro, casado com Thomazia Dordia

“hum tapete de lã de cores em bom uso, 1 600 reis”

1801

Aldeia de Sao Pedro - Isabel Rodrigues, casada primeira vez com Luis Ribeiro e segunda vez com Ignacio de Mora e terceira vez com Pedro Nunes

“hum tapete pequeno, 400 reis”

1801

Herdada de Mendo Marques, freguesia de Sao Gregorio - Angela do Espirito Santo, casada com José Lial

“hum tapete azul, 1 800 reis”; “hum tapete velho, 1 000 reis”

1801

Herdade do Pejo, freguesia da Igrejinha - Catherina Maria, vizinha de Estevem Rodrigues

“hum tapete de vara e meia, 700 reis”

1802

Herdade do Barrocal de Sima, freguesia de Sao Pedro - Joao Rodrigues Rabocho, casado com Lourenzia Rozada

“hum tapete de duas varas em bom uso, 1 800 reis”; “dous tapetes velhos”

1802

Herdade do Zambujeiro, freguesia de Sao Pedro - Luis António, casado segunda vez com Rozalia de Jesus

“hum tapete, 1 000 reis”

1802

Herdade das Fontainhas, termo de Pavia - Manuel Antonio, casado com Maria de Jesus

“hum tapete, 140 reis”

1802

Herdade de Sao Miguel, termo de Pavia - Manuel Vidigal, casado com Isabel Ignacia

“hum tapete verde, 2 400 reis”; “hum tapete azul, 1 600 reis”; “hum tapete velho, 1 200 reis”

1802

Herdade da Jordana, termo de Pavia - Jose Coelho, casado com Joaquina Maria

“hum tapete de vara e meia, 2 000 reis”

1802

Herdade do Bordeal de Baixo, freguesia de Santa Ana - Romana Maria, casada com António de Mira Coelho

“hum tapete velho, 600 reis”

1804

Herdade do Sarminheiro, freguesia de Pavia - Josega Ignacia, casada com Manoel Vas

“hum tapete de duas varas, 1 000 reis”

1804

Herdade do Bodial de Bacho, freguesia de Santa Ana - Anacleto de Mira, casado com Jacinta de Mira

“hum tapete de duas varas, 1 000 reis”; “hum tapete mais velho, 800 reis”

1804

Herdade da Serra da Copinha, freguesia de Santa Ana - Luiza de Mira, casada com Bernardino Coelho

“hum tapete pequeno, 1 000 reis”

1804

Herdade do Alcarou de Bacho, termo de Pavia - Violante Maria, casada com Jose Francisco

“hum tapete em bom uso, 3 000 reis”

1804

Herdade do Reguengo, termo de Pavia - Jose Nunes, casado terceira vez com Ana Maria da Silveira

“hum tapete encarnado, 1 000 reis”; “hum tapete azul, 1 000 reis”

1805

Herdade do Porto de Avis de Sima em Pavia - Joam Pires, casado com Barbara Maria

“hum tapete usado, 800 reis”

1805

Herdade da Murteira de Sima, freguesia de Sao Gregorio - Victoria Caeira, casada com Joao Rodrigues

“hum tapete velho, 600 reis”

1805

Herdade da Malarranha, freguesia de Pavia - Bernardino Jose Rosado, casado com Bonifacia da Guerra

“hum tapete de duas varas em bom uzo, 1 600 reis”

“outro de duas varas mais largo e mais usado, 1 600 reis”

1806

Herdade da Cabeceira, freguesia de Sao Gregorio - Alexandrina Mira, casada com José Rodrigues

“hum tapete de vara e meya, 1 200 reis”

1806

Herdade do Pinheiro, freguesia de Sao Pedro - Manuel Pires, casado com Angelina Maria

“hum tapete, 800 reis”

1806

Aldeia de Sao Pedro - Sebastiao Luís, casado com Rozaria Maria

“hum tapete de vara e meia, 1 400 reis”

1806

Aldeia de Santa Ana - Pascoa Rodrigues, viuva de Antonio Gomes Arez

“hum tapete de duas varas, 2 000 reis”

1806

Herdade da Anoada, freguesia de Igrejinha - Bernardina Angelica, casada segunda vez com António Joaquim Monteiro

“hum tapete de duas varas, 1 600 reis”

1806

Pavia - Francisco Guerra

“hum tapete em bom uso, 1 200 reis”

1807

Monte Novo de El Gordo, freguesia de Sao Gregorio - Mathias Luís, casado com Antonia Theresa - Lavrador

“hum tapete, 1 000 reis”

1807

Herdade de Almargem, freguesia de Sao Pedro - Manuel Bento, casado com Bernardina Antónia

“hum tapete já usado, 800 reis”

1807

Arraiolos - Joana Bernarda, casada com José Dias

“hum tapete, 800 reis”

1807

Herdade do Porto de Avis de Baxo - Genoveva Maria, casada com Mateus Martins

“hum tapete uzado, 800 reis”

1807

Aldeia da Ilha dos Telhais, freguesia de Arraiolos - Maria da Conceição, casada com Manuel Rodrigues Casmarrinha

“hum tapete de vara e meia, 800 reis”

1807

Aldeia do Sabugueiro, freguesia de Sao Pedro - Antonio Rodrigues Rico, casado com Joana Baptista

“hum tapete velho, 300 reis”

1808

Aldeia do Sabugueiro - Luiza Maria, casada com José Martins

“hum tapete, 1200 reis”

1808

Herdade da Mouzinha, freguesia de Santa Ana do Campo - Rozaria Rosa, casada com Bernardino Rodrigues

“hum tapete de duas varas usado, 1 200 reis”

1808

Herdade do Conselho, freguesia de Santa Ana do Campo - Maria do Rozario, casada com Joaquim Jose da Silva

“hum tapete de vara e meia, 1 200 reis”

1808

Herdade da Lourinha, freguesia de Santa Ana do Campo - Domingos da Ponte, casado com Maria da Graça

“hum tapete de duas varas, 2 400 reis”

1808

Herdade da Chaminé, freguesia de Sao Gregorio - Lourenso Pires, casado com Mariana de Sao Jose

“hum tapete piqueno, 600 reis”

1808

Herdade da Tramagueira, freguesia de Pavia - Francisco Rodrigues, casado com Catherina Maria

“hum tapete, 1 200 reis”

“hum tapete novo, 2 000 reis”

1809

Herdade da Cabeça Gorda, freguesia de Santa Ana do Campo - Antonia da Silva, casada com Alexandre de oliveira

“hum tapete, 1 000 reis”

1809

Herdade de Val de Mourão, termo de Pavia - Catherina Angelica, casada com Antonio Garcia

“hum tapete de vara e meia azul e branco, 1 600 reis”

“hum tapete de duas varas azul e amarelo, 2 000 reis”

1811

Santa Ana do Campo - Gregoria Gomes, casada com Jose Gregorio

“um tapete de vara e meia, 800 reis”

1811

Serra da Copinha, freguesia de Santa Ana - Manuel Coelho, casado com Maria de Jesus

“hum tapete, 800 reis”

1811

Herdade de Val de Mouro, freguesia de Pavia - Micaella Theresa, casada com Antonio Garcia

“hum tapete azul de duas varas, 1 600 reis”

1811

Herdade da Barraca, freguesia de Pavia - Rosalina Maria, casada com Emidio Vidigal

“hum tapete, 400 reis”

1813

Pavia - Antonio d'Almeida, casado com Luiza Maria

“hum tapete de duas varas, 3 600 reis”

1813

Herdade da Gonçala, freguesia de Pavia - Valeria Pires, casada com Jose Pires

“hum tapete de duas varas, 2 400 reis”

1814

Aldeia de Sao Pedro da Gafanhoeira - Rosaria Maria, viuva de Joao Luiz

“hum tapete de vara e meia, 1 400 reis”

1814

Moinho da Granja, freguesia da Igrejinha - Luís Piteira, casado com D. Maria Barbosa Serrão

“hum tapete, 1 000 reis”

1814

Herdade da Larangeira, freguesia de Santa Ana - Damazia de Jesus, casada com Bernardino de Mira

“hum tapete velho, 600 reis”

1814

Arraiolos - Manuel Rodrigues Alegão, casado com Maria Joaquina

“hum tapete, 1 200 reis”

1814

Pavia - Joaquim de Mira, casado com Maria de Sao José

“hum tapete velho, 500 reis”

1814

Cabeção - Manoel Alves Ramalho, casado com Ana Marques

“hum tapete, 1 800 reis”

1814

Herdade da Malarranha, freguesia de Pavia - Bonifacia da Guerra

“hum tapete de duas varas, 800 reis”

1815

Aldeia do Sabugueiro, freguesia de Sao Pedro - Joana Baptista, casada com Francisco Barreto

“hum tapete velho, 600 reis”

1815

Pavia - João de Mira, casado com Rosa Maria

“hum tapete de vara e meia, 2 000 reis”

1815

Herdade dos Condes em Pavia - Antonio Joaquim Pereira, casado com Maxima Jacinta

“hum tapete com acento azul, 600 reis”

1816

Herdade da Serzeira, freguesia de Sao Pedro - Antonio Luis Rosado, casado com Antonia Joaquina

“hum tapete, 1000 reis”

1816

Herdade de Sormonheiro - Rozallina Angelica, casada com Joaquim Dordio

“hum tapete de duas varas, 1 200 reis”; “hum dito de vara e meia, 1 600 reis”

1816

Moinho do Barroco, freguesia de Sao Pedro da Gafanhoeira - Manuel Rodrigues, casado com Maria de Jesus

“hum tapete usado, 600 reis”

1816

Herdade da Broa, freguesia de Pavia - Eurisia Theresa, casada com Antonio Duarte

“hum tapete de centro azul, 2 000 reis”

1817

Herdade de Val da Anta, freguesia de Santa Ana - Josefa Ignacia, casada com Manuel Francisco

“hum tapete, 1 600 reis”

1817

Aldeia da Serra, freguesia de Sao Gregorio - Joaquina de Jesus, casada com João valente

“hum tapete, 1 600 reis”

1817

Herdade da Barroca, freguesia de Pavia - Emidio Vidigal, casado com Angelica Maria

“hum tapete grande, 2 000 reis”; “hum dito de comilho (?), 3 200 reis”

1818

Aldeia do Sabugueiro, freguesia de São Pedro - Vicente Vidigal Salgado, casado com Francisca Tereza do Carmo

“hum tapete, 1 200 reis”

1818

Pavia - Paulo Soeiro, casado com Catarina da Silva

“hum tapete novo, 2 000 reis”; “outro dito usado, 1 800 reis”

1818

Herdade das Xiadas, freguesia de São Gregório - Eusébio Rodrigues, casado com Antónia Vidigal

“hum tapete, 1 500 reis”; “hum tapete, 1 200 reis”

1818

Herdade da Espadaneira, freguesia de São Pedro - Maria Cardoso, casada com Simão Lopes

“hum tapete, 1 500 reis”

1818

Herdade do Barrocal de Sima, freguesia de São Pedro - Laurensia Rosada, viuva de João Rodrigues Rabocho

“hum tapete melhor, 1 600 reis”

1819

Ilha

“hum tapete, 800 reis”

1819

Aldeia do Sabugueiro, freguesia de São Pedro - Isabel Jesus, casada com António Vicente

“hum tapete, 1 200 reis”

1819

Herdade das Lajes, freguesia de São Gregório - Josefa de Jesus, casada com António Nunes

“hum tapete azul, 1 900 reis”; “hum tapete maior, 1 600 reis”

1819

Sabugueiro, freguesia de São Pedro - Narcisa Maria, casada com José Gonçalves

“hum tapete, 800 reis”

(...)

1885

Arraiolos - José Carlos de Carvalho, viúvo

“Cinco tapete de lã de diversos tamanhos, 10 000 réis”

1891

Vimieiro - Teresa de Jesus Sardinha, casada com Joaquim António Ferreira

“Um tapete de retalhos, 100 réis”

1895

Arraiolos - Doutor Francisco Xavier da Mota Portocarrero, casado com Maria Cândida Dordio Portocarrero

“Uma alcatifa, 1 500 réis”

1895

Vimieiro - João José Vieira e Emília Victória Guerra Vieira

“Seis tapetes, 1 800 réis”

1896

Arraiolos - Inácia Rosa Perdigão Galego, viúva

“Um tapete de sala, 3 000 réis”

ANEXO VIII – Tesouros Humanos Vivos

GUIÃO DE ENTREVISTAS

Tesouros Vivos – Concelho de Arraiolos

Esta entrevista tem como objetivo a identificação, recolha, documentação, valorização e revitalização do património cultural imaterial do concelho de Arraiolos presente nas memórias coletivas. Para isso serão entrevistados alguns dos Tesouros Humanos Vivos, informantes e narradores de memórias do concelho adotando as medidas necessárias para os proteger na sua qualidade de portadores da tradição.

1. Identificação do entrevistado (Tesouro Humanos Vivos)
 - 1.1 Nome
 - 1.2 Naturalidade
 - 1.3 Local onde reside/freguesia
 - 1.4 Idade
 - 1.5 Género
 - 1.6 Habilitações literárias
 - 1.7 Profissão
 - 1.8 História de Vida / Breve Biografia

2. Caracterização do Património Cultural Imaterial do concelho e/ou freguesia
 - 2.1 Tradições...
 - Que se perderam ou caíram em desuso
 - Que se manifestam atualmente
 - Localizações históricas

 - 2.2 Expressões orais...
 - Lendas
 - Contos
 - Mitos
 - Localizações históricas

 - 2.3 Expressões artísticas e manifestações de carácter performativo...
 - Que se perderam ou caíram em desuso
 - Que se manifestam atualmente

 - 2.4 Práticas sociais, rituais e eventos festivos...
 - Que se perderam ou caíram em desuso
 - Que se manifestam atualmente
 - Localizações históricas

Em que altura do ano se manifestam/manifestavam
Descrição destas práticas

6.1. Práticas de carácter religioso

Que se perderam ou caíram em desuso

Que se manifestam atualmente

Localizações históricas

Em que altura do ano se manifestam/manifestavam

Descrição destas práticas

2.6 Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo...

Que se perderam ou caíram em desuso

Que se manifestam atualmente

Rezas

Mesinhas

2.7 Aptidões ligadas ao artesanato tradicional...

Que se perderam ou caíram em desuso

Que se manifestam atualmente

Quem as realiza/realizava

3. Saberes materiais e/ou imateriais

3.1 Poesia popular

8. Décimas

9. Artesanato

FICHAS BIOGRÁFICAS

Ana do Carmo Severino

Ana Severino nasceu a 9 de Maio de 1932 em Arraiolos. Filha de Matias José, trabalhador rural e Mariana Saimique, também ela trabalhadora rural, embora tenha dedicado a maior parte da sua vida ao tingimento das lãs que serviam depois para a manufatura do Tapete de Arraiolos.

Ana Severino por ser a filha mais nova do casal teve a oportunidade de frequentar a escola até à 3ª classe.

Depois de deixar a escola começou a aprender alguns trabalhos de costura (bordados e meias bordadas em renda), trabalhos que desempenhou até aos 14 anos.

Apesar de desde pequena acompanhar a sua mãe para a então fábrica de manufatura de tapetes de Arraiolos, onde a via a trabalhar em todos os processos de tingimento e lavagem das lãs, foi apenas aos 14 anos que Ana Severino começou, também ela, a dedicar a sua vida aos Tapetes de Arraiolos.

Conhecida e reconhecida como 'mestra' na arte de ensinar os processos da manufatura do tapete de Arraiolos, Ana Severino, dedicou toda a sua vida a marcar, bordar, matizar e restaurar tapetes de Arraiolos.

Atualmente, mora na Vila de Arraiolos, aliás na casa onde nasceu e sempre viveu e apesar dos seus 80 anos continua ligada aos tapetes, quer na realização de restauros, quer na feitura de novos tapetes por encomenda.



Arlete Fanico

Arlete Fanico nasceu a 13 de Abril de 1913 em Arraiolos. Filha de Caetano Fanico, carreiro de profissão e de Belisandra Ramalho, fiandeira.

Arlete Fanico frequentou a escola até à 3ª classe. Após o abandono da escola, Arlete Fanico dedicou-se à profissão que acompanhava as mulheres da família à já várias gerações, a profissão de fiandeira.

Arlete Fanico pertencia a uma das muitas famílias de fiandeiras de Arraiolos, tendo herdado a roda de fiar da sua tia Teodosa Cascalho (irmã da avó).

Entre os 12 e os 20 anos, juntamente com a sua mãe e avó, dedicou-se à fiação da lã merina que ia buscar aos cardadores, quer ao cardador da fábrica Kalifa, quer aos cardadores particulares.

A lã que fiava era depois entregue às tintureiras para a tingirem e posteriormente ser utilizada na manufatura do tapete de Arraiolos. Contudo, também fiava lã para particulares lã esta utilizada para fazerem meias, camisolas, etc.

Após o casamento Arlete Fanico foi viver para a Quinta da Manizola em Arraiolos, onde viveu 11 anos a trabalhar no campo. Posteriormente, mudou-se com o marido e os 4 filhos para a Comenda Grande, onde residiu e trabalhou durante 26 anos.

À data da entrevista Arlete Fanico encontrava-se, como residente, no Lar da Santa Casa da Misericórdia do Vimieiro e guardava na memória todo o seu saber e conhecimento da altura em que em Arraiolos ainda se faziam todos os processos necessários para a feitura do tapete.

Arlete Fanico faleceu no final de 2011.



Diogo Graça

Diogo Graça nasceu a 8 de Outubro de 1928 na Malarranha, freguesia de Pavia e Concelho e Mora.

Filho de Inácio Graça e Maria Gertrudes, ambos trabalhadores rurais.

Diogo Graça não andou à escola e com apenas 8 anos começou a trabalhar como ajuda de boieiro, ofício que teve até aos 14 anos. Dos 14 aos 20 anos trabalhou na ócharia, trabalhando com parelhas de mulas e no que fosse preciso, e aos 20 anos, ano em que casou, veio viver para o Vimieiro.

Dos 20 aos 65 anos foi pastor na Herdade da Comenda, ofício que fala com grande 'paixão'.

Passou a concertado com 21 anos e assim permaneceu até se reformar.

Ao longo dos anos, e mesmo sem saber ler nem escrever, Diogo Graça criou, e cria, décimas que guarda na memória e as diz, com grande entusiasmo, a quem lhas pede.

Recentemente publicou 2 livros com as suas décimas.

Atualmente Diogo Graça é viúvo e reside no Lar da Santa Casa da Misericórdia no Vimieiro e continua a ser regularmente solicitado para criar e dizer décimas.



Florinda Pinto

Natural de Arraiolos, nasceu em Arraiolos na rua das Vendas em 1922.

Andou um ano na escola mas teve que desistir pois os seus pais mudaram-se para o Campo, um monte perto de Évoramonte mas longe das vilas e da escola.

Florinda aprendeu a ler, e ainda hoje passa os dias de volta da leitura, e escreve, ainda que com muitos erros, como ela própria diz.

Trabalhou no campo desde os 10 anos, mas também serviu em algumas casa, contudo a maior parte da sua vida foi dedicada aos trabalhos agrícolas do mundo rural.

As mezinhas, orações, rezas e benzeduras que sabe aprendeu com a sua mãe, embora tenha aprendido algumas com um 'velho' que percorria os montes a vender ervas para chás curativos e ensinava algumas receitas para curar as maleitas e benzeduras para as doenças da época.

Atualmente Florinda Pinto reside no lar da Santa Casa da Misericórdia de Vimieiro e ainda hoje usa os conhecimentos que aprendeu e insiste em passar aos mais novos para curar muitos dos seus males.



Joana Bordalo

Joana Bordalo nasceu em 1935 em Arraiolos. Frequentou a escola até ao 3ª classe e começou a trabalhar com 12 anos a fazer malas e meias arrendadas.

Em 1953, Joana Bordalo foi trabalhar para a fábrica Kalifa e desde então que tem dedicado toda a sua vida à feitura e divulgação do tapete de Arraiolos.

Começou a dedicar-se aos tapetes de Arraiolos por gosto, por curiosidade mas também por necessidade.

Ao chegar à fábrica, e como era tradição, Joana Bordalo foi colocada junto de uma das mestras que lhe ensinou toda a arte de fazer e restaurar tapetes de Arraiolos.

Ao longo de 20 anos, juntamente com o patrão e outras funcionárias, percorreu o país por feiras e exposições a divulgar o que a sua “terra tem de melhor”, o tapete de Arraiolos.

Joana Bordalo deixou a fábrica em 2010, ano em que fechou, mas não deixou os tapetes, esses como ela diz há-de fazer até que as mãos e a vista lhe permitam.

À data da entrevista, Joana Bordalo vive na sua casa em Arraiolos, e apesar dos seus 77 anos, ainda hoje, faz tapetes se tiver encomendas.



Manuel Rosado

Manuel Rosado nasceu a 23 de Agosto de 1916 no Sabugueiro, à altura pertencente à freguesia de S. Pedro da Gafanhoeira.

Filho de trabalhadores rurais, Manuel Rosado nunca frequentou a escola e como era costume nesta altura começou a trabalhar muito menino, com 7 anos a guardar uma porca e 7 bacorinhos. Toda a vida foi trabalhador rural, e hoje, com 96 anos, recorda todos os trabalhos que realizou: ajuda de pastor, cabreiro, andou na ceifa e em todos os trabalhos agrícolas onde arranjava trabalho.

Desde menino até à idade da reforma sempre foi um homem do campo e um trabalhador rural muito dedicado à sua profissão.

O conhecimento e saberes que adquiriu deve-o ao percurso que a vida lhe proporcionou, uma vida decidada aos afazeres do mundo rural, não só ao trabalho, mas também às festas, feiras, romarias e aos poucos momentos de lazer passados entre família, amigos e vida em comunidade.

Atualmente Manuel Rosado reside no Lar da Santa Casa da Misericórdia do Vimieiro e sempre que tem oportunidade conta as experiências por que passou ao longo da vida.



Maria Augusta Caldinhas

Maria Augusta Caldinhas nasceu a 12 de Setembro de 1932 em Arraiolos.

Filha de Agostinho Inácio Caldinhas, trabalhador rural, e Verdiana de Jesus, doméstica.

Por ser a filha mais nova dos 7 filhos do casal, Maria Augusta andou na escola até à 4ª classe.

Aprendeu a arte de saber fazer tapete de Arraiolos quando tinha 12 anos com uma vizinha que cosia para particulares e que nas horas vagas a ensinava. Esta vizinha (Maria Rosa) cosia para particulares e por isso mesmo fazia em sua casa grandes parte dos procedimentos necessários para a feitura do tapete. Maria Augusta relembra o tempo em que o marido da vizinha (Bernardino Pulga) cardava a lã e a mulher (Maria Rosa) tingia a lã no quintal com corantes naturais.

Com 13 anos começou a trabalhar na feitura dos tapetes de Arraiolos, primeiro numa fábrica na Ilha, onde apenas trabalhou uns meses, e depois na fábrica Kalifa, onde esteve a trabalhar até aos 28 anos, altura em que casou e que se dedicou ao marido, à casa e aos filhos. Após o casamento continuava a coser mas em casa.

Quatro anos após o casamento Maria Augusta trabalhou por conta da CUF a ensinar a fazer tapetes de Arraiolos, trabalhou em Évora e depois disso esteve um ano em Ansião.

À data da entrevista Maria Augusta estava reformada e naqueles dias em que a saúde permitia ainda se dedicava aos tapetes de Arraiolos tendo-nos mostrado um tapete que andava a fazer.

Maria Joana

Maria Joana nasceu nas Ilhas, freguesia de Arraiolos, no ano de 1933.

Depois de fazer a 4ª classe dedicou-se às costuras. Começou a coser tapetes quando tinha 14 anos ensinada pela mãe e pelas tias.

Após o falecimento do pai, tinha Maria Joana cerca de 16 anos, precisava de trabalho e foi desde essa altura que foi trabalhar para a D. Maria Jacinta a coser tapetes e mais tarde para a fábrica Kalifa.

Depois de coser durante 9 a 10 anos, Maria Joana começou a desempenhar outras funções. Era ela que acompanhava todos os processos de tratamento da lã, desde a sua compra junto dos tosquiador, até à entrega nas fábricas de tingimento em Alenquer (nesta altura já não se tingia em Arraiolos, anos 50 do séc. XX), e era também ela que distribuía o trabalho pelas tapeteiras, que lhes dizia o que cada uma tinha que fazer, tanto as que cosiam na fábrica com as que cosiam nas suas casas ou até mesmo aquelas que cosiam em casas que a fábrica tinha nas aldeias do concelho, como é o caso de Santana e Aldeia da Serra.

Maria Joana esteve na Kalifa desde a sua abertura até a altura da sua reforma.

Actualmente maria Joana está reformada e apenas guarda na memória todos os momentos que viveu enquanto era ela que tratava de todos os processos da feitura dos tapetes de Arraiolos da fábrica califa.

Maria José Cláudio

Maria José Cláudio nasceu a 30 de Dezembro de 1927 em Arraiolos.

Desde que saiu da escola, onde andou 4 anos, mas apenas terminou a 3ª classe, até aos 17 anos trabalhou na costura. Aos 17 anos foi trabalhar para a fábrica de tapetes, na altura dirigida pela senhora Maria Jacinta, de onde saiu aos 20 anos. Foi na fábrica que ganhou o primeiro dinheiro, recebendo à semana. Aos 22 anos casou e começou a trabalhar com o seu marido, sapateiro, como ajudante de sapateiro. Passados alguns anos, poucos, e após a morte do sogro, foi com o marido tomar conta de um café, que se localizava na praça, onde trabalhou durante 19 anos. Por volta dos 44, 45 anos, e após trespasse do café, Maria José Cláudio, regressou ao trabalho nos tapetes, desta vez a trabalhar em casa para a fábrica Kalifa, indo buscar e entregar as encomendas que lhe eram destinadas, trabalhou a coser em casa para a fábrica durante mais 22 a 23 anos.

Maria José Cláudio à data da entrevista encontrava-se em casa, já não fazia tapetes nem trabalhava, porém, não tinha direito a reforma, por nunca ter descontado para a Segurança Social.

Mário Piteira

Mário Rosa Garcia Piteira nasceu a 12 de Maio de 1934 em Vale do Pereiro, Santa Justa – Arraiolos – Évora. Com 2 anos os pais levaram-no para o Vimieiro onde fez o exame de 2º grau, 4ª classe. A seguir ao exame após 3 dias foi ser pastor (ajuda) e a seguir aprendeu todos os trabalhos na agricultura, exceto tirar cortiça e tosquiar ovelhas. Com 20 anos começou a aprender a profissão de tratorista, onde se profissionalizou a 17 de Outubro de 1957.

Tirou a carta de pesados profissional e foi para motorista dos padeiros, a transportar pão. Depois foi trabalhar com um camião com três eixos a percorrer todo o país. Aí viu como era a vida além do Alentejo e foi trabalhar para a zona da Piedade, para Vale de Flores. Aí averbou os serviços públicos e ingressei na empresa Transul, empresa de transportes públicos. Anos depois deu-se o 25 de Abril e já estava fixo na carreira de Almada à Praça de Espanha, onde andei vinte e tal ano.

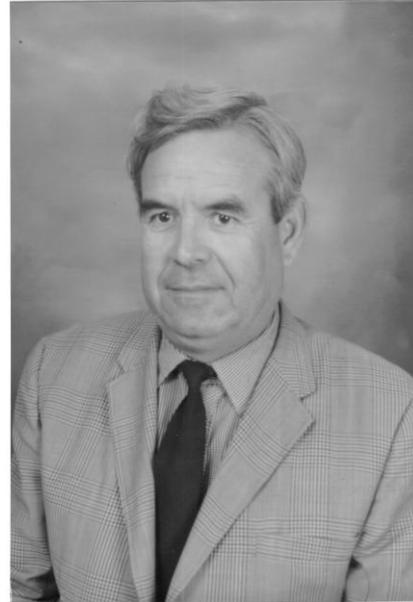
Em 1977 ajudou a fazer a Cercisa (escola) onde esteve 5 anos na direção como secretário, de onde saiu com um esgotamento cerebral.

Nesta altura começou a fazer a sua casa com muitos sacrifícios e trabalhos meus, da minha esposa e do meu filho Amilcar (os outros filhos eram ainda meninos).

Foi reformado por invalidez aos 60 anos de idade. Após a reforma comecei a vender andares.

Em 2009 a mulher adoeceu e vieram para o lar da Santa Casa da Misericórdia de Vimieiro, onde residem até hoje.

Os versos e as quadras sempre o acompanharam mas foi depois de se reformar que mais se dedicou a esta arte que nasceu com ele.



Martinho Barco

Martinho Barco nasceu a 5 de Junho de 1931 no Monte de Santo António, freguesia de Arraiolos.

Filho de trabalhadores rurais nunca frequentou a escola e cedo começou a ganhar algum dinheiro e a ajudar nas despesas da casa. Martinho Barco tinha 7 irmãos.

Começou a trabalhar como ajuda de pastor, depois foi ajuda de um hortelão e aos 16 anos foi trabalhar com uma junta de vacas na sementeira. Depois começou a trabalhar com uma parelha mas sempre trabalhou na agricultura e nos trabalhos que havia para fazer.

De sol a sol, dia após dia ia para o campo trabalhar pois era esse o seu “ganha pão”, seu, da sua esposa e das duas filhas do casal.

Após vários anos dedicados aos trabalhos do mundo rural, com 60 anos foi para tratador de cavalos, local onde trabalhou até à reforma.

Foi durante a sua vivência de trabalhador rural que aprendeu e guardou na memória as músicas que cantavam no trabalho e nas poucas horas de lazer que tinham.

À data da entrevista Martinho Barco é viúvo e mora sozinho, no entanto é utente do Centro de Dia Social e Paroquial de Arraiolos.



ENTREVISTAS (exemplos de entrevistas realizadas)

Entrevista a Arlete Fanico

(09-12-2010) (Transcrição de MP3 de 24m. e 95s.)

Recolha de Carla Barroseiro

Vimieiro, Arraiolos

CB – Carla Barroseiro

AF – Arlete Fanico

CB – A D. Arlete na sua juventude, quando era menina nova, o que fazia era fiar?

AF – Fiar, fiar.

CB – E começou a fiar...

AF – Comecei a fiar ai com os meus 10 anos.

CB – E já era de família?

AF – Já era, já era a minha avó e a minha bisavó e então, a minha avó, a minha mãe casou e ficou juntamente, casou-se e como era só a filha única ficou junta com a minha avó e a morar juntas, a viver na mesma casa, mãe e filha e genro, que era ó mê pai e atão foi assim que foi continuando a vida. Depois nasci eu, continuei, a minha avó a fiar, o mê pai até tínhamos uma casita ali à, fora da nossa casa, arrendou-se que era pra, pra a minha avó estar a fiar ali naquela casa, que era, que é onde é agora, onde era a fábrica da cortiça, lá em baixo ás vendas, lá em baixo, na sei sa senhora conhece.

CB – Conheço, conheço.

AF – E depois, ê claro, ê fui fazendo, sendo mulher e eu quando comecei aí a ter os mês 16 anos comecei a dizer: - Ó mê pai deixe-me ir servir pra eu, prá mãe me comprar um vestidinho pra eu estriar pa fêra da Arraiolos, era até pa fêra da Arraiolos. - Não deixa-te estar, tás aqui em casa mais a mãe e a avó, bom mas já ajudava a minha avó, a dobar a lâ, a sarilha-la. Sarilhar, é um bocado de cana assim deste tamanho e com dois paus ali metidos no buraco da cana e um pa lá outro pa cá e outro aqui e depois era sarilhada assim pra fazer as meadas assim, e a minha avó, e eu torcia a lâ, eu, a minha avó fiava-a e depois para se ganhar mais alguma coisinha, eu ó depois tive uma irmã da minha avó que morreu e queriam aventar a roda dela, a roda dela, que a roda é um banco, assim prái deste comprimento, assim comprido e com uma roda grande e a gente dava à roda caquela, caquela roda que está bem em cima, lá à frente tinha um, ah dois fusos metidos num pecado de madeira todo, todo com com cortes que era pa meter a corda da roda, a corda vinha à roda grande e às pequeninas que era pra se torcer a lâ, os dois fios fininhos que a minha avó fazia e eu torcia-a. A corda ponha-se assim trocada, a fiar era lisa e a torcer a lâ, a juntar a lâ era assim. De maneira que ó depois eu já fazia aquilo, aquele trabalho, pra ajudar a minha avó e a minha avó dava-me qualquer coisita, sempre me ia convidando, pois. De maneira que, depois a minha avó coitadinha morreu, de repente, morreu assim de repente e eu lá fiquei com a minha mãe e com o mê pai em casa assim, mas eu sabia já aquele trabalho todo. Depois fazia as meadas com o sarilho e aquilo tudo e e ia levar à fábrica, que era ali ó Rossio à frente do Joaquim Valente onde, a casa do Joaquim Valente.

CB – A senhora e a sua avó fiavam para a fábrica?

AF – Exactamente.

CB – Então e ia lá...

AF – Era aí até o edifício da fábrica, aí que era do Sr. João Franco e ele dava a casa pra esse trabalho todo.

CB – E quem é que lá ia levar-lhe a lã para fiar?

AF – Como?

CB – Quem é que ia levar a lã à da sua avó para fiar?

AF – A gente é que a ia bescar ali à fábrica, ali àquela casa, ali àquela casa é que se ia bescar. E depois ia-se tirando uma pastinha.

CB – Mas já vinha cardada?

AF – Já vinha cardada. Era um irmão daqueles Serenos que foram ali choferes em Arraiolos.

CB – É que era o Cardador.

AF – É que era o Cardador. De maneira que assim se foi passando. E depois eu ia bescar a lã com aquelas pastas, era assim ós meios quilos, ós meios quilos de lã cardada.

CB – Levava aos meios quilos de lã cardada para fiar?

AF – Pra fiar, e depois então é que agente a fiar, depois a minha avó morreu e eu ainda fiquei a trabalhar ali.

CB – Para a fábrica?

AF – Pá fábrica, que ê tinha uma irmã que era a mulher do Joaquim Pimpão, aquela família ali em Arraiolos, era a mãe do carteiro que é lá da Arraiolos, do Chico Zéi. De maneira que essa é que já dobava os novelas pra eu trocar pra fazer atão o, o trabalho pra elas cozerem, pra elas cozerem.

CB – Depois a sua irmã ficou a ajudá-la?

AF – Essa irmã ficou-me a ajudar. Mas depois havia ali uns delegados, uns senhores delegados vieram práli prá Arraiolos e depois criam uma rapariga assim pra interter as crianças e aquilo tudo e ela foi prá desse senhor delegado, olhe e de lá casou, de lá casou. As meninas foram crescendo e ela foi estando já a trabalhar e, porque era a baixo de mim e...

CB – A senhora era mais velha?

AF – Pois, de maneira que era assim a vida da fiandeira.

CB – Ia buscar a lã cardada para fiar e depois quando fiava ia lá levar outra vez?

AF – Ia lá levar, ia lá levar à fábrica. E atão como a sua mana me falou nas tinturarias eu disso é que percebo muito pouco sabe.

CB – Mas com a D. Arlete queremos é falar do trabalho que fez, do fiar.

AF – Porque era só quando lá ia, via aqueles grandes tachos em cima da trempe ó lume e elas a meterem as meadas, que eram meadas assim deste tamanho.

CB – Então quando ia levar a lã à fábrica era lá a essa casa onde tingiam? Era aí é que deixava a lã?

AF – Exactamente. Era aí é que se deixava a lã, era lá em cima.

CB – Lembra-se onde era essa casa?

AF – Ah ah casa é mesmo à frente da casa que era do Joaquim Valente, da drogaria, um prédio alto sabe, tem até uma travessa pra ir lá pró cabouco.

CB – Ai é que ia deixar a lã e ai é que eram tingidas.

AF – Exactamente.

CB – E o que se lembra era só das ver a...

AF – Pois e atão era só, havia um grande quintalão e que está lá ainda atéi, lá mais a baixo está o quintalão, e com uma casa até prá, depois aquilo mais tarde foi feito em sopa de pobre, modificado e arranjado pa dárem a sopa de pobre. Mas naquela altura era assim e atão aqueles grandes tachos, nas trempes e a pintarem a lã. E eu era só toma lá dá cá e dá cá, e pagavam e levava mais.

CB – E trazia mais cardada pra fiar?

AF – Trazia, pois exactamente. Levava a fiada e trazia pra fiar. Mas depois aquilo tudo acabou, tudo acabou, tudo foi morrendo, e eu depois a, o mê pai que Deus aja morreu cedo porque era carreiro e caiu de uma carrada de lenha, dali pa baixo partiu a espinha, mandaram-no pra Lisboa, olhe nunca mais o vimos, nem morto nem vivo. De manêra que foi assim que ê fui servir.

CB – Depois do seu pai falecer?

AF – Exactamente. Depois a minha mãe ainda aproveitou as rodas.

CB – Mas ai já ninguém fiava?

AF – Já ninguém fiava. Havia lá era a Isabel das Canas, era a Laura Pimpão, duas, era eu três e era, a minha avó tinha uma irmã que também, e eu depois herdei o banco dela, quer dizer fiávamos as duas, na era com o mesmo banco, cada uma tinha seu. Mas na sei que defeitos é que as minha irmãs deram àquilo, ê depois já tinha casado, já morava até no monte, na Comenda Grande, na sei sa senhora ouve falar na Comenda Grande e atão na sei que defeitos é que elas deram àquilo. Bom mas foi assim o mê fim de fiadeira.

CB – E a sua avó como é que se chamava?

AF – A minha avó era Rosalina, Rosalina Ramalho. E atão foi assim que eu foi atão servir e comecei a namorar, o marido com que casei e lá fiz a minha vida...

CB – Mas gostava de fiar?

AF – Gostava muito, gostava. Cantava, enfim...

CB – E quando fiava usava azeite para fiar? Punha alguma coisa na lã para a fiar melhor?

AF – Não não, o fuso era um bico assim deste tamanho e tinha um biquinho à ponta muito fininho e aquela roda, aquela rotação que a gente dava à roda é que fazia rodar aquele lá em baixo e é que fazia, e agente ia puxando a lã assim, ia puxando a pasta e aquilo ia dando, fininha.

CB – E a lã não vinha enzeitada? A lã na vinha enzeitada do cardador?

AF – Tinha, vinha enzeitada, isso era o cardador que fazia isso, punha-a na carda, na carda. Primeiro era salpicada toda de azeite e depois tava o moitão à frente dele e em ele o pondo na carda aquela coisa com aqueles dentinhos, na carda e depois é que ia fazendo as pastas ai da largura de 4 dedos. Depois a gente tirava aquela pasta, punha-a além ao bico do fuso e aquilo ia esticando à medida que a gente cria.

CB – E a lã também já estava mais macia do azeite?

AF – Exactamente. Depois já estava fininha que era pra ligar uma à outra. Porque era assim, era assim uma coisinha fininha, era o que a gente conseguisse que fosse feito. E atão foi assim o mê final de fiadeira. E as outras já tinham até morrido depois de ê deixar de fiar.

CB – E a senhora sempre fiou para a fábrica ou fiava também para outros sítios?

AF – Pra qualquer pessoa que cria fazer um tapete, mandavam fazer, mandavam arranjar aquilo e compravam a lã e faziam os tapetes.

CB – E nessa altura havia lá muitas fiandeiras em Arraiolos?

AF – Havia e, havia a Laura Pimpona, havia a Isabel das Canas, havia, inda era outra, uma Emília que morava até nos trazes ali do prédio do Zé Alho. Essa família morreu já tudo, morreu já tudo. Só eu é que estou ainda pra contar estes inícios, o mais de resto, e cá pró lado do centro da vila, praça e a rua do, lá do castelo e aquilo tudo, na havia mais ninguém a trabalhar.

CB – Mas quando a sua avó começou a fiar ainda não era para a fábrica?

AF – Era era, era sim senhora. Quando a minha tia morreu, que era a irmã da minha avó, que era tamém fiandeira, é que a minha avó começou mais a fiar pra, só prá fábrica e depois qualquer pessoa que cria até pa uma camisola feita, até se fiava fio pra fazerem camisolas, tricou, pois, era muito fininha, a linha, uma linha aí de quando fazem as meias, era assim é que era a.

CB – Levavam lá a lã cardada e as senhoras fiavam?

AF – Exactamente. Exactamente.

(...)

AF – E depois só assistia à tinturaria enquanto elas tratavam do dinheiro e traziam mais lã e ê pegava naquilo e vinha pra trás. Mas lembro-me que elas às vezes, tava ali um becadinho às vezes à espera, porque havia lá uma senhora que era a encarregada daquilo, que era uma Maria Adelaide, uma D. Maria Adelaide que foi até patrícia do senhor, do senhor Zé Mira, e até le arranjou um filho, ê na sei se esse rapaz já morreu, já deve ter morrido. Mas essa depois é que era a chefe atão daquilo, mas depois, aquilo na altura morreu o senhor João Franco e a fábrica, e depois acabou-se aquela dádiva ali naquele sítio e mudaram lá pra onde é agora ali à frente da farmácia. Mudaram prái com outros senhores, o senhor Cidades ó depois tamém deixou aquilo e aquela volta toda e depois atão é que já na soube mais inícios daquelas voltas. Havia lá uma rapariga que ficou por encarregada disso mas tamém na sei se ela já morreu. Era irmã do senhor, do António Agostinho que vendia tabaco. Havia lá duas irmãs, que era a Rosalina e a Joana. E vinha raparigas da ilha trabalhar, vinha tudo, da ilha, dali. Mas depois do senhor Cidades aquilo tudo deu uma volta, a vida toda deu uma volta.

CB – Lembra-se de uma Senhora que era a Teodosa Cascalho que também era fiandeira?

AF – Teodosa Cascalho, era a minha segunda tia, era a irmã da minha avó. Sim senhora era a minha ti Teodosa.

CB – Então dessa sua tia é que herdou o banco?

AF – Exactamente. Porque a família, as netas dela nunca trabalharam a fiar, ela tinha 3 filhas mas 2 foram pra Évora trabalhar a dias e casaram, mas aquela ficou solteira e depois foi servir tamém e a mãe morreu.

CB – Só a senhora é que pegou no trabalho de fiandeira?

AF – Exactamente. E é assim.

CB – E lembra-se de um senhor que era António dos Santos Conrado?

AF – Como?

CB – António dos Santos Conrado que era cardador, lembra-se?

AF – O António dos Santos Conrado, não, ê só me lembro do Sereno, que vinha da ilha.

CB – E esse senhor também trabalhava para a fábrica, cardava para a fábrica?

AF – Sim senhora, sim senhora. Até estava lá dia-a-dia, de manhanzinha até à noite e à noite é que abalava, sim senhora, estava ali dia-a-dia.

CB – A senhora é que trabalhava fora.

AF – Trabalhava na minha casa, e as outras senhoras que ê iniciei tamém trabalhavam cada uma lá em casa. Às vezes até dos nossos quintais, umas das outras, víamos umas às outras, - Olha já cá está outro meio quilo; que era meio quilo de lã fiada pra irmos levar á fábrica. Era assim.

CB – Então as fiadeiras trabalhavam fora da fábrica mas o cardador e as que tingiam já trabalhava na fábrica?

AF – Sim senhora, e havia velhotas fora lá da fábrica a cramear a lã, a tirar os carrapiços, as palhas, aquilo tudo e depois a lã era lavada e depois era, era atão tudo por conta da fábrica, porque a falta do senhor João Franco fez ali, derrubou ali muito, derrubou ali muito.

CB – Isso estava muito organizado.

AF – Pois, ele é que era o chefe daquilo. (...) E depois quem cria fazer tapetes às vezes ia comprar uma meada, um tapete piqueno ou uma coisa assim iam lá comprar a lã pra trabalhar e pra fazer o que cria, pois era assim. Isto lembro-me eu de tudo. Às vezes tava por lá, ali à espera que elas me pagassem e me dessem mais encomenda e eu observava já aquilo tudo.

CB – Então e as Dordias e as irmãs Belgas?

AF – Tamém faziam pra fora, essas tamém faziam pra fora, mas eram duas irmãs solteiras. Eram duas irmãs solteiras que era no prédio que tá ó pé da igreja e dos correios, aquele prédio que faz ali travessa, uma pró cabouco e outra pá fábrica. Era das Belgas, das senhoras Belgas.

CB – E essas senhoras também tinham quem fiasse para elas?

AF – Eu e a minha avó e a minha mãe, olhe a minha mãe, a minha mãe até ainda lá tinha a roda, que a minha mãe depois foi pra dama de companhia das senhoras, prá criada na ficar, na estar lá sozinha.

CB – Então a senhora, a sua avó e a sua mãe também fiavam para essas senhoras?

AF – Exactamente. A D. Angélica e a D. Maria, e a D. Mariana era casada com um senhor ali onde há um jardim que quando a gente vem pra rua da Matriz, faz ali aquele balcão, e atão aquela senhora era...era aquele prédio que está por baixo, que está por cima de uma drogaria que ali há a meio do balcão e a drogaria tá a meio do balcão, aquele prédio grande, que era as senhoras Belgas, que era da D. Eduarda Mexia, que aquilo era Belgas e Mexias, tudo no mesmo alcinho, da mesma família.

CB – E faziam tapete também para fora?

AF – Também para fora, faziam, a D. Angélica e a D. Maria.

CB – E quando precisavam também pediam à senhora para fiar?

AF – Exactamente.

CB – E faziam a mesma coisa, davam a lã já cardada?

AF – Sim senhora, sim senhora, e a minha mãe, a minha mãe como estava lá por dama de companhia puxaram-na a ela pra lá que era pra ter lá o banco, que a casa tem um grande poço lá, dentro do prédio mas mais cá em baixo e atão a minha mãe é que trabalhava ali a lã durante o dia.

CB – Então a sua mãe trabalhou mesmo a fiar em casa dessas senhoras?

AF – Mesmo mesmo, sim senhora.

CB – E a senhora ficou com a sua avó a fiar para a fábrica?

AF – Exactamente. (...) Ah e os inícios da tinturaria havia um homem que ia ao campo apanhar uma erva que era o lírio, chamavam-lhe o lírio que era pra fazer as cores, o mais de resto na sei.

CB – Pois não era esse o trabalho da senhora, a senhora era só fiar?

AF – Pois, pois, exactamente eu era só trabalhar naquilo. Lembro-me que elas metiam as meadas e era assim, até que ficava com a cor que elas criam, mas neste início é só o que sei dizer, agora do resto na me esqueço de nada.

CB – E a senhora lembra-se da tela onde faziam o tapete...

AF – Essa vinha às peças, sim senhora, havia uma casa pra ter esses apetrejos todos pra na haver faltas, porque aquilo, a senhora na calcula o que é a casa lá em cima, é uma casa munto grande e era ai é que as costureiras tavam, lá em cima.

CB – Então essa tela compravam-na?

AF – Pois, a tela compravam-na, vinha às peças, pois, isso lembro-me eu de ver essas coisas todas, porque é claro a gente entrava, tinha porta aberta livre pra entrar, quem quisesse até ir ver, ou comprar, ou encomendar.

CB – Muito Obrigada mais uma vez.

AF – Nada, sempre às ordens.

Entrevista a Florinda Pinto

(31-05-2012) (Transcrição de MP3 de 36m. e 10s.)

Recolha de Carla Barroseiro

Vimieiro, Arraiolos

CB – Carla Barroseiro

FP – Florinda Pinto

CB – Primeiro precisava de saber o seu nome.

FP – Pode ser o primeiro e o último. Florinda Pinto.

CB – Chega. E é natural de onde?

FP – Natural de Arraiolos. Nasci em Arraiolos na rua das Vendas. Em 1922. Há 89 anos.

CB – Sim senhor.

FP – 1922, às 9 horas da noite e num domingo.

CB – Ainda se lembra disso tudo.

FP – Ouvia a nha mãe.

CB – E andou à escola?

FP – Andei à escola ma foi só um ano, quer dizer, passei da primera pá segunda classe com 18 valores mas os mês pais vieram pó campo, pá aqui pó pé de Évoramonte, um monte muito longe das vilas e pronto nunca mais fui à escola. Fiquei assim.

CB – Era assim.

FP – Ainda vou lendo, ler leio mas atão.

CB – Então mas sabe ler, aprendeu a ler.

FP – Sim leio esses livros, venho aqui bescar livros e leio-os todos, isso na aprendi mais nada mas fui sempre, escrever é que escrevia noutro tempo, agora já na se usa cartas é o telefone, até já más novo o telemóvel, mas no mê tempo escrevia-mos cartas às famílias e escrevia, com erros mas escrevia sempre e percebiam sempre. Até cheguei agora, já depois de casar, tinha lá uma vizinha que tinha um filho na França e ê tinha umas sobrinhas na Alemanha e escrevia cartas pa elas, as direções copiavam e elas diziam que percebiam tudo munto bem e as cartas iam lá ter.

CB – Isso é que é preciso. E então diga-me lá qual foi a sua profissão?

FP – Como?

CB – Que trabalhos é que fez, qual era a sua profissão?

FP – Campo.

CB – Foi sempre no campo?

FP – Sempre. Sempre trabalhei no campo. Em soltera ianda andei a servir, a servir muntas casas mas depois de casada não. Primero fui po campo com 10 anos, comecei a apanhar azeitona, a monda, depois com 13 anos fui à aceifa, a aceifar, comecei à azetona a ganhar 3.500, a aceifa já ganhava 12 escudos já era um dinheiro, e como tinha dois irmãos mais velhos dava pa vivermos mas quando eles saíram de casa já na dava pa viver e fomos servir eu e uma irmã minha e depois casei. Casei e voltei ó campo outra vez, o mê marido trabalhava no campo e voltei ó campo outra vez até que a coluna já escangalhada e com 50 e tal anos fui reformada por invalidez por causa da coluna, parti uma perna, parti um braço, andava sempre a cair a coluna n me segurava e agora à 6 ou 7 anos que tou numa cadera de rodas, porque quando parti a aperna foi cá em cima e o médico disse ó mê filho que na me deixasse já pegar nas canadianas, primero andava com um cajerinho, depois com canadianas e agora de cadera de rodas, e o médico disse ó mê filho que na me deixasse andar cas canadianas porque se tornasse a cair já só numa cama é que podia estar. De maneras que tive 3 ou 4 ou 5 anos em casa a comer ó domicilio aqui do lar e agora já faz amanha 4 anos que aqui estou, cama e mesa e heide estar assim até que Deus quera. Mas a minha maior parte do tempo foi no campo.

CB – Todos os trabalhos que havia era o que ia fazendo.

FP – Pois era o que havia e o estudo na tinha e atão era o campo.

CB – E então o que eu queria saber da senhora era essas mezinhas todas que sabe. As mezinhas de antigamente.

FP – Mezinhas? Sei que agente pos medicamentos havia poucos e eram caros e eram longe das povoações que havia e eu com os mê pais vivi sempre no campo, só quando vim servir é que vim pá vila e depois de casada. Mas vivíamos no campo e constipávamos, fazia-se um chá de poejos, poejos, flor de sabugo, era bom pás constipações, havia uma dor ponham-se ventosas, sabe o que é as ventosas? Era uns espinhos de vidro que havia ponha-se um bocadinho de algodão dentro puxava-se um fósforo, eram ventosas, eram pás costas. E tintura, isso da tintura punha-se tintura. Pa bichocos para coisas assim na se vinha às pomadas porque na havia dinheiro e longe, e então havia uma erva chamava-se a erva das sete linhas, havia assim nos riachos, nos riberos, ia-se assim com a unha paquelas ervinhas abaixarem e untava-se com um bocadinho de banha e ponha-se nos bichocos e às vezes com um miolinho de pão e arrebetavam e sabão, sabão virgem tamém. Os bichocos arrebetavam e depois lavava-se com água de malvas. Olhe ainda ê agora depois de velha me arrebetou aqui esta perna e é assim, o inchaço que ê incho munto, e andei assim dois meses aqui no centro de saúde e na havia meio de isto sarar e o enfermeiro abalou foi de férias e eu fui às malvas cozi malvas, lavei com água de malvas e pôs uma pomadinha que havia que até já acabou e lá fechou e andei dois meses ali em tratamento. A água da malva é munto boa tamém. As malvas do campo bem lavadinhas e cozidas é bom pa fridas e tamém curei uma quemadura assim. Lavava com a água da malva que tava munto vermelho infetado mesmo, lavado com a água da malva morna e depois põe-se as malvas cozidas em cima e limpa-se ali com um paninho que é uma maravilha. A água da malva é munto boa, e até bebida, pode-se beber, que é munto bom pa inflamação de estômago ou intestino, assim bem lavadinhas é uma erva asseada.

CB – Faz-se um chá?

FP – Faz-se um chá, passadorzinho e bebe-se. Ó em casa ainda ê lá tenho um saquinho com elas secas.

CB – Nunca se sabe quando é preciso. Tem que ser secas?

FP – Pa beber, pa fazer chá pa beber. Muntas ervas havia muntas ervas que eram munto boas. Havia a Salva brava tamém, isso tamém era munto bom pa constipações e é o Fel da terra que era munto bom pá estômago.

CB – Isso era tudo em chás?

FP – Tudo chá e depois passado. Agora já há dinheiro, ê agora, na minha casa e aqui já tenho passadores pa passar e naquele tempo ainda era num copo e um bocadinho de um pano branco velho e era o passador.

CB – E conhecia as ervas todas.

FP – Muntas ervas munto boas. Tava a lembrar-me aqui duma mas agora na me vem à ideia. Era a salva brava, era o fel da terra e tava a lembra-me doutra. Ai a Marcela real, era uma flor amarela, ainda agora na à munto tempo que ê apanhei, passei po campo por onde havia e apanhei e trouxe-a pa casa na sei se ainda lá tá. É assim uma florzinha amarela que é pa febre. Isso é de certeza que agente bebe aquilo, munto amarga, sabe munto mal e nesse tempo já davam nas farmácias chamavam-lhe as hóstias, o médico receitava, era um pó dentro da hóstia, os médicos que receitavam pá febre mas como aquilo era más barato e era tão bom ou melhor agente íamos à marcela e fazíamos o chá da marcela e bebíamos e a febre abalava.

CB – Pois e quem tava no campo os remédios que tinha eram esses.

FP – Atão pois e faziam bem.

CB – E havia uma erva para cada mal?

FP – Era muntas muntas.

CB – E quem é que lhe ensinou a fazer isso?

FP – Parte delas a minha mãe. Mas havia um velhote que andava por ai num burrinho pelos montes, na sei donde o velhote era mas lembro-me que passava, às vezes de meses a meses e ensinava e trazia ervas pa vender a quem queria, ai no Vimieiro tamém havia uma casa dum velhote que amém ia a elas e vendia. Ele passava munta vez e até ensinava orações. Esse velhote ensinava orações, a bênção pa benzer a enzipla, hoje na se fala na enzipla, é uma infeção, agente tinha qualquer coisa numa perna punha-se tudo vermelho, tudo vermelho, hoje uma infeção cura-se com outras coisas naquele tempo chamava-se a enzipla, o velho ensinava a bênção da enzipla, ensinava bem ê benções nunca aprendi só essa da enzipla.

CB – E essa ainda sabe?

FP – Sei ainda benzi munta vez, mais de cem pessoas agora já nem há, que agente fazia com uma das redes que havia nos bardos das ovelhas que eram fetas de espartos, ervas secas, e era esparto, de um bocadinho desse da rede fazia-se uma cruzinha assim, e depois tínhamos um copo e uma candeia com azeite que usava-se a candeia de azeite, quer que diga a oração?

CB – Se ainda se lembrar.

FP – Sei, lembro-me bem dela. Pedro e Paulo vinha de Roma, Jesus Cristo ia pra lá, e sempre com a cruz na mão, Pedro e Paulo vinha de Roma, Jesus Cristo ia pra lá, Jesus Cristo procurou, Pedro e Paulo que mal há por lá?, Senhor munta enzipla, munta enzipla e enziplão, venho ver senhor se remédio há para se cura, Pedro e Paulo remédio há, Pedro e Paulo volta a trás, Pedro e Paulo benzerás em cruz com o esparto do campo e o azeite da luz, por isso tinha-se a candeia com a luz acesa, a candeia era de azeite e a cruz de esparto molhava-se no azeite, até quisso dê, até quisso seque, até más na possas lavar, em louvor de Deus e da Virgem Maria, Padre Nosso e Avé Maria. Rezavamos o padre nosso e a avé maria. Havia muntas pessoas que sabiam benções d elua de cobranto. Essa aprendi com esse velhote e ainda a sei porque ainda precisei e rezei pa algumas pessoas.

CB – E nunca se esqueceu porque foi usando.

FP – Pois ê rezo munta vez, orações da trovoada. Tamém quer essa?

CB – Quero quero sim senhor.

FP – S. Gregorinho te levantou, suas botinhas calçou, suas benditas mãos lavou e seu cordãozinho de ouro nas mãos tomou, pa onde vás S. Gregorinho, vou espalhar estas trovoadas que por cima de nós andam armadas, espanhas lá pa bem longe pa onde na haja eira nim bera, nim folhinha de figuera, nim mulher com menino, nim ovelha sim borreguinho, nim gadelhinho de lâ nim alminha nenhuma que se dã. Santa Bárbara bendita, que no céu tá escrita, na terra assinalada, valha-nos o cálice bento e a hóstia consagrada. Era o que se sabia que iam ensinando duns pós outros. Hoje essa gente nova já ninguém quer aprender.

CB – Rezavam isso quando havia trovoadas?

FP – Quando havia trovoadas. Quando havia trovoadas e gostávamos, era uso, abria-se a porta e aventava-se uma ferramenta para a rua, uma ferramenta de aço, uma enxada ou uma foice, uma ferramenta que tivesse aço e deitava-se assim pa rua que as coisas rins atraem o aço era p alivarmos agente e a casa.

CB – E depois rezavam?

FP – Pois fazia-se assim.

CB – Então e sabe mais algumas.

FP – Assim da trovoadas na sei mais nenhuma.

CB – De outras coisas.

FP – A minha vida foi sempre no campo, depois quando comecei a servir tamém a vida foi sendo mais moderna tamém aprendi outras coisas, mas nunca me esqueceu.

CB – Eram tempos diferentes.

FP – Eram tempos diferentes, a nossa vida, mesmo a mocidade da gente era diferente do que é agora. Na saíamos se não com as nossas mães.

CB – Mesmo quando havia um bailarico.

FP – Ai isso sem a mãe na podia ser, às vezes lá ia uma vizinha se tava doente e na podia ir pedia à vizinha pa levar a filha e olhar por ela. Na se namorava sozinha. ... Agora é tudo munto diferente. (...)

CB – Então e diga-me lá, os chás que faziam para tirar os males era só com água e com as ervas ou levava mais algumas coisas?

FP – Não só água e a erva, havia a Arrúdia tamém, quando as crianças eram piquenas tinham lua que agora ainda dizem, ê tenho lá um bisneto e a minha nora disse-me que o neto tamém já se ria a dormir se calhar que era lua. Ensinavam lá tamém na sei o que pá lua. E atão as crianças tinham lua mas havia Arrúdia, que é uma erva tamém que há no campo, que cheira munta mal, e na se pode mexer munto com as mãos que aquilo até empola, mas punham-se umas brasinhas numa pá ou num testo e punha-se a arrúdia verde pa fazer fumo, passavam-se as crianças im cruz pelo fumo pá lua. Com a pólvora preta tamém faziam mas isso munta gente tinha medo que isso é más prigoso. Mas punha-se um coisinho de pólvora preta, riscava-se um fósforo, e depois quando fazia o fumo no fumo é que se passava a criança, tamém era bom pa lua. E havia tamém a bênção da lua. Benziam e defumavam, o defumador da arrúdia era o principal.

CB – E era acompanhado com a bênção.

FP – Sim quem sabia era as duas mas quem na sabia era só a arrúdia. E passava.

CB – E dava resultado.

FP – Tamém é uma coisa antiga o fonjo, tamém é bom pó soluço, e agora há a vender na farmácia tamém. Chá do fonjo que é munto bom pa quando as crianças tão com soluço. Já se compra na farmácia.

CB – Então afinal as mezinhas de antigamente...

FP – Começam a aparecer. Isso da Marcela real é uma das coisas belíssimas dá sempre resultado, custa munto a beber que é munto amargo mas dá sempre resultado e em que ser bebida de manhã em jejum e é só duas ou três cabecinhas na é preciso munto quaisquer duas cabecinhas fazem uma chávena de chá, põe-se a cozer, depois em tando fervida passa-se e bebe-se, pa febre é munto bom.

Tamém sei muntas cantigas ê depois dou-lhas. Olhe uma: Pedi a Deus que me desse um testemunho de amor, Deus ouviu o mê pedido e deu-me um filho encantador.

CB – A sua memória está ainda muito boa.

FP – É ainda. Mas já tou quase nos 90 e agora já começa a memória a abalar munto munto. Olhe lembrei-me das cantigas das rosas, e das das estrelas, quer tamém dessas, quer?

CB – Quero, se se está aa lembrar.

FP – A roseira da estação deita rosas para a linha, mê pobre coração na fala mas adivinha.
A roseira cardinal dá rosas a sete e oito, eu ando pra quer amar tenho medo na me afoito.
Rosa branca toma cor na sejam tão desmaiada, já dizem as outras rosas rosa branca na é nada.
Subi ó céu por uma estrela desci por um diamante, quim vai ao céu pa te ver já te tem amor bastante.
Subi ó céu por uma nuvem duma nuvem fiz encosto, dei um beijo numa estrela pensando que era o teu rosto.

CB – Isso cantavam tudo nos bailes.

FP – Cantávamos tudo nos bailes, cantávamos uns aos outros.
A minha sogra na me quer ni mós portados da rua, inda me chega a dizer entre filha a casa é tua.
Quero bem à minha sogra mesmo debaixo do chão, que me deixou cá um filho para a minha estimação.
A minha mãe na quer quê cante e o mê pai na quer quê baile, só quer que ê cedo me levante e ó trabalhinho na falhe.

CB – E era tudo com histórias da época.

FP – Depois cantava um e depois outro respondia há cantigas que calhavam mesmo umas nas outras.
Porque havia munta gente que as fazia ali na ocasião do que tava a acontecer.
Mesmo agora aqui cheguei na sei se é tarde se é cedo, trago o mê corpo a tremer na sei se é frio se é medo.
Mesmo agora aqui cheguei mais cedo na pode vir, os olhos que ê queria ver tão deitados a dormir.
Era tudo nos bailos e no trabalho.

CB – Era para ver se o tempo passava.

FP – E passava-se.

CB – Muito obrigada.

FP – Na tem nada que agradecer.

CB – Com o seu conhecimento temos sempre que aprender.

FP – Aquilo que eu puder e que souber estou às ordens.

CB – Muito obrigada.

ANEXO IX - *Corpus* Narrativo - Apresentação do património cultural imaterial

MEZINHAS

Narrador: Florinda Pinto

Constipação

Chá de flor de sabugo

Colocar a flor de sabugo em água e deixar ferver. Bebe-se bem quente.

Constipação

Chá de Salva Brava

Colocar a salva brava em água e deixar ferver. Bebe-se bem quente.

Para rebentar os bichos que se entranhavam na pele

Erva das sete linhas

Banha

Ponha-se a erva em cima dos bichos e um pouco d banha e rebentava, depois lavava-se com água de malvas

Também se podia lavar com sabão virgem

Para a lua

Arrúdia

Punha-se umas brasas numa pá ou num testo, colocava-se a arrúdia e passavam-se as crianças em cruz pelo fumo.

Para a lua

Pólvora preta

Com um fósforo acendia-se a quando deitava fumo passava-se a criança

REZAS

Narrador: Florinda Pinto

Oração da Enzipla

Pedro e Paulo vinha de Roma,
Jesus Cristo ia pra lá,
Jesus Cristo procurou,
Pedro e Paulo que mal há por lá?,
Senhor muita enzipla, muita enzipla e enziplão,
venho ver senhor se remédio há para se curar,
Pedro e Paulo remédio há,
Pedro e Paulo volta atrás,
Pedro e Paulo benzerás em cruz com o esparto do campo e o azeite da luz,
até quisso dê, até quisso seque, até más na possas lavrar,
em louvor de Deus e da Virgem Maria,
Padre Nosso e Avé Maria.
Rezavamos o padre nosso e a avé maria, estávamos sempre com a cruz na mão, com a candeia acesa e a cruz molhada em azeite

Oração da Trovoada

S. Gregorinho te levantou,
suas botinhas calçou,
suas benditas mãos lavou e seu cordãozinho de ouro nas mãos tomou,
para onde vás S. Gregorinho,
vou espalhar estas trovoadas que por cima de nós andam armadas,
espanhás lá pa bem longe pa onde na haja eira nem bera,
nem folhinha de figuera,
nem mulher com menino,
nem ovelha sim borreguinho,
nem gadelhinho de lã
nem alminha nenhuma que se dê.

CANTIGAS DE ANTIGAMENTE

Narrador: Florinda Pinto

A roseira da estação
Deita rosas para a linha
O meu pobre coração
Não fala mas adivinha.
A roseira cardinal
Dá rosas a sete e oito,
Eu ando pra quer amar
Tenho medo na me afoito.

Rosa branca toma cor
Não sejas tão desmaiada
Já dizem as outras rosas
Rosa branca na é nada.

Subi ó céu por uma estrela
Desci por um diamante
Quem vai ao céu pa te ver
Já te tem amor bastante.

Subi ó céu por uma nuvem
De uma nuvem fiz encosto
Dei um beijo numa estrela
Pensando que era o teu rosto.

Quero bem à minha sogra
Mesmo debaixo do chão
Que me deixou cá um filho
Para a minha estimação.

A minha mãe na quer quê cante
E o mê pai na quer quê baile
Só quer que ê cedo me levante
E ó trabalhinho na falhe.

Mesmo agora aqui cheguei
Não sei se é tarde se é cedo
Trago o mê corpo a tremer

Não sei se é frio se é medo.

Mesmo agora aqui cheguei
Mais cedo na pode vir
Os olhos que ê queria ver
Estão deitados a dormir.

Ando pra baixo e pra cima
Como o retrós na balança,
Enquanto tu não fores minha
A minha alma não descansa.

O alandro na ribeira
Deixa raízes ao lodo
Eu não posso antes queira
Esquecer meu amor de todo.

Já não tenho coração
Já mo tiraram do peito
No lugar onde eu o tinha
Nasceu um amor perfeito.

Se soubesse que voando
Alcançava o teu sentido
Mandava fazer umas asas
Das penas que eu tenho tido.

Coração por coração
Não deixes de amar o meu
Olha que o meu coração
Em tudo é leal ao teu.

Toma lá meu coração
Retalha-o como o marmelo
Dentro dele encontrarás
O bem ou mal que eu te quero.

Já de ti não quero saber
Nem da sombra que tu fazes
Vê lá a intenção que eu tenho

De contigo fazer as pazes.

O meu amor é baixinho
É assim da minha altura
É bonitinho de cara
Delicado de cintura.

Quero-te bem e tenho-te ódio
Olha amor a minha graça
Quero-te bem porque és minha
Tenho-te ódio porque és falsa.

Homem alto e delgadinho
É a minha elevação
Aqueles que são baixinhos
Nem pra dizer adeus são.

Chapéu preto redondinho
Usa o meu bem na cabeça
Não há nada neste mundo
Que aquele anjo não mereça.

A ladeira do teu monte
É custosa de subir
Se não fossem os teus olhos
Ninguém lá podia ir.

O sol é que alegra o dia
Pela manhã em nascendo
Meu coração anda triste
Só se alegra em te vendo.

Se eu morrer e tu morreres
Enterramos ambos juntos
Olha que há-de ter que haver
Uma cova de dois defuntos.

Jura amor que eu também juro
Faz uma jura bem feita
Jura amor que me hás-de dar

Na igreja a mão direita.

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento
Menina recolha o cravo
O casar ainda tem tempo.

Senta-te aqui amor
Tu numa pedra e eu na outra
Aqui choramos ambos
Que a nossa aventura é pouca.

À entrada da minha rua
Hei-de mandar ladrilhar
Com pedrinhas de ouro fino
Para o meu amor passar.

Tu andas atrás de mim
Como a pêra atrás do ramo
Tu andas para me enganar
Contigo fica o engano.

Eu não quero mulher bonita
Muito feia também não
A bonita é cobiçada
E da feia fazem mangação.

Abre o meu peito à direita
À esquerda mete a mão
Achará teu nome escrito
Ao lado do coração.

Estás longe de mim tão longe
Amor do meu coração
Estás longe da minha vista
Mas do meu sentido não.

Trago dentro do meu peito
Ao lado do coração
Duas letrinhas que dizem

Morrer sim, deixar-te não.

Antes que minha mãe me bata
Meu pai me tire a vida
Minha palavra está dada
Minha mão está prometida.

Deixaste-me a mim para outra
Eu bem sei que me deixaste
Só gostava de saber
Na troca quanto ganhas-te.

Namoras-me a mim queres outra
Estás um bom papel de amêndoas
Pelos jeitos que eu vejo
Não chegas às encomendas.

Água clara não turva
Sem haver quem a bandeie
Amor que é firme não muda
Sem haver quem o falseie.

Dizem que a folha do trigo
Que é maior que a da cevada
Também a minha amizade
Ao pé da tua é dobrada.

Eu mandei vir do rochedo
Terra para me enterrar
Quem se rala morre cedo
Eu não estou para me ralar.

As estrelas miudinhas
Trazem o céu bem composto
Se não querias que eu te amasse
Não nascesses ao meu gosto

As estrelas do céu correm
Todas numa carreirinha
Assim os beijos corressem

Da tua boca para a minha.

O sol quando nasce é rei
Ao meio dia é morgado
A tarde já vai doente
À noite é sepultado.

O sol anda que desanda
Dá mil voltas para se pôr
Eu não ando nem desando
Sou leal ao meu amor.

Raparigas do meu tempo
E rapazes da minha idade
Não se queiram casar cedo
Gozem-se da mocidade.

Amiga já te casaste
Já o laço te apanhou
Deus queira que sempre digas
Se bem estava melhor estou

Água que nasce da rocha
Em todo o tempo é fresca
Amor que nasce da alma
Em tempo nenhum se deixa.

Eu mandei vir do rochedo
Terra para me enterrar
Quem se rala morre cedo
Eu não me estou para ralar.

Os olhos do meu amor
São duas continhas pretas
São criados ao luar
No jardim das violetas.

Tou triste de te ver triste
Choro de te ver chorar
Só uma pena me existe

É ver-te e não te falar.

Rouxinol canta de noite
De manhã a cotovia
Todos cantam só eu choro
Toda a noite todo o dia.

Tenho um saco de cantigas
Ainda mais umas talegadas
Para cantar às raparigas
Quando for às bailaradas.

Se o vidro não se quebra-se
Não tinha prata valia
Se a paixão de amor matasse
Muita gente morreria.

Olhos pretos são falsetes
Os azuis enganadores
Estes meus acastanhados
São legais aos meus amores.

POETAS POPULARES

Narrador: Mário Piteira

Começou o namoro
Era ainda criança
Como ela foi crescendo
Cresceu também a esperança.

A mãe não queria o namoro
Tinha medo da diferença
Quanto mais lhe batia
Mais aumentava a crença.

Nesse dia abençoado
Tudo foi feito em silêncio
Ela abalou com ele
Foi grande acontecimento.

Em 8 de Agosto de 1958
Saiu de casa dos pais
Juram fidelidade
Não se separaram mais.

Casada há 54 anos
Com 3 filhos adorados
Está só com o marido
É um casal invejado.

Ouvi às 7 de manhã
Uma cantiga tão fina
Era um lindo canário
A fazer o que Deus destina.

Na latada do meu quintal
É que gosta de cantar
Não nos parece mal.
Mas temos de acordar.

Começa logo bem cedo
Principio da primavera
Ele de nada tem medo
Cantar assim quem me dera.

Um passarinho bonito
Com um chilrear engraçado
Enternecer os gentios
Que por ele são bafejados.

Ó gente da minha idade
Oíçamos que lhes digo
Fico cheio de saudades
Mas não contem mais comigo.

Festejar os 70 anos
Quem havia de dizer
Que as malditas doenças
Não me deixam comparecer.

Era pessoa alegre
Hoje estou diferente
As malditas doenças
Até dão cabo da gente.

Hoje não estou a sofrer
Por falta de consciência
Com diabetes e alzheimer
Cega e com demência

Não consigo compreender
A minha satisfação
Já nada é como dantes
Até corta o coração.

Ó inverno vai-te embora
Que eu não posso aguentar
Ando cheio de copa
E ando sempre a tiritar.

Tens 3 meses por ano
Mais 3 por simpatia
Dividido por todo o ano
O inverno nem se sentia.

Tinhas a tua vivência
Não castigavas ninguém
Retemperavas a temperatura
E todos ficávamos bem.

Não havia invernias
Nem grandes inundações
Não havia deslizamentos
Poupavam-se povoações.

Com temperaturas amenas
Com dias frios pelo meio
Não havia enchentes
É nisto mesmo que creio.

No lar matou-se um porco
Para manter a tradição
Mas o Sr. Mário Garcia
Não lhe achou o coração.

Para acabar o trabalho
Teve de ser o ajudante
Que meteu-lhe a faca toda
Morreu que foi num instante.

Assisti ao carnaval
Na vila do Vimieiro
Com data memorial
Em 2012 a 19 de Fevereiro.

O grupo folião
Do Lar da Misericórdia
Animaram o carnaval
E foi uma grande paródia.

Iam bem disfarçados
Só faltou um rufião
Uma cenoura no nariz
Era o grupo folião.

Gorros e meias multicores
Tudo em grande concórdia
Gostei da representação
Do lar da misericórdia

Era um grupo grande
Mas não se portaram mal
Mas o que foi preciso
Foi animar o carnaval.

Os acessórios multicores
Com o branco não discorda
Tive um grande prazer
Foi uma grande paródia.

Quero louvar nossos pais
Pelo trabalho que tiveram
Que á 70 anos atrás
Grande alegria tiveram.

Uns mais e outros menos
Todos muito sofreram
O pão que o diabo amassou
De certo todos comeram.

Hoje somos avós
Sabemos dar valor
É por essa razão
Que lhe damos este louvor.

Hoje é dia de alegria
Temos que nos divertir
Vamos comer e beber
Vamos dançar vamos rir.

Passamos um dia bom
Para ficar na memória
É com dias como estes
Que se faz uma boa história.

Narrador: Diogo Graça

Com o nome destes viventes
Eu vou fazer umas quadras
Botifarras Dragão e Valente
Bota a Baixo e Tarrafadas

I
São uns cães de simpatia
Porque são bons animais
Já há netos filhos e pais
Aqui nesta freguesia
São bons de noite e de dia
Porque ladram a toda a gente
Nenhum deles tem mau dente
Quando mordem é com jeito
Mas diga-me se isto esta bem feito
Com os nomes destes viventes

III
O Valente é um bom cão
Como não há outro igual
Só uma vez se portou mal
Mas eu ainda lhe dei razão
Eu logo disse ao João
O que se ia dar de repente
Quem fala a verdade não mente
Eu nunca gostei de engodos
Mas gostava que fossem todos
Como tem sido o Valente

II
São uns cães inteligentes
E já é uma grande geração
Vamos ver se estes serão
Como tem sido o Valente
Isso não é p'ra toda a gente
Eu perdi muita madrugada
Da funda e de espingarda
Foi assim que ensinei
Mas digam-me que eu não sei
Se está boa esta quadra

IV
Passava o tempo a uivar
Era sempre a qualquer hora
Ele ia-se logo embora
Assim que ouvia ladrar
O que se havia de arranjar
Por causa da filharada
Andava de estrada em estrada
Parecia que andava fugido
Mas olha não estão esquecidos
O Bota a Baixo e o Tarrafadas

Dedicado a: Dois rafeiros da Comenda Grande.

Local: Comenda Grande

Ano: 1980

Diogo Graça

As quatro estações do ano

Qual será a mais bonita
Das quatro estações do ano
É o Inverno ou a Primavera
É o Verão ou o Outono

O Inverno é vadio
E para mim não vale nada
Há tempestade e frio
À noite e de madrugada

Toda a gente me acredita
E digo a qualquer senhores
Para mim a mais bonita
É a Primavera das flores

Para mim a melhor estação
E por todos sou apoiado
Eu gosto mais do Verão
Para estar a sombra deitado

O Outono é uma estação
Bastante delicada
Pode ser Inverno ou Verão
Ou será enxuto ou molhada

Dedicado a: Às quatro estações do ano, feito para um conjunto cantar
no Vimieiro.
Local: Vimieiro
Ano: 2001
Diogo Graça

Com saudades os vou deixar
Com saudades os vou deixar
Com saudades os vou deixar
Com saudades os vou deixar

I
Digo a Deus a Vale do Pereiro
E a toda a população
De ninguém tenho razão
Incenção do calceteiro
É um amigo verdadeiro
E dele me hei-de lembrar
Aqui e em qualquer lugar
E reparem pró que eu lhes digo
Eu tenho aqui tanto amigo
E com saudades os vou deixar

III
Logo a seguir ao almoço
Ali vamos beber a bica
Vai o Paulo e o Blica
E o Custódio é um bom moço
Não se vê um alvoroço
E anda tudo a trabalhar
Outras vezes é ao jantar
Que se arranja a romaria
Digo adeus ao João Maria
E com saudades os vou deixar

II
O Américo é o presidente
E o Ricardo é o bom rapaz
O Rebola e o Tomás
Eu digo adeus a toda a gente
O Gatinho também está presente
E nunca podia faltar
É um grande homem a trabalhar
E tem p'ra mim muito valor
Digo adeus ao Zé Pastor
E com saudades os vou deixar

IV
O Rózil mais o João
São ali mesmo vizinhos
Digo adeus aos passarinhos
O Crapeta e o Simão
Amigos do coração
Eu penso que vão gostar
Eu não sei se isto vai dar
P'ra mim grande sucesso
Digo-lhe adeus e me despeço
E com saudades os vou deixar

Dedicado a: À despedida dos meus amigos do Vale do Pereiro.

Local: Vale do Pereiro

Ano: 1995

Diogo Graça

Não se vê se não canalha
De banquete para banquete
Quem produz e quem trabalha
Come açordas sem azeite

I
Das tuas quadras Velez
Eu sempre me hei-de lembrar
Eras um artista a improvisar
E tinhas uma vida de maltez
Ouvi-te dizer tanta vez
Muito sofre quem trabalha
Todos temos a sua falha
Até na camada mais rica
Mas e certo tudo acredita
Divertiste tanta canalha

III
Fostes um grande décemero
Merecias ficar na história
Cantavas com o Zé da Gloria
Na Aldeia de Vale do Pereiro
À noite iam p'ro palheiro
E dormiam tapados de palha
De manhã jogavam à malha
Lá na venda do Peixeiro
Mas nunca faltou dinheiro
A quem produz e a quem trabalha

II
Como pobre foste escravizado
E tudo gostava de te ouvir
Quando se queriam divertir
Logo o Jaime era chamado
Todo routo e esfarrapado
Sem camisa e sem colete
Só por isso é que era aceite
Pela grande Burguesia
Que assim passavam o dia
De banquete para banquete

IV
Era um homem decente
Amigos vou-lhes contar
Era um artista a improvisar
Um cantador iminente
Divertia muita gente
Em qualquer festa era aceite
Há sempre quem o respeite
No improviso e no fado
Mas sempre viveu mal tratado
Comendo açordas sem azeite

Dedicado a: Um grande poeta já falecido, o senhor Velez.
Local: Herdade da Teja
Ano: 1970

Diogo Graça

Arraiolos devia ser
Do Alentejo a capital
Tem tanta coisa para ver
O tapete é o principal

I
O tapete está na rua
E por todos foi bem aceite
Nunca vi tanto tapete
Na minha janela e na tua
Esta festa continua
Acreditem podem crer
Toda a gente gosta de ver
Assim diz qualquer amigo
Não esqueçam o que lhes digo
Mas Arraiolos devia ser

III
Deve ser a maior indústria
Do nosso querido Alentejo
É aquilo que mais invejo
E falar disso nada custa
Vale do Pereiro e Santa Justa
E a Igrejinha a crescer
Eu posso assim dizer
Toda a gente me acredita
Arraiolos vila bonita
Tem tanta coisa para ver

II
Tem um castelo sem Rei
Tem a Câmara Municipal
Também tem Tribunal
De onde sai tanta lei
São coisas que eu cá sei
E até pode ser que esteja mal
Para mim não tem rival
É assim e acabou-se
Eu queria que Arraiolos fosse
Do Alentejo a capital

IV
É uma firma valente
Conhecida no estrangeiro
De Janeiro a Janeiro
Dá trabalho a muita gente
É um ponto decente
Como não há outro igual
Ninguém lhe pareça mal
Mas eu tenho que falar assim
Isto é visto por mim
O tapete é o principal

Dedicado a: Aos tapetes de Arraiolos, pelas suas festividades bonitas.
Local: Vimieiro
Ano: 2009

Diogo Graça

ANEXO X - Ficha de Inventário do Património Cultural Imaterial (incompleta)

ANEXO I - Ficha de Inventário do Património Cultural Imaterial

I – Identificação

4. Domínio

Aptidões ligadas ao artesanato tradicional

5. Categoria

Manifestações artísticas e correlacionados

6. Denominação

Tapetes de Arraiolos

7. Outras Denominações

-

8. Contexto tipológico

A manifestação cultural imaterial, Tapetes de Arraiolos – materiais e técnicas, reporta-se a uma prática social e local de cariz identitário e que constitui um símbolo a nível nacional e internacional da vila de Arraiolos.

A feitura do tapete de Arraiolos, enraizada na alma arraiolense é a expressão genuína da tradição popular local. Os usos e costumes de outrora, as fases de tratamento da lã, a feitura do tapete, de que em tempos se ocupavam famílias inteiras, e o misticismo que envolve a origem do tapete de Arraiolos, eram, e ainda são, um símbolo vivo da cultura local alentejana, verdadeiros manuais da tradição de um povo marcado e caracterizado pelo saber-fazer e pelo saber-transmitir.

A localização de fabrico de tapetes de Arraiolos está documentada desde o séc. XVIII, mas devido à existência de documentos e exemplares anteriores a essa época, é de supor que a indústria se encontrava estabelecida na vila já no séc. XVII ou em tempos mais remotos. A atestá-lo, uma referência de 1598, no inventário pessoal, ordenado pelo juiz dos órfãos da vila, à morte de Catarina Rodrigues, mulher de João Lourenço, lavrador e morador na Herdade de Bolelos, termo de Arraiolos, que diz o seguinte: *“hum tapete da teRa novo avalliado em dous mil reis”*.

9. Contexto de produção

A escassa existência de datação precisa de produção dos Tapetes de Arraiolos é um dos problemas mais vinculados no estudo dos mesmos.

Contudo, a partir, e sobretudo no séc. XVIII as referências a “tapetes da terra”, “tapetes do Alentejo” ou até mesmo “tapetes de Arraiolos”, são cada vez mais frequentes.

A indústria caseira que deu fama à vila de Arraiolos era, no séc. XVIII, ocupação de muitas famílias locais como se pode comprovar através deste trecho do jornal, Brados do Alentejo, de 1940 com referência à época: *“Noutros tempos havia famílias inteiras que se ocupavam do fabrico das lãs: - as mulheres fiavam e tingiam, os homens cardavam, os rapazes iam de cabeça em cabeça em busca do trovisco e do lírio, vegetais preciosos para a confecção dos amarelos e dos verdes. Então, todas as mulheres arraiolenses sabiam bordar, o que não quer dizer que todas fossem mestres de tapetes.”*

Passado de geração em geração, este conjunto de práticas da natureza simbólica representavam e ainda representam o modo de vida dos detentores e transmissores da tradição.

Atualmente, os processos de tratamento da lã já não são realizados em Arraiolos, tanto as telas como as lãs vem da fábrica já tratadas e tingidas, prontas para se começar a bordar. É o bordado e arte de o saber-fazer e transmitir o único sobrevivente desta manifestação com um carácter predominantemente intangível. Os restantes processos permanecem na memória coletiva do povo arraiolense e representam a compreensão da matriz identitária da comunidade, quer na preservação dos conhecimentos, quer na relação com as vivências, costumes, etc.

O sentimento de identidade e de continuidade faz com que a recriação da manifestação de património imaterial aqui apresentada tenha lugar no evento anual (Junho) realizado pela autarquia, O Tapete está na Rua. Neste evento pode observar-se, pelas ruas da vila de Arraiolos, a recriação de todos os processos necessários para a manufatura do tapete de Arraiolos, tosquia, carmeiar e cardar a lã, a fição e o tingimento para depois as entregarem às tapeteiras para bordarem na tela o ponto cruzado oblíquo, chamado hoje de Arraiolos. Homens e mulheres dão vida às profissões de outros tempos, seguindo os traços da tradição, fazem a recriação da manifestação e transmitem o conhecimento marcado pela resistência da memória oral e da transmissão do saber-fazer que preserva formas de saber definidoras da personalidade do povo.

Este cenário tradicional constitui-se como um espaço de interpretação, para as novas gerações, daquilo que é a cultura mais genuína do seu povo.

6.2. Contexto social:

Comunidade - Arraiolense

Grupo - Tapeteiras locais

6.3. Contexto territorial:

Local – Arraiolos.

Nas noites de inverno à lareira era frequente as mulheres da casa aproveitarem o pouco tempo de lazer para bordar o tapete de Arraiolos, para enfeitar a sua casa ou mesmo para vender e ganhar assim mais algum dinheiro para o orçamento familiar. Já nos dias de Primavera e Verão, as ruas da vila de Arraiolos enchiam-se de tapeteiras que nos beirais de suas casas bordavam incansavelmente o tapete de Arraiolos. Atualmente, é nas casas de tapetes ou mesmo em suas casa que as tapeteiras se dedicam à arte de bordado arraiolense.

Freguesia - Arraiolos

Município - Arraiolos

Distrito - Évora

País - Portugal

Nuts II -

Nuts III -

6.4. Contexto temporal: Regular

Periodicidade – Temporalmente, a manufatura dos tapetes de Arraiolos realizava-se e realiza-se durante todo o ano. Tal como a feitura do bordado, também os restantes processos, carmeiar, cardar, fiar e tingir eram realizados durante todo o ano e sempre que era necessário, excetuando a tosquia, realizada entre Maio e Junho.

Data - Temos como referência, para o início da produção de tapete na vila arraiolense, os documentos escritos sobre a manufatura dos tapetes em Arraiolos, nomeadamente, um documento datado de 1598 (Inventário de Catarina Rodrigues, mulher de João Lourenço, lavrador e morador na Herdade de Bolelos, termo de Arraiolos) que atesta a produção de tapetes na vila por volta do séc. XVI, “*hum tapete da tera novo avalliado em dous mil reis*”.³²

7. Caracterização

Caracterização síntese

A manifestação de património cultural imaterial, Tapetes de Arraiolos – materiais e técnicas, assume importância fundamental na comunidade que lhe reconhece a intangibilidade e a necessidade de preservação, valorização e salvaguarda.

Tapetes de Arraiolos, são tapetes, com referências que atestam o seu fabrico nesta vila alentejana já no século XVI, de influência nos tapetes orientais, nomeadamente, persas e turcos, mantendo o mesmo esquema até aos dias de hoje. São bordados a lã sobre tela (linho, canhamoço, grossaria, brim,...), de carácter popular, feito a ponto cruzado oblíquo, também conhecido como trança eslava, através do processo de fios contados de modo a atapetar o fundo do campo e da barra. Nos primórdios, o desenho era contornado a ponto pé de flor, sendo que os primeiros eram influenciados pelos desenhos dos tapetes de nós, persas e turcos, igualmente difundidos em Portugal pelos tapetes de nós indo-persas e espanhóis que chegavam a território nacional, conseqüentemente, o ponto nesta altura não corria todo na mesma direção. Atualmente, o ponto forma um entrançado apertado, e corre todo na mesma direção – no sentido do comprimento, excepto na barra, não apresentando pelo avesso qualquer sinal de remate.

Passado de geração em geração, tem na tradição oral e na transmissão do saber-fazer a fonte de registo e preservação.

Até meados do século XX, todos os processos de tratamento da lã eram efetuados em Arraiolos. Aos homens cabia a tosquia dos ovinos merinos e a cardação da lã, enquanto que às mulheres cabia a lavagem, carmeação, fiação e tingimento da lã. Os rapazes novos ou mesmo as mulheres a cargo do tingimento, iam de cabeça em cabeça em busca do lírio e do trovisco, essenciais para se fazer os verdes e amarelos.

³² Jorge Fonseca, *Tapetes de Arraiolos: novos elementos para a sua história* In *Almansor*, n.º 13, 1995-1996, p. 114.

Depois de tingida a lã era entregue às tapeteiras para bordarem, em tela de linho, brim ou canhamação, a arte do bordado arraiolense. Atualmente a lã vem das fábricas pronta para ser trabalhada e apenas o ponto cruzado oblíquo ou trança eslava, denominado hoje de ponto de Arraiolos, sobrevive nas mãos das exímias tapeteiras arraiolenses.

Caracterização desenvolvida

O tapete de Arraiolos é uma das manufaturas mais típicas e de mais antiga tradição na arte do bordado nacional e assume, indiscutivelmente, um papel de relevo entre as manifestações artísticas que compõem as artes ornamentais portuguesas.

Porém, e no que concerne à sua origem, o tapete de Arraiolos está rodeado de enigmas, muito devido à inexistência de uma prova documental ou material que ateste quem fez e em que período da história os primeiros tapetes de Arraiolos.

Uma das hipóteses mais fielmente defendida relativamente ao início do fabrico do tapete de Arraiolos deve-se, numa primeira fase, à permanência de mouros e judeus na região. Com a expulsão de mouros e judeus, em 1496 (reinado de D. Manuel I) e o encerramento das oficinas tapeteiras de Lisboa, crê-se que esses mesmo mouros e judeus teriam migrado para Sul do território, historicamente mais tolerante a nível religioso, e se teriam fixado em Arraiolos e aí iniciado a produção de tapetes.

A decoração dos mais antigos tapetes de Arraiolos que se conhecem tem nítida influência nos tapetes clássicos da Pérsia e Turquia, a atestá-lo a evidência dos motivos decorativos e a organização decorativa dos tapetes mais antigos.

A escassa existência de datação precisa é um dos problemas mais vincados no que respeita ao estudo dos tapetes de Arraiolos. Raros são os tapetes a que foi atribuída uma provada datação, e desde 1979, ano em que Fernanda Passos Leite afirmava só se conhecerem dois exemplares datados com precisão, pouco se alterou. Todas as datações que se conhecem tem como base os critérios decorativos agrupados por épocas decorativas, padrões ou cores e consoante grupos e épocas criadas por diferentes autores. A salientar os poucos tapetes que recentemente foram alvo de análise química.

A localização de fabrico de tapetes na vila de Arraiolos está documentada desde o séc. XVIII, mas devido à existência de documentos e exemplares que devem ser anteriores a essa época, é de supor que a indústria se encontrava estabelecida no país já no séc. XVII ou em tempos mais remotos.³³

O estudo de Jorge Fonseca, em 1996 no Arquivo Municipal de Arraiolos, confirma o que há muito se pensava, uma referência de 1598, no Inventário de Catarina Rodrigues, mulher de João Lourenço, lavrador e morador na Herdade de Bolelos, termo de Arraiolos, diz o seguinte: *“hum tapete da tera novo avalliado em dous mil reis”*.³⁴

Após análise de todos os documentos e inventários pessoais ordenados pelos juízes de órfãos da vila à morte dos respetivos proprietários, entre 1573 e 1700, o historiador conclui que a produção de tapetes estava centrada na vila, as bordadeiras residiam no centro urbano e pareciam pertencer às camadas sociais médias, a atividade era de âmbito doméstico e a vila de Arraiolos contava com uma importante atividade têxtil. Para confirmar esta última conclusão, o autor apresenta o número de trabalhadores que em 1573

33 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa, 1951, p. 265

34 Jorge Fonseca, *Tapetes de Arraiolos: novos elementos para a sua história* In *Almansor*, n.º 13, 1995-1996, p. 114.

estavam ligados a indústria dos tapetes de Arraiolos, de 122 moradores do núcleo urbano com profissão indicada, 31 estavam ligados a este ramo; 18 tecelões, 7 cardadores, 2 pisoeiros, 2 tosadores, 1 tintureiro e 1 surrador.³⁵

Com o presente estudo também se tentou perceber de onde eram os tapetes de proveniência exterior que existiam na vila, importantes para se puder refletir sobre a origem e influências do Tapete de Arraiolos.

A evidenciar as 148 referências a alcatifas e tapetes, dados que demonstram a importância dos tapetes na vila na altura em causa. Até meados do séc. XVII predominavam largamente as alcatifas de Castela, com exceção de 3 alcatifas da Índia e um tapete da Turquia.³⁶

Os indícios apresentados e as conclusões do autor segundo os dados recolhidos são de que à época se tratava de uma produção local, centrada na vila de Arraiolos, senão mesmo exclusiva dela, sendo a confecção de tapetes *“uma actividade de âmbito doméstico, desenvolvida por mulheres, complementar da actividade dos maridos, artesãos, comerciantes ou pequenos proprietários agrícolas.”*³⁷

Relativamente às referências mais antigas de que há notícia acerca do fabrico de tapetes na vila alentejana, excetuando as presentes nos orfanológicos, damos conta que em 1699 se pode ler na pauta da Alfândega de Lisboa, *“tapetes de Arrayollos a pagar 40 mil reis a vara”*, comprovando a existência do fabrico já no séc. XVII.³⁸ No inventário dos bens do Conde de Vila Nova, D. Luís de Lencastre, em 1704, pode ler-se na página 47, *“três tapetes de Arrayollos pequenos de vara cada hum avaliado em dois mil e quatrocentos.”*

Em 1710, pode ler-se no inventário da Sé de Coimbra, *“há hũ tapete grande feito no Alentejo p.^a o choro q deo o Sr Dom fr. Álvaro, este esta caza da obra (23)”*. D. Fr. Álvaro de S. Boaventura, a quem o documento se refere, foi bispo de Coimbra entre os anos de 1672 e 1683, sendo portanto natural que a dádiva tivesse sido feita nessa altura.³⁹

Em 1733, representa-se no teatro do Bairro Alto, de Lisboa, uma peça de António José da Silva, *“Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança”*, em que aparece uma referência a tapetes de Arraiolos.⁴⁰

Já em 1747, no Dicionário Geográfico (tomo I, p. 591), a propósito de Arraiolos: *“ha nesta villa fabrica de tapetes que daqui levão para outras terras do Reyno”*.

Um outro documento que atesta o fabrico de tapetes na vila de Arraiolos é uma carta de William Beckford, datada de 1 de Dezembro de 1787, em que descreve da seguinte forma os tapetes de Arraiolos: *“Fiz um fornecimento de tapetes para a minha viagem, de padrões excêntricos e cores brilhantes, produto de uma manufactura nesta vila que emprega cerca de trezentas pessoas”*. A informação dada por Beckford é de extrema importância para se conhecer o desenvolvimento da indústria nos fins do séc. XVIII. 41

35 Jorge Fonseca, *Tapetes de Arraiolos: novos elementos para a sua história* In *Almansor*, n.º 13 1995/1996, p. 116

36 Fonseca, op., cit., p. 117

37 Idem, p. 116.

38 Maria Fernanda Passos Leite, *Tapetes de Arraiolos* in *Catálogo de exposição Artes Decorativas Portuguesas*, 1979, p. 146

39 Maria José Mendonça, *Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa*, 1951, p. 302

40 Maria José Mendonça, op., cit., p. 302

41 Idem.

Ainda há a referir que o facto de não existirem referências a tapetes de Arraiolos, ao longo do país, anteriores aos finais do séc. XVII mostra que só na 2ª metade desse século tenha sido iniciada a produção a grande escala com fim de vender esses produtos para fora.⁴²

Os tapetes do século XVII que chegaram aos nossos dias têm desenhos eruditos, influenciados ou copiados por desenhos de tapetes orientais e, por isso, certamente concebidos por pessoas que de alguma forma eram conhecedores dos tapetes de nós realizados na Ásia.

Segundo Fernando Baptista de Oliveira, nos tapetes de Arraiolos mais antigos, terão sido adotados os princípios e regras básicas de esquematização do desenho e pré-decoração dos tapetes orientais.⁴³

Se até ao séc. XVII os inventários mostram que nas casas portuguesas da época abundavam os tapetes orientais, a partir e sobretudo no séc. XVIII as referências a “tapetes da terra”, “tapetes do Alentejo” ou até mesmo “tapetes de Arraiolos”, são cada vez mais frequentes.⁴⁴

No primeiro quartel do séc. XVIII os tapetes de Arraiolos panteavam e harmonizavam motivos orientais dispersos com motivos de labor popular, época a que Sebastião Pessanha denomina como de transição.

Com a produção de Arraiolos no período áureo da sua indústria – a partir do segundo quartel do séc. XVIII – assistimos a um afastamento gradual da influência oriental, embora se mantendo, não constitui, como até então, a principal fonte de inspiração dos motivos decorativos.⁴⁵

A partir desta altura a decoração dos tapetes de Arraiolos começa a apresentar motivos orientais muitas vezes estilizados e misturados com motivos de cariz popular, resultado da produção caseira arraiolense e da interpretação das bordadeiras locais, por vezes ingénua e imperfeita. Os motivos orientais desaparecem quase por completo dando lugar aos motivos dos estampados em voga na época e às decorações inocentes das bordadeiras locais.

O século XVIII caracteriza-se também pela época em que mais tapetes se produziam, demonstrando uma indústria viva e com notória procura, mas também pela preocupação de índole económica por parte de quem os fazia. Esta preocupação levou, conseqüentemente, ao decréscimo da qualidade material e artística desta indústria local.

Juntamente com as mudanças dos padrões e desenhos, também as cores começaram a ser mais pobres, o linho nas telas é substituído pela grossaria ou canhamação e o ponto já não era tão pequeno e minucioso. Com a diminuição do custo da produção pretendia-se o aumento do lucro final.⁴⁶

A indústria caseira que deu fama à vila de Arraiolos era no séc. XVIII ocupação de muitas famílias locais como se pode comprovar através deste trecho de um jornal de 1940 com referência à época: “*Noutros tempos havia famílias inteiras que se ocupavam do fabrico das lãs: - as mulheres fiavam e tingiam, os homens cardavam, os rapazes iam de cabeça em cabeça em busca do trovisco e do lírio, vegetais preciosos para a confecção dos amarelos e dos verdes. Então, todas as mulheres arraiolenses sabiam bordar, o que não quer dizer que todas fossem mestres de tapetes.*”⁴⁷

42 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa, 1951, p. 303

43 Fernando Baptista de Oliveira, *História e técnica dos Tapetes de Arraiolos*, 1973, p. 45.

44 Maria Fernanda Passos Leite, Tapetes de Arraiolos in Catálogo de exposição Artes Decorativas Portuguesas, 1979, p. 161

45 Maria Fernanda Passos Leite, op., cit., p.161

46 Sebastião Pessanha, *O Povo de Arraiolos*, 15/10/1916

47 *Brados do Alentejo*, 28/01/1940, Ano 10, n.º 471.

Quando se chega ao séc. XIX o tapete de Arraiolos encontra-se a atravessar um período de crise, chegando mesmo a ser considerado, por Sebastião Pessanha, a época da decadência da indústria. Nas palavras do autor, “(...) *decadência lenta que se inicia nos fins do século XVIII. Nos desenhos já nada resta dos preciosos motivos persas, nem mesmo das composições pitorescas em que a flora regional e a fauna doméstica tinham sempre larga representação: simples ramos de flores enormes, tirados já talvez dos debuxos de marcar procuram encher os monótonos fundos castanhos dos tapetes. E com eles se parecem pouco com esses enxalmos pequeninos, de segunda época, todos cores vivas, que nos salões tiveram tanta voga. Os teares manuais, em que se teiam as grossarias, vão parando, batidos pela indústria mecânica; os velhos tapetes persas, outrora servindo de modelos, são arrancados às casas nobres, arruinadas, pela ganância dos antiquários; finam-se as últimas gerações de tintureiras e bordadoras. Tinha chegado - bem depressa – o fim desta linda indústria.*”⁴⁸

Maria José Mendonça menciona igualmente uma outra causa para a então decadência dos tapetes de Arraiolos, a crise de fornecimento e encarecimento do pau-brasil, um dos corantes vegetais mais utilizados no tingimento das lãs utilizadas para manufaturar os tapetes de Arraiolos.

Os problemas criados pelos contratadores de pau-brasil levaram a que houvesse mudanças significativas na policromia, especificamente porque o campo dos tapetes, a par da cor encarnada, tradicionalmente usada nesta zona do tapetes, começam a surgir o azul, o vermelho e o castanho. A atestar a decadência a autora refere ainda que no requerimento dos fabricantes de tapetes da vila de Arraiolos a exigir o fornecimento de pau-brasil, datado de 8 de Agosto de 1807, constam os nomes de trinta fabricantes de tapetes, porém, no de 1816 só já constam os nomes de dezasseis fabricantes de tapetes.⁴⁹

O avanço decadente do artesanato arraiolense durante o séc. XIX levou a que em finais do mesmo século alguns colecionadores e apreciadores de arte da alta burguesia levassem a cabo um processo de *ressurgimento* do tapete de Arraiolos.

É em 1895 que José Queiroz, ilustre artista plástico e decorador da época, inicia uma campanha a favor do renascimento dos bordados de Arraiolos, o que veio a tomar maior dimensão quando em 1898 foi incumbido de dirigir a decoração do palacete da família Viana, no Largo do Paço Novo. José Queiroz pensou então em revestir as paredes de uma sala com panos bordados em Arraiolos mas, nessa altura, já a indústria se havia quase extinguido na vila, o que dificultou esta árdua tarefa.⁵⁰ Tomaram então conta da tarefa a Sr.^a D. Angélica Perdigão de Carvalho e suas irmãs, as lãs foram tingidas e obtidas em Arraiolos pelas antigas receitas.⁵¹

Em 1900, e após vários esforços, começam os trabalhos na oficina de tapetes de Arraiolos na Casa Pia, em Évora, onde todo o trabalho era feito pelas alunas acompanhadas pela professora e mestra.⁵²

A abertura de uma oficina em Arraiolos, pelas mãos de D. Jacinta Leal Rosado, em 1916, teve também como objetivo a preservação e a tentativa de ressurgimento do tapete de Arraiolos.

Em 1917, a Revista “Terra Portuguesa” consegue finalmente promover uma grande exposição de Tapetes de Arraiolos, organizada por D. José Pessanha, D. Sebastião Pessanha, José Queiroz, Vergílio Correia e

48 Sebastião Pessanha, *O Povo de Arraiolos*, 15/10/1916.

49 Maria José Mendonça, *Tapetes de Arraiolos*, Arte Portuguesa, 1951, p. 304 - 305

50 Maria José Mendonça, op. cit., p. 314

51 Pessanha, op., cit., p. 9-10

52 Idem, p. 314

Alberto de Sousa, no Museu do Carmo, em Lisboa, com o apoio da Associação dos Arqueólogos, sendo publicado assim o primeiro catálogo sobre Tapetes de Arraiolos.⁵³

Após destacar a Exposição de Tapetes de Arraiolos, realizada em 1917, no Museu do Carmo, em Lisboa, destacamos igualmente outras exposições realizadas depois de em 1920 ser constituída a firma Rosado & Pinto – oficina onde se arregimentavam as tapeteiras arraiolenses sob o critério e alta competência técnica de D. Jacinta Leal Rosado e D. Maria Jacinta Pinto Xavier, começando o seu sócio o Sr. João Marcos Pinto a tratar da expansão comercial aquém e além fronteiras.⁵⁴

Realizaram-se então, em 1921 uma Exposição em Madrid, em 1922 em New York e em 1923 a Exposição do centenário no Rio de Janeiro, onde receberam o único “Grande Prémio” de tapeçarias.⁵⁵

De extrema importância é o trabalho desenvolvido por Dordio Gomes, que publicou em 1917 – após o ressurgimento dos tapetes de Arraiolos -, por ocasião da exposição de tapetes, um estudo que contém curiosos subsídios para a história da indústria no período em que, desaparecidas as oficinas dirigidas pelos fabricantes, havia apenas bordadoras que trabalhavam na sua própria casa ou em casa dos clientes e iam assim mantendo viva a prática da arte, cada vez mais abandonada e esquecida. Dordio Gomes refere-se também a outra modalidade dos bordados de Arraiolos: enxalmos, mandés e outros jaezes. Salienta o facto dos tapetes de Arraiolos serem uma tradição de ofício familiar e apresenta alguns nomes de bordadoras e mestras, assim como de famílias inteiras que se ocupavam da preparação das lãs destinadas ao bordado de tapetes e de jaezes.⁵⁶

Transcrevemos assim, um excerto do artigo do Jornal local – Semanário “O Povo de Arraiolos”, escrito por Dordio Gomes, em 1917, onde este descreve a situação dos tapetes de Arraiolos em finais do século XIX e inícios do séc. XX: *“Quando a industria dos lindos bordados tinha em Arrayolos foros de soberba atividade, todas as mulheres sabiam bordar, isto é, fazer o ponto, aliaz, facilimo, tirando d'ahi o seu parco sustento, quando não de tapetes, de enxalmos, mandis, carapuças, cabeçadas garridas ou simplesmente borlas, com que guarneciam bizarramente estes tambem curiosos exemplares d'uma industria irmã. Apesar de quasi todas as minhas remotas patricias saberem bordar, nem todas eram mestras de tapetes. Assim me permitirão classificar, para devida e justamente poder distinguir das que simplesmente sabiam bordar, e que pouca ou nenhuma curiosidade sob o ponto de vista artistico poderão oferecer, essas habilissimas e ignoradas creaturas que possuindo no mais elevado grau um ingenuo e delicado sentimento, armavam e compunham os admiraveis panos de Arrayolos, de motivos tão ricamente decorativos, de opulenta e mimosa policromia. Tendo sido na sua primeira phase, reproduções quasi exatas dos admiraveis padrões da tapeçaria persa, não tardou a irem pouco a pouco evolucionando para motivos de mera composição das proprias bordadoras. Para estas composições estendiam o canhamação ou pano a bordar sobre uma meza, ou no chão se o tapete era de grandes dimensões.*

Marcavam-lhe o centro e dividiam-no em quartos rigorosamente iguaes, por largos alinhavos, quartos que por sua vez eram cortados em diagonal, tudo isto a pontos certissimos e do mesmo fiado dos bordados. Este fiado tem sido ultimamente substituido por simples linha de côr e tem por fim a contagem dos fios do tecido. Depois de assim dividido e contado, com um carvão ou com a mytologica pena de pato

53 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa, 1951, p. 315.

54 Thomas Alvim, Industrias Regionais tradicionalistas, 1927, p. 13

55 Alvim, op., cit., p. 15

56 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, op. cit., p. 311 - 313

*molhada em tinta, rabiscavam, fantasiando n'um d'estes quartos, não raro saindo de bojudos vasinhos policromos ou continuando os bracinhos esguios de bonecas extravagantes, as mais estranhas ramagens em que sempre dominava uma rosa torta, uma tulipa ou um amor perfeito, tudo de pitoresco desenho e identidade mais que duvidosa. Esboçado e bordado um dos quartos, os outros, se o desenho era symetrico, bordavam-se com relativa facilidade. Era admiravel a atividade da minha pequenina vila n'essas epocas que não vão longe, a industria dos tapetes se dedicavam com amor e carinho. Nas proprias casas abastadas se bordava, ainda que por mero passatempo, chamando-se primeiramente para armar e bordar o esqueleto, isto é, o contorno dos motivos ornamentaes, uma das consumadas mestras, sendo depois acabado por todas as pessoas da casa, senhoras e creadns, pois todas sabiam, e a que tambem não procuravam excluir-se as visitas habituaes.*⁵⁷

Também Cunha Rivara deu o seu contributo na divulgação e conhecimento desta indústria arraiolense, escreveu Memórias da sua terra natal (Arraiolos), em 1834, onde apresenta uma nota extensa sobre tinturaria, dando as receitas para as tintas: azul, encarnada, cor de rosa, cor de carne, amarelo, amarelo torrado, vermelho, verde, roxo e cor de pulga. Além das receitas, Cunha Rivara apresenta também o preço das mercadorias fabricadas (tapetes, enxalmos, carapuças, ...).

Em suma, assumimos que, Tapetes de Arraiolos, são tapetes, com referências que atestam o seu fabrico nesta vila alentejana já no século XVI, de influência nos tapetes orientais, nomeadamente persas e turcos, mantendo o mesmo esquema decorativo até aos dias de hoje. São bordados a lã (merina) sobre tela (linho, canhamação, grossaria, brim, ...), de carácter popular, feito a ponto cruzado oblíquo, também conhecido como trança eslava, através do processo de fios contados de modo a atapetar o fundo do campo e da barra. O tapete arraiolense é constituído por campo, o qual é composto por centro – alguns tapetes de Arraiolos podiam não ter centro -, fundo, barra – a maioria dos tapetes antigos tinham *gregas*⁵⁸ - e franja. Alguns tapetes não têm medalhão ou qualquer tipo de motivo central, mas quando o tinham as suas cores eram sempre iguais às da barra principal.

Nos primórdios, o desenho era contornado a ponto pé de flor, sendo que os primeiros eram influenciados pelos desenhos dos tapetes de nós, persas e turcos, igualmente difundidos em Portugal pelos tapetes de nós indo-persas e espanhóis que chegavam a território nacional. Consequentemente, o ponto nesta altura não corria todo na mesma direção.

O ponto cruzado oblíquo, conhecido como ponto grego ou ponto de trança eslavo, e hoje também conhecido como ponto de Arraiolos, aparece na Península desde o séc. XII em trabalhos espanhóis de tipo popular, a confirmar a sua presença, o exemplar pertencente à Catedral de Astorga, peça de linho com decoração em quadriculado, formada por filas de pequenos leões tendo no centro dos retângulos um caprídeo – obra feita com sedas vermelhas em ponto cruzado, pelo processo atualmente chamado de trança eslava.⁵⁹

Atualmente, o ponto forma um entrançado apertado, e corre todo na mesma direção – no sentido do comprimento, excepto na barra, não apresentando pelo avesso qualquer sinal de remate.

57 Dordio Gomes, Artigo do Jornal – Semanário “O Povo de Arraiolos”, Os tapetes de Arraiolos – Subsídios para a sua história, 1917, p.3.

58 Pequenas barras utilizadas na decoração dos tapetes entre o campo e a barra principal e entre a barra principal e o limite do tapete.

59 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa, 1951, p. 265 - 266

Os Tapetes de Arraiolos resultaram assim da produção caseira arraiolense de interpretação das bordadeiras locais, por vezes ingénua e imperfeita, dos desenhos orientais, aliada a motivos decorativos de origem erudita e, numa fase posterior (séc. XVIII), de origem popular.

Os tapetes de Arraiolos aplicavam corantes vegetais na policromia dos bordados, no tingimento das lãs eram usados fixadores próprios que constituíam um processo e um segredo local de alto apreço e larga reputação internacional, uma das circunstâncias que tornou esta indústria doméstica incomparável.⁶⁰

Com uma policromia bastante rica, primitivamente, as cores e tons empregues nos Tapetes de Arraiolos, eram, ao que parece, dezoito: azul escuro, azul claro, azul pombinho, encarnado, cor de rosa, cor de carne, vermelho, roxo, cor de laranja, verde ferrete, verde médio, verde claro, amarelo, amarelo torrado, cor de palha, cor de pulga, castanho e branco – cores naturais da lã.

O encarnado, azul escuro ou verde ferrete formavam quase sempre os fundos dos tapetes e o amarelo era aplicado mais vulgarmente nas barras. Não entravam em cada tapete ou enxalmo mais do que 10 tons e o centro e a barra deviam ser bordados na mesma cor e tom. O verde aparece nos tapetes de Arraiolos em mais de 10 tons diferentes, o vermelho não se nota nos tapetes posteriores ao período de transição para a segunda época – de então para cá foi completamente substituído pelo encarnado – e o contorno a castanho, em todos os motivos, marca também neste período de transição os tapetes mais antigos.⁶¹

Ainda a salientar que no Tapete de Arraiolos destaca-se a divisão entre barra, campo e em alguns casos, o medalhão central, cada um deles feito em fases diferentes como será posteriormente descrito pelos testemunhos das tapeteiras.

Apesar de tudo isto, e como já foi referido anteriormente, nada sabemos acerca dos primórdios da manufatura dos Tapetes de Arraiolos, nem das condições em que o ofício era exercido numa fase anterior ao séc. XVIII. Porém, a falta de documentos é compensada pela existência de alguns exemplares, a partir do séc. XVII e até princípios do séc. XIX, mostrando grande diversidade de tipos de composição e de cor e algumas variantes na técnica e nas matérias empregues.⁶²

D. Sebastião Pessanha apresentou o primeiro ensaio de classificação dos tapetes de Arraiolos, dividindo em 3 períodos ou épocas, desde a 2ª metade do séc. XVII à primeira metade do séc. XIX. A 1ª época corresponde à segunda metade do séc. XVII, produtos simplesmente da curiosidade particular, ou do trabalho conventual alentejano. Bordado sobre linho e não sobre o vulgar canhamação de estopa, o desenho é constituído pela cópia rigorosa de tapetes persas de mistura com uma infinidade de animais, o ponto não segue uma só direção, é mais pequeno e a policromia é muito rica. Relativamente aos de 2ª época, estes dizem respeito aos dois primeiros terços do séc. XVIII, período florescente da indústria caseira em Arraiolos. Inicialmente eram tapetes de carácter erudito, as cores menos belas, o ponto corre todo na mesma direção, o canhamação ou grossaria de estopa substitui o linho – procurando diminuir-se o custo dos produtos. Foi nesta época que se executaram os tapetes mais vulgarmente conhecidos, os motivos orientais desapareceram para dar lugar aos inspirados nas chitas estampadas da época e às composições ingénuas das próprias bordadoras. A 3ª época diz respeito ao último terço do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX – decadência da indústria. Nos desenhos já nada resta dos preciosos motivos persas, nem mesmo das composições pitorescas em que a flora regional e a fauna doméstica tinham

60 Thomas Alvim, *Industrias Regionais tradicionalistas*, 1927, p. 7 e 8

61 Sebastião Pessanha, *Tapetes de Arraiolos*, 1917, p. 26 - 27

62 Maria José Mendonça, *Tapetes de Arraiolos*, *Arte Portuguesa*, 1951, p. 268 - 269

sempre larga representação. Os teares manuais em que se teciam as grossarias vão parando batidos pela indústria mecânica e finam-se as últimas gerações de tintureiras e bordadoras.⁶³ No entanto, existem padrões que não estão compreendidos na classificação de Sebastião Pessanha.⁶⁴

Neste sentido, Maria José Mendonça lançou uma nova classificação, classificando os tapetes através dos diversos géneros de padronagem: padrão geométrico, padrão floral, padrão de rosetões, padrão oriental, padrão de bichos e padrão de ramagens.⁶⁵ No padrão geométrico a composição é feita à base de figuras poligonais. O padrão floral retrata a composição dos tapetes onde predominam os ornatos de inspiração vegetalista, mais ou menos estilizada e revelando a influência de modelos diversos. O padrão de rosetões diz respeito ao motivo das grandes rosetas polilobadas, ocupando o campo a toda a altura do eixo central, é característico serem tapetes opulentos de cor e de ornamentação e por vezes historiados com personagens trajando à moda do séc. XVII. O padrão oriental é um dos padrões mais típicos desta indústria portuguesa. Nesta série os tapetes são cópias de tapetes orientais em ponto de Arraiolos, entre eles, os modelos vindos da Pérsia. O padrão de bichos é o modelo de Arraiolos essencialmente representativo dessa indústria durante a 1ª metade do séc. XVIII. Predomina a figuração animalista, de inspiração erudita e popular, combinada com elementos florais que denotam, na maioria, influencia do Oriente. Ainda a acrescentar o padrão de ramagens, no qual o campo é inteiramente preenchido por ramagens que partem das cabeceiras e dos lados e se encontram a meio da composição, desprovida de ornato central.

Embora obedecendo a princípios de esquematização, o tapete de Arraiolos não se sujeitou a normas de tradição ou oficinas, tratando-se aparentemente de um tipo de artesanato de livre aplicação, o que justifica as alterações decorativas que o tapete de Arraiolos foi manifestando ao longo da sua história.⁶⁶

Uma das particularidades do tapete de Arraiolos é a sua autenticidade, conjugando um conjunto de motivos de arte oriental e decoração popular com a inovação e a combinação de estilos.

Segundo Fialho d'Almeida, os tapetes de Arraiolos *“bordavam-se sobre trama de calhamaço d'estopa, que as tecedeiras locais faziam ao tear, co'o fio que as outras segregavam das rocas, à lareira, durante as noites do inverno alentejano. E d'igual preparo doméstico era a lã de bordar, que se tosqueava dos rebanhos n'uma hora, ia a lavar à ribeira n'outra hora, cardada apoz, e logo tinta e fiada, em longas estrigas das cores mais predilectas das bordadoras”*.⁶⁷

Sintetizando, e como retratava Arthur Manso Tavares, “grupos de raparigas fazem passar através da grossaria – mandada fabricar para aquele fim – a sua incessante agulha, bordando a diversas cores, conforme os motivos e a policromia que é destinado a cada tapete. De roda de cada tapete, em grupos de 2, 3, 4, 5 ou 6 (conforme o tamanho do tapete) vão dando alma aos seus trabalhos, sempre debaixo da direção da sua sub-diretora”.⁶⁸

Ao longo dos tempos no tapete de Arraiolos manifestou-se uma evolução relativamente ao método de produção, técnicas e materiais utilizados.

63 Sebastião Pessanha, Tapetes de Arraiolos, 1917, p. 12, 15 e 16

64 Maria José Mendonça, Tapetes de Arraiolos, Arte Portuguesa, 1951, p. 269

65 Maria José Mendonça, op. cit., p. 270

66 Teresa Pacheco Pereira, Tapetes de Arrayolos, 1991, p. 116.

67 Sebastião Pessanha, Tapetes de Arraiolos, 1917, p. 25

68 Arthur Manso Tavares, Exposição de Tapetes de Arraiolos, 1917, p. 9

Atualmente, o trabalho em volta do tapete de Arraiolos pouco tem a ver com os tempos de outrora, em que famílias inteiras se envolviam em todos os processos da manufatura e tudo era feito em Arraiolos, desde a tosquia dos ovinos merinos, a carmeação, cardação, fiação e tingimento da lã e por fim o bordado. Permanece na memória coletiva, as técnicas e materiais que se usavam, a tela e a lã já tingida compram-se às fábricas e em Arraiolos só a agulha das bordadeiras ainda não parou.

Os usos e costumes de outrora, a produção, técnicas, materiais e práticas sociais em volta da feitura do tapete de Arraiolos estão bem presentes nas memórias do povo arraiolense, passadas de geração em geração são elas que vão mantendo viva esta tradição artesanal secular. Detentores do saber e possuidores do valor do legado, a comunidade é o vetor que cria, mantém, transmite e perpetua a tradição, fonte vital de uma identidade profundamente enraizada na sua história.

O Tapete de Arraiolos reflete diversos contextos, sociais e históricos, e é detentor de um património cultural único, inigualável e mundialmente conhecido que importa salvaguardar e dar a conhecer.

Reportado ao território e à envolvente social em que se insere, é necessário promover a valorização e a defesa deste conjunto de bens culturais que ao longo de gerações tem contribuído para a construção e transmissão das memórias coletivas, assim como para o reforço da identidade local.

Manifestações associadas

10. Contexto de transmissão

Estado: Estado de transmissão ativo.

A transmissão da manifestação de património cultural imaterial, Tapetes de Arraiolos – materiais e técnicas encontra-se ativa, embora numa menor escala relativamente a séculos anteriores. Ao longo dos tempos, muitas foram as ameaças à sua continuidade, mas graças à transmissão do saber-fazer e às mãos das bordadeiras arraiolenses, chegaram aos dias de hoje.

No fim do século XIX já a indústria arraiolense se havia quase extinguido na vila e foi devido ao trabalho e esforços de José Queiroz, levado a cabo pela Sr.^a D. Angélica Perdigão de Carvalho e suas irmãs, exímias tapeteiras arraiolenses, que se deu novamente vida ao bordado e técnicas do tapete de Arraiolos.

Descrição: Passado de geração em geração, muitas eram as famílias que se dedicavam aos processos de tratamento das lãs para a confeção dos tapetes de Arraiolos, às mãos das mulheres arraiolenses. A transmissão do saber-fazer e a tradição oral, são representações em uso de que os tapetes de Arraiolos são património “vivo”.

A transmissão do saber-fazer realiza-se através da tradição oral, mas principalmente através da aprendizagem informal. Num tempo em que todas as mulheres arraiolenses sabiam bordar, de geração em geração, ao serão á lareira, ou durante algum tempo livre, as mais velhas passavam o conhecimento e as técnicas do tapete de Arraiolos às mais novas. Paralelamente, a transmissão do saber-fazer também se realiza nos locais (oficinas/fábricas) onde se manufacturava o tapete de Arraiolos para venda, as tapeteiras

mais velhas e experientes, as chamadas mestras, puxavam para ajunto de si as raparigas que entravam e que pouco sabiam sobre o bordado e técnicas do tapete de Arraiolos. Eram as mestras, que sabendo fazer de tudo um pouco, ensinavam às novas tapeteiras a arte de fazer tapete de Arraiolos.

Os restantes processos relacionados com o tapete de Arraiolos, carnear, cardar, fiar e tingir eram, maioritariamente, trabalhos de família, passados de pais para filhos.

O tapete de Arraiolos enquanto têxtil constitui um elemento de cultura material em articulação com a manifestação do património imaterial aqui apresentada.

Modo/Agente/Idioma: A transmissão da manifestação de património cultural imaterial que temos vindo a abordar é uma transmissão intergeracional e caracteriza-se pelo saber-fazer, saber-transmitir e saber-perpetuar da comunidade arraiolense, em particular do grupo de mestras e tapeteiras locais.

11. Origem/Historial

Em volta do tapete de Arraiolos existe todo um conjunto de manifestações de natureza intangível que tem na memória oral e no saber-fazer o meio de preservação e transmissão. Passados de geração em geração através da tradição oral e do saber-fazer, as técnicas de tratamento da lã e da feitura do bordado permanecem bem presentes na memória e no dia-a-dia do povo arraiolense.

Para reforçar a memória e identidade do povo arraiolense e para caracterizar mais especificamente todas as fases do tratamento da lã e da feitura do Tapete de Arraiolos, recorreremos a testemunhos dados por antigas tapeteiras (que cozeram tapetes entre a década de 30/40 e a década de 60 do século XX) e por uma antiga fiandeira (que fiou nos anos 20 e 30 do século XX).

Através do seu testemunho, Ana Severino começa por sintetizar os processos de tratamento da lã até esta estar pronta para ser utilizada na manufatura do tapete de Arraiolos, “(...) a minha mãe é que lavava a lã, havia umas senhoras que tavam lá empregadas, ah a cramear, havia um senhor a cardar e depois havia umas senhoras a fiar nessas rodas que aí estavam na exposição, aí é que era a lã fiada e trabalhada, porque na altura que eu fui era praticamente as lãs era tudo fiada à mão, tudo fiado à mão e tinto cá. Havia as cores naturais da ovelha e havia as outras que faziam com anelinas, e havia uma senhora que faleceu, já muito antiga, que dava as cores e que faziam com as anelinas, trabalhavam as cores, onde umas ficavam de enfusão na urina pa apanhar aquelas cores que ela cria.” Recordando o trabalho feito por sua mãe, afirma “(...) a minha mãe lavava os velos que sai da ovelha e depois era umas senhoras que lá estavam a cramear...”, “a minha mãe era com...potassa, era potassa e sabão, o sabão era cortado às falhinhas dentro de água a ferver no lume de chão num tacho grande e depois eram lavadas ali, ali é que eram lavadas, só com isso na era com detergentes nem mais nada. A potassa pa tirar a gordura (...)”.⁶⁹

Como refere Arlete Fanico, também “(...) havia velhotas fora lá da fábrica a cramear a lã, a tirar os carrapiços, as palhas, aquilo tudo e depois a lã era lavada e depois era, era atão tudo por conta da fábrica (...)”⁷⁰

69 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, pp. 2 e Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, pp. 1 e 2.

70 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p.6

A figura do cardador era presença habitual na fábrica onde se produziam os tapetes de Arraiolos, e como nos afirma Arlete Fanico, “(...) até estava lá dia-a-dia, de manhanzinha até à noite e à noite é que abalava, sim senhora, estava ali dia-a-dia.”⁷¹.

Segundo o testemunho de Arlete Fanico⁷², “a lâ, crameada já crameada, havia gente a cramear e e e atão depois a lâ era uma, duas tábuas assim com uns dentes e depois o homem ligava aqui ó pulso e era suca suca suca a fazer as pastas (...)”, ainda segundo Arlete Fanico, a lâ “(...) vinha enzeitada, isso era o cardador que fazia isso, punha-a na carda, na carda. Primeiro era salpicada toda de azeite e depois tava o moitão à frente dele e em ele o pondo na carda aquela coisa com aqueles dentinhos, na carda e depois é que ia fazendo as pastas ai da largura de 4 dedos.(...)”⁷³.

Ainda como nos conta Arlete Fanico, “depois eu ia bescar a lâ com aquelas pastas, era assim ós meios quilos, ós meios quilos de lâ cardada.”, “vinha enzeitada, isso era o cardador que fazia isso, punha-a na carda, na carda. (...) ia fazendo as pastas ai da largura de 4 dedos. Depois a gente tirava aquela pasta, punha-a além ao bico do fuso e aquilo ia esticando à medida que a gente cria”⁷⁴.

Arlete Fanico, a última fiandeira de Arraiolos, descreve a fiação da seguinte forma, “(...) eu más a minha avó fiavamos atão já a lâ, tiradas em pastas assim da largura de 4 dedos, a pasta vinha untada, sim aquele moitão era ós meios quilos, era ós meios quilos, quadrados, um quadrado meio quilo, de maneira que depois a pasta vinha, vinha já enzeitada(...)”, “tanto que agente andava sempre toda untada (...)”, “(...) agente punha a pasta e a roda tinha um bico assim deste tamanho, aqui a ponta era fininho e práqui era assim da grossura dum dedo, metido num carreto de, de quatro divisões, que era pá gente meter a corda, porque a corda era feita tamém da lâ, da própria lâ, mas era trocida primêro porque ãh, o, a lâ do tapete era assim, primêro puxava-se a pasta e vinha fazendo o fio, olhe ainda ê parece que estou a ver fazer essas coisas, punha a pasta além ó bico dava aqui à roda e a pasta vinha estendendo, estendendo, desfazendo a a pasta e fazendo um fio, um fio, e depois era aquele fio como agente fize-se um xaile ou uma blusa, fininho, fininho, e depois aquela pasta, aquele fio, era ainda na própria roda que agente trocia a corda, a corda a direito pa dar à corda, à roda grande era era fininha e depois a corda era assim da grossura de, ãh talvez assim do mê dedo.”, “(...) mas depois a corda era trocida assim, pa fazer o fio, atão a lâ própria pra fazer, pra coser o tapete (...)”, por fim “(...) era dubado im dois novelos e depois juntava-mos o fio além à boca do fuso e vínhamos atão puxando e trocendo já com a corda assim que era pra fazer, como agente faz às vezes ai uma, uma corredora, diz agente...”, “troce troce troce e depois junta aquilo, ficava assim aquela lâ, aquele fio, e depois era atão, depois já era aquela lâ lavada (...)” e “(...) lavava com água e potassa e aquelas coisas.”⁷⁵

Citando Pessanha, “a lâ, depois de desengredada⁷⁶, cardada e fiada na roda, era entregue às tintureiras”⁷⁷.

Segundo Ana Severino⁷⁸, o processo de tingir passava-se da seguinte forma, “(...) ê sei que iam ó campo, bescar flores, do tingimento, depois aquelas tintas, aquelas ervas eram metidas na urina de infusão com as lâs pra dar as anelinas prás cores, era assim tratadas essas coisas.”, “(...) a minha mãe era lá empregada, e

71 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p. 6

72 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p. 2

73 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p. 4

74 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p. 2, 3 e 4

75 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p. 2, 3 e 16

76 Remover a greda da lâ.

77 Sebastião Pessanha, Tapetes de Arraiolos, 1917, p.12.

78 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 1e 2.

numa carroça iam buscar as tintas, os, as coisas, era ah, é julgo que era muitas ervas, é dalgumas já na lembro como é que a minha mãe me dizia, iam ó campo bescar essas ervas, e depois essas ervas eram postas, as lãs, dentro da urina pra fazer as tintas e dali é que faziam as tintas das cores que criam.”, “(...) depois dessas ervas faziam as cores que resultavam, tanto trabalhavam com muito pouca cor, que era aquilo que tinham à disposição, depois mais tarde é que começaram práς (...)”, “Prás fábricas, sim sim, quando ê fui pá fábrica tinha eu 14 anos , já, era já lãs mais, já vinham de fora.”

Segundo Ilda⁷⁹, a lã “(...) depois vinha assim em rama e ele cardava, e depois ia a fiar, mas antes disso quando queria a lã azul era com chichi e anilina...”, “era pisada e era lá metida, assim é que era essa lã (...)”, “e depois saía de lá, lavava-se” e “(...) dava-se volta todos os dias, aquilo tinha a conta das voltas (...)”. Como testemunha Ilda⁸⁰, “(...) o verde era: primeiro lavava-se a lã, e depois metia-se pedra-ume, chamava-se pedra-ume, que era para tomar, e depois cozia-se o trovisco, cozia-se, e depois nessa água do trovisco é que metiam a lã, mas havia um pau que vinha do Brasil, que lhe chamavam o Pau-Campeche, e outro era Pau-Brasil, era assim” era “p'ró vermelho; e p'ró amarelo era lírio: ia-se ao campo; a minha mãe (...) é que tinha que carregar com isso tudo (...)”. Ilda ainda afirma que a lã para tingir era “lã branca. A preta era só para contornos.”

Ilda⁸¹ retrata ainda que “depois em estando cozidas passavam-se para um alguidar, coadas, metiam lá a lã, mas a lã tinha que ir com pedra-ume, porque se não fosse (...) não pegava bem (...)”, a pedra-ume “ vem logo aos bocadinhos (...)”, “era só posta de molho, não era nada cozido, não” e “era dois dias, era de um dia pró outro, acho eu, aí não tenho a certeza, não vou mentir”, e as lãs eram tingidas em “(...) alguidares grandes (...)”, “ (...) e havia uns tachos muito grandes, que era onde se punham as ervas a cozer, uns tachos grandes com umas asas grandes (...)”. Acerca da altura do ano em que faziam os tingimentos, Ilda conta-nos que “era quando era preciso! (...)”. Como testemunha Maria Augusta Caldinhas⁸², para além da tinturaria existente na fábrica de tapetes em Arraiolos (refere-se à fábrica Kalifa), também existiam famílias que faziam em suas casas todos esses processos.

No que concerne à especificidade do tingimento em Arraiolos, é referenciado, quer por Cunha Rivara em 1834⁸³, quer através das receitas de Maria Inácia Calhau em 1920⁸⁴, o processo de tingimento com corantes naturais vegetais, onde se utilizavam particularmente e quase exclusivamente, o lírio, o trovisco, o anil, o pau-Brasil e o pau-campeche.

Como nos conta Maria José Cláudio⁸⁵, a transição de lãs tingidas em Arraiolos para as lãs vindas das fábricas dá-se por volta de 1946/47, “ Sim sim, já com a cor, mas aí nessa altura foi quando ê deixei, deixamos dir pra virem as lãs e depois ê já na fui, foi só aquele tempo. (...) A cor que criam pois, mas na era tantas com quando vinham depois da fábrica, era menos cores, era o mais antigo, era mais antigo. Depois aquilo foi melhorando como qualquer coisa, foi tendo mais cores.(...) Pois isso nunca mais se fez isso, quando as lãs começaram a vir da fábrica deixou-se isso tudo.”

79 Entrevista (Ilda) – Tapetes de Arraiolos, p. 2.

80 Entrevista (Ilda) – Tapetes de Arraiolos, p. 2.

81 Entrevista (Ilda) – Tapetes de Arraiolos, p. 3, 4 e 5.

82 Entrevista (Maria Augusta Caldinhas) – Tapetes de Arraiolos, p. 1 e 2.

83 Tingimento - Cunha Rivara, Memórias da Villa de Arrayolos – Parte II, 1985, Receituário de tinturaria em 1834.

84 Tingimento - Lembranças e Receitas de Maria Inácia Chaveiro Calhau – Receitas de 1920.

85 Entrevista (Maria José Cláudio) – Tapetes de Arraiolos, p. 3 e 4 .

Posteriormente, por volta de 1950, as lãs já eram todas levadas para a fábrica para serem tratadas e tingidas, e tal como descreve Maria Joana Galego⁸⁶, “(...) quando eu vim prá além prós tapetes Kalifa, só me lembro da Ti Mariana Saimique, ou seja, a mãe da Anica lavar a lã, mas era lã que nós já tínhamos numa casa onde eu depois mais tarde frequentei, ah que tínhamos comprávamos as lãs em velos (lã merina), depois tínhamos-a numa garagem, depois nós íamos levar a uma tinturaria que era em Alenquer, esses senhores arranjavam-nos as lãs, faziam tudo e nós íamos trazer pra cá prá Arraiolos(...)”.

Segundo Maria Augusta Caldinhas, para se começar a fazer o tapete de Arraiolos, “primeiro começa-se por contar, contar com uma linha e contar os pontos, riscar os meios, fazer as bainhas e depois começa-se a fazer. Eu no mê tempo era assim, fazia-se os pontos, o ponto junto à bainha e o ponto de divisão da barra pó centro e depois começava-se a armar, a gente era sempre, começávamos a armar a barra e depois armava-se dentro.”⁸⁷ ou seja, “havia aquela senhora de fazer as franjas, aquela senhora de contar, depois era as outras senhoras que armavam, para aquelas que bem como quando eu fui matizarem e meter o fundo, mas depois aquilo foi pra empreitada e tínhamos de fazer tudo. Algumas na sabiam armar, aquilo, pois, mas depois aquilo, olhe, e então quando foi isso assim, por fim, eu e a Anica contávamos os tapetes, era as de contarmos os tapetes, tanto faz para nós cosermos como prá outras pronto. Vinha uma encomenda contava-se o tapete, depois aquelas que fossem acabando iam pegando nos trabalhos, era tudo contado com linha, depois davam-nos os desenhos. A menina Estefânia era de dar as lãs, aquilo era tudo pesado, e era assim.”⁸⁸

Um outro testemunho, o de Ana Severino, conta-nos que “(...) era passar a linhas, contar, passava-se uma linha pela tela, dois fios, contava, ãh o tamanho do tapete que se cria fazer e depois dividia-se ó meio pa se achar o ponto do meio e depois traçava-se, traçava-se pra cada uma ficar com um quarto, do tapete. (...) Primeiro era o ponto à volta, os pontos, era o ponto da, junto à bainha, depois era o ponto da altura da bainha, fazia-se esse ponto e depois começava-se a armar, armava-se o tapete todo e depois é que começava a matizar, por fim os fundos”.⁸⁹

Ainda como nos descreve Ana Severino, “(...) era um tapete dividido, distribuído por 4, cada uma pegava num quarto, távamos as 4, e cada uma fazia o seu quarto, trabalhávamos todas juntas à volta. Armávamos, matizávamos e metíamos fundo tudo. (...) Todas fazíamos de tudo de tudo, pôr franjas, tudo, cada uma no seu quarto. Havia já umas que tavam a contar o tapete e quando vinha pás nossas mãos já vinha contado, quando ia pás mãos de algumas já ia contado e pronto (...) e muitos quartos tavam marcados, pegava-se num quarto da tela e depois como a senhora dava os matizes iam-se marcando no papel o número das cores nos seus lugares que era p'ra quando viesse outro, podia ser até das mesmas cores, já estava ali tudo feito.”⁹⁰

No entanto, e como nos conta Maria Augusta Caldinhas, “(...) 4, depende do tamanho do tapete, por exemplo tapetes de quarto eram 2 ou muitas das vezes se havia era uma que tomava conta de um tapete.”⁹¹

86 Entrevista (Maria Joana Galego) – Tapetes de Arraiolos, p. 2 e 4 .

87 Entrevista (Maria Augusta Caldinhas) – Tapetes de Arraiolos, p. 2, 3, 7 e 9.

88 Entrevista (Maria Augusta Caldinhas) – Tapetes de Arraiolos, p. 9.

89 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 4

90 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 3, 7 e 8.

91 Entrevista (Maria Augusta Caldinhas) – Tapetes de Arraiolos, p. 3.

Segundo o testemunho de Joana Bordalo o tapete de Arraiolos faz-se da seguinte forma, “(...) a partida daquele trabalho que tem que atender um quarto, ãh como sabe fazemos a contagem do tapete, dois a dois, a três e três já pouco agente já pouco ou nada trabalha, além nunca funcionou assim muito, trabalhávamos dois a dois, depois passávamos a linha, riscávamo-lo, agora já não se usa, mas no tempo da Sou Dona Mari Jacinta fazia-se tapetes com costuras porque não havia a tela que há hoje presentemente de quatro metros, se um cliente queria um tapete com três metros é evidente que agente tinha que lhe por uma costura, tínhamos de unir costuras, tinha-se que passar a ourela de lado a lado e depois unir-se e depois passada a ferro...(…) Riscávamos com lápis, (...) os pontos que estavam na tela tinham que atender ao quarto de papel e dali continuava-se por norma...ãh...eu como aprendi foi sempre a começar primeiro as barras...quando era na questão de acabamento de um tapete era a última coisa em meter-se os fundos das barras, (...) aprendi sempre a armar as barras primeiro. (...) atão nessa altura fazia-se as barras, armava-se as barras e depois ia-se pra dentro do tapete e armávamos o tapete. (...) Armava o centro...por norma como quase sempre, outras vezes começava-se cá em baixo não é, isso ai também na tinha ai muito coiso, em questão de fundos metia-se logo o centro do tapete pra quando o trabalho fosse pra baixo já tar defendido do peso...e depois começava-se a fazer o fundo, mas matizava-se depois a barra, a última coisa era a meter-se o fundo da barra já com o dentro do tapete...com o tapete pronto lá dentro, era assim quê trabalhava (...)”⁹²

Segundo o testemunhos das bordadeiras, o tapete de Arraiolos ao longo dos tempos sofreu uma grande mudança, especificamente no material, nas técnicas, nos esquemas decorativos e até mesmo nas cores utilizadas.

Longe vão os tempos em que as tecedeiras locais faziam ao tear o calhamaço onde outras bordavam, com a lã que saia das rodas de fiar, o lindíssimo ponto de Arraiolos. Desses tempos resta-nos as memórias, que de geração em geração chegam até aos dias de hoje.

Os lugares de memórias, sempre presentes nos testemunhos das tapeteiras levam-nos a outros tempos, tempos em que ainda não era a tela o material sobre o qual se bordava. Como nos conta Ana Severino, “ainda fiz em brim, depois começou a vir a tela. O brim era 4 por 4 fios, 4 fios de altura e 4 fios de largura e depois começou a vir a tela que era só dois fios de largura e 2 de altura e ainda trabalhei muito e trabalhava-se muito, porque era mais barato o metro quadrado, era mais barato a 3 fios, era o ponto largo, ou seja, este, este era o ponto largo e havia depois o ponto miúdo que era 2 por 2, começou a vir e era a tela, e então era contado como elas hoje contam à mesma, com a linha contava-se tudo, dividia em 4 e o desenho era feito dentro de um quarto de papel para ser feito pas empregadas. E havia, a Kalifa tinha muitas ah, quartos feitos em brim para se tirar dali. (...) Quando era em brim a lã era mais fininha (...) a lã era mais fininha, era com os 2, com os 2 fios.” E também (...) “o linho, (...) um brim ainda mais fininho, elas chamam-lhe o linho. Lá o senhor Barbeiro até tinha lá umas peças desse linho que é um, um, é um brim mais fininho.(...) parece uma estopa.”⁹³

Ana Severino afirma que existiam poucas cores, pouco mais de 10 e que “os fundos eram mais escuros, era aquele amarelo torrado, era um um bege, um bege, um bege mais escuro, um bege mais claro, uns

92 Entrevista (Joana Bordalo) – Tapetes de Arraiolos, p. 2, 3 e 4.

93 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 3, 5 e 10.

azuis escuros, os verdes-escuros, porque nessa altura, nós hoje temos o numero pró verde, nessa altura não tínhamos, não havia números nas lãs.”⁹⁴

Um outro aspeto destacado pelas tapeteiras diz respeito à transmissão do saber-fazer, segundo elas, e quando não aprendiam em casa com as mães, avós ou com alguma vizinha, era quando iam trabalhar para as casas de tapetes (oficinas/fábricas) que aprendiam a arte do tapete de Arraiolos, com as chamadas mestras, com mais experiência e de mais idade eram elas as conhecedoras do detalhe do hoje chamado ponto de Arraiolos.

Nas palavras das tapeteiras, “não, é quando fui p'rá Kalifa ainda na sabia fazer,(...) mas havia lá já pessoas de mais idade e essas é que ensinavam as que entravam de novo. Eu aprendi com algumas que lá estavam”. Ana Severino conta que também ela foi mestra: “elas quando entravam p'ra lá puxavam logo uma, uma puxava-as pó pé pás ensinar, (...) e ainda ensinei muitas, (...) nem todas criam ensinar, na tinham paciência pa as tar a ensinar (...)” e “às vezes as visitas quando iam a casa se soubessem coser, também davam um pontinho. (...) Pois tamém faziam isso, sim sim e assim se ensinava.”⁹⁵

No caso das fiandeiras, Arlete Fanico testemunha que era um ofício passado de geração em geração, dentro do contexto familiar herdava-se as rodas e com elas o ofício de fiandeira. Nascida no seio de uma família de fiandeiras, conta-nos que “já era a minha avó e a minha bisavó e então, a minha avó, a minha mãe (...) já ajudava a minha avó, a dobar a lã, a sarilha-la. (...) a minha avó fiava-a e depois para se ganhar mais alguma coisinha, eu ó depois tive uma irmã da minha avó que morreu e queriam aventar a roda dela, a roda dela, que a roda é um banco (...) e eu depois herdei o banco dela...”. “Trabalhava na minha casa, e as outras senhoras que ê iniciei tamém trabalhavam cada uma lá em casa. Às vezes até dos nossos quintais, umas das outras, víamos umas às outras, - Olha já cá está outro meio quilo; que era meio quilo de lã fiada pra irmos levar á fábrica. Era assim.”⁹⁶

Foi através da tradição oral que, de geração em geração, a comunidade foi perpetuando no tempo as técnicas, materiais e o saber-fazer do tapete de Arraiolos.

A comunidade, portadores naturais deste património, traduz a necessidade de preservar, valorizar e divulgar um saber secular que os avanços da modernidade tendem a modificar ou até mesmo eliminar.

O uso que a comunidade faz do seu património e a sua constante recriação permite confirmar a sua aceitação coletiva e a relação existente entre identidade e memória cultural do povo arraiolense, reforçando de igual forma a relação íntima entre o património imaterial e o património material.

Contudo, a manifestação de património cultural imaterial que aqui descrevemos, assim como o património material associado, apresenta, ao longo dos séculos, constantes alterações, evidenciando mesmo períodos em que praticamente desapareceu.

Destacamos os diferentes períodos históricos e sociais que marcam nitidamente as mudanças que caracterizam o tapete de Arraiolos.

A decoração dos mais antigos tapetes que se conhecem, tapetes datados do século XVII, apresentam desenhos, motivos e esquemas decorativos nitidamente influenciados pelos tapetes de nós que Portugal importou da Turquia e Pérsia, denominados assim de tapetes do período “oriental”. Com uma forte matriz de influência oriental, caracterizavam-se pela inovação e livre combinação de estilos, própria de

94 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 4.

95 Entrevista (Ana Severino) – Tapetes de Arraiolos, p. 9 e p. 5 correspondentes.

96 Entrevista (Arlete Fanico) – Tapetes de Arraiolos, p.1, 4 e 6.

uma indústria nova que compilou várias influências artísticas de uma forma harmoniosa, como foi o caso de alguns padrões azulejares ou motivos típicos das colchas indo-portuguesas também presentes na decoração de alguns exemplares arraiolenses seiscentistas.

Na primeira metade do século XVIII, começa a notar-se a diluição de influência e presença dos motivos orientais nos tapetes de Arraiolos, sendo este período denominado de “transição”. Os tapetes com datação atribuída a esse período caracterizam-se por ter desenhos que harmonizam motivos orientais dispersos e estilizados, com motivos próprios do labor popular.

O período compreendido entre 1750 e 1850 foi a época áurea da produção de tapetes com desenhos e motivos de cariz popular, tapetes do período “popular”. Durante este espaço temporal houve uma prolifera produção de tapetes com desenhos próprios de uma indústria doméstica, popular e sem pré-conceitos estilísticos ou estereótipos decorativos, em que muitos exemplares apresentam desenhos de uma originalidade inocente, desprovida dos padrões de erudição dos tapetes do século XVII.

Após a segunda metade do século XIX, a produção de tapetes de Arraiolos chega a uma fase crepuscular, tendo estado perto da total extinção. Mas em finais do século XIX, inicia-se um processo levado a cabo por alguns colecionadores de tapetes de Arraiolos e apreciadores de arte da alta burguesia que veio a culminar numa grande exposição realizada em 1917, no Convento do Carmo, em Lisboa. Nas décadas que se seguiram, foram produzidos tapetes com base em desenhos antigos e houve uma tentativa de retoma das tradições do bordado arraiolense. Esse movimento ficou conhecido como o “Ressurgimento do Tapete de Arraiolos”.

Se hoje podemos contemplar o tapete de Arraiolos muito o devemos à tradição oral da transmissão do saber-fazer e à época denominada de ressurgimento levada a cabo por D. José Queiroz, ilustre artista plástico e decorador da época, assim como ao trabalho desenvolvido pela Sr.^a D. Maria Jacinta Pinto Xavier, o Sr. João Marcos Pinto e pela diretora artística a Sr.^a D. Jacinta Leal Rosado.

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas do tapete de Arraiolos tem a memória oral e o saber-fazer como meio de preservação e transmissão. A identificação, documentação, valorização, proteção, transmissão e revitalização das práticas sociais e dos modos de vida locais incutem nas novas gerações uma forte relação às suas referências culturais.

II – Documentação

12. Bibliografia

AAVV – *Merino da Beira Baixa: contribuição para o seu estudo*. Castelo Branco: Escola Superior Agrária (Instituto Politécnico de Castelo Branco), 1987.

ALARCÃO, Teresa; Teresa Pacheco Pereira – *Têxteis (Artes Plásticas e Artes Decorativas: normas de inventário)*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Decoração, 2000.

ALMEIDA, Cláudia Alexandra da Cunha – *O Tapete e a Casa: estudo antropológico sobre a produção, circulação e emblematização do Tapete de Arraiolos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Patrimónios e Identidades apresentada ao ISCTE. Lisboa: ISCTE, 2004.

ALVIM, Thomas – *Indústrias regionais tradicionalistas: Tapeçaria de Arraiolos*. Santos (Brasil): [s.e.], 1927.

Artesanato – Tradição versus Inovação: contributos para o Tapete de Arraiolos. Seminário. Arraiolos: O Monte, 2001.

BECKFORD, W. - *A Côrte da Rainha D. Maria I: correspondência de W. Beckford*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso e Irmão, 1901.

CARVALHO, José Pereira de – *Primeiras linhas sobre o Processo Orphanologico*. Lisboa: Impressão Régia, 1814.

CAVACO, Carminda; António Ramos; Heitor Gomes – *O Tapete no desenvolvimento local de Arraiolos (desenvolvimento rural: desafio ou utopia)*. Estudos para o planeamento regional e urbano. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1999.

CUNHA, José Gerson da – Sobre o casamento da Infanta D. Catarina de Portugal com Carlos II da Grã-Bretanha: suas medalhas e retratos In *A Cidade de Évora, Anos XII-XIII*, n.ºs 37-38, Janeiro-Dezembro, 1955-1956. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1956.

Direcção de Serviços de Inventário / IPM (coord.) - *Tecnologia Têxtil: normas de inventário*. Lisboa: IPM, 2007.

DORDIO GOMES, Simão - Os tapetes de Arraiolos - Subsídios para a sua história. Artigo do Jornal – Semanário “O Povo de Arraiolos”. Ano 1.º n.º 14. Arraiolos, 1917.

FONSECA, Jorge – *Arquivo Histórico Municipal de Arraiolos: Inventário*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1999.

FONSECA, Jorge – *Tapetes de Arraiolos: novos elementos para a sua história* In *Almansor*, n.º 13, 1995-1996 (coord. por Jorge Fonseca). Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1996.

GUERREIRO, Glória – *As tapeçarias da colecção Calouste Gulbenkian* In *Colóquio* (Revista de Artes e Letras), n.º 40, Dezembro de 1966. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

LEITE, Maria Fernanda Passos - *Tapetes de Arraiolos* In *Catálogo de Artes Decorativas Portuguesas*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1979.

LEITE, Maria Fernanda Passos – *Têxteis* In *Artes Decorativas no Museu Nacional de Arte Antiga, (séculos XV a XVIII)*. Lisboa: [s.e.], 1979.

LEITE, Maria Fernanda Passos - *Têxteis* In *Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva: apresentação nas suas diversas vertentes*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, 1994.

LOBO, Rui Miguel – *Origens e influências orientais no tapete de Arraiolos: contributo para a sua musealização*. Dissertação de mestrado em Museologia apresentada à Universidade de Évora. Évora: Universidade de Évora, 2011.

LURÇAT, Jean – *Notes sur la condition de l'artist et sur l'art mural* In *Colóquio* (Revista de Artes e Letras), n.º 4, Julho de 1959. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1959.

MARQUES, Rita Carvalho Teixeira de Oliveira – *A história e técnica dos Tapetes de Arraiolos: estudo dos tapetes T763 e T764 (Museu Nacional Machado de Castro)*. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007.

MATOS, Ana Cardoso de – *A indústria de lanifícios no Alentejo: finais do século XVIII a finais do século XIX* In *Ler História*, n.º 40, 2001.

MONTES, António – Arraiolos. Artigo do Jornal – Semanário “*Brados do Alentejo*”. Joaquim Ribeiro Gomes – Ano X n.º 471. Estremoz, 28 de Janeiro de 1940.

MENDONÇA, Maria José - *Artes Decorativas: Tapetes de Arraiolos* (Volume I da colecção Arte Portuguesa, dir. por João Barreira). Lisboa: Edições Excelsior, 1951, pp. 265-320.

OLIVEIRA, Fernando Baptista de – *História e técnica dos tapetes de Arraiolos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

OLIVEIRA, Fernando Baptista de – *O Bordado de Arraiolos*. Volume I. Lisboa: [s.e.], 1987.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; Fernando Galhano – *O linho* In *Tecnologia tradicional Portuguesa*. Lisboa: Edições Ivic, 1978.

PEREIRA, Teresa Pacheco – *Tapetes de Arrayolos*, Edição comemorativa do 4º aniversário do Fundo VIP. Lisboa: Fundo VIP, 1991.

PESSANHA, José - *Tapetes de Arraiolos*. Separata da Revista *O Archeólogo português*, vol. XI, n.º 5 a 8, Maio-Agosto de 1906. Lisboa: Imprensa Nacional, 1906.

PESSANHA, Sebastião – *Tapetes de Arrayolos*. Lisboa: Typographia do annuário comercial, 1917.

PREGUIÇA, Maria Madalena Murteira – *Tapetes de Arraiolos: O ofício e a arte tradicional*. Trabalho de fim de curso (licenciatura). Évora: Universidade de Évora, 1997.

RIVARA, J. H. da Cunha – *Memórias da Villa de Arrayolos*. Parte I. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1983.

RIVARA, J. H. da Cunha – *Memórias da Villa de Arrayolos*. Parte II. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1985.

RIVARA, J. H. da Cunha – *Memórias da Villa de Arrayolos*. Parte III. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1991.

SANTOS, Reynaldo dos – *Os tapetes de Arraiolos e a sua origem Persa* In *Colóquio* (Revista de Artes e Letras), n.º 8, Abril de 1960. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.

SPRINGALL, Diana – *To study the Arraiolos embroidered carpets and to make them better known in England*. Inglaterra: [s.e.], 1994.

STONE, Patricia – *Portuguese Needlework Rugs: the time-honored art of Arraiolos rugs adapted for modern handcrafters*. McLean (Virginia): EPM Publications, 1981.

TAVARES, Arthur Manso - *Exposição de Tapetes de Arraiolos*. Lisboa: s. ed.,s.d.

VALENTE, Joaquim Alves; Diana Springal – *Arraiolos Enhancement Project: Craft stage 1 (Proposal for exploratory award)*. [s.d.]; [s.e.], 1995.

VITERBO, Sousa – *Artes e artistas em Portugal: contribuições para a história das artes industriais portuguesas*. 2.ª edição. Lisboa: Livraria Ferin, 1920.

13. Fontes escritas

Lembranças e Receitas de Maria Inácia Chaveiro Calhau – Receitas de 1920.

14. Fontes orais

Recolha de testemunhos orais (realização de entrevistas, 1 Fiandeira e 7 Tapeteiras – antigas mestras e bordadeiras):

Entrevista 1 (Ilda)

Entrevista 2 (Arlete Fanico)

Entrevista 3 (Maria Barrocas)

Entrevista 4 (Joana Bordalo)

Entrevista 5 (Ana Severino)

Entrevista 6 (Ana Severino)

Entrevista 7 (Arlete Fanico)

Entrevista 8 (Maria Augusta Caldinhas)

Entrevista 9 (Maria Joana Galego)

Entrevista 10 (Maria José Cláudio)

15. Fotografia

16. Filme

17. Som

18. Outra documentação

Exposição de tapeçaria bordada. Desdobrável – Museu de Évora. Évora: Museu de Évora, 1987.

Exposição de tapetes de Arraiolos. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1917.

Mostra de Tapete de Arraiolos antigo – Período Renascença. Desdobrável incluído no programa do Tapete está na rua de 2008.

O Bordado nos têxteis numa perspectiva europeia. Catálogo – Mostra documental: notas para uma exposição. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 2001.

Tapete de Arraiolos. Catálogo – Cercle Municipal de la Ville de Luxembourg. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 2004.

Tapetes de Arraiolos. Desdobrável turístico. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1999.

ALLEMTEJO, Rafaella - *Portuguese Needlework Rugs, also called Arraiolos Carpets*. retirado de <http://users.easystreet.com/rafaella/arraiolos.html>, em 20-01-2003.

Compilação de textos sobre tapeçaria retirados de www.artmaya.com.br em 25/07/2001.

III – Direitos Associados

19. Tipo

20. Detentor

Património Associado

21. Património Cultural

Móvel

Imóvel

Imaterial

22. Património Natural

ANEXO II - Documentação obrigatória a integrar o pedido de inventariação

I – Identificação do proponente

1. Designação

Município de Arraiolos

2. Número de identificação fiscal

501258027

3. Contactos

Praça do Município, 27

7040 - 027 Arraiolos

Concelho e freguesia de Arraiolos

Tel: 266490240

Fax: 266490257

Mail: geral@cm-arraiolos.pt

Web: www.cm-arraiolos.pt

II – Caracterização do proponente

1. Tipologia da entidade

Organismo da administração pública local

Município: Arraiolos

Freguesia: Arraiolos

2. Inserção territorial

Concelho de Arraiolos

Distrito de Évora

Nut II:-

Nut III:-

3. Responsável

Nome:-

Cargo ou função:-

Habilitações Académicas:

III – Fundamentação do pedido de inventariação

1. Caracterização da relevância da manifestação

Um dos grandes desafios colocados ao mundo moderno é a necessidade e urgência da proteção do património cultural e imaterial dos povos, que tende a desaparecer.

A manifestação que é proposta, Tapetes de Arraiolos – materiais e técnicas, caracteriza-se como uma unidade de práticas sociais. A relação do território, lugares de memória, com as vivências da comunidade são uma das características mais definidoras dos tapetes de Arraiolos como manifestação de património cultural imaterial, da qual a tradição oral e a transmissão do saber-fazer são um vivo testemunho.

Propõe-se esta transmissão do saber-fazer baseada nas memórias coletivas como Património Cultural Imaterial aliada às manifestações materiais e simbólicas que a ela se encontram associados porque nela a comunidade arraiolense encontra sentido identitário.

A excecionalidade do tapete de Arraiolos como manifestação de património cultural imaterial reside no facto de este ser testemunho de um passado e de um presente que chega aos nossos dias graças às mãos de gerações de tapeteiras.

A continuidade das práticas sociais, técnicas e materiais a elas associadas, o saber-fazer e o saber-transmitir da comunidade de tapeteiras arraiolenses é o que propomos para o conteúdo a considerar como património imaterial e intangível.

A oralidade, os conhecimentos tradicionais, os saberes, os sistemas de valores e as manifestações artísticas em volta do tapete de Arraiolos tornaram-se expressões fundamentais na identificação cultural do povo arraiolense e são a fonte vital de uma identidade profundamente enraizada na história.

Um critério-chave para a legitimidade do registo dos Tapetes de Arraiolos como manifestação de património cultural imaterial e intangível é a sua relevância para a memória, a identidade e a formação da comunidade arraiolense.

A continuidade histórica dos bens culturais, a sua ligação com o passado e a sua reiteração, transformação e atualização permanentes tornam-nos referências culturais para a comunidade que os mantém e vivência. Em curso estão ações e planos de sensibilização e salvaguarda que contribuem para a melhoria das condições sociais de produção, reprodução e transmissão dos bens culturais imateriais e constituem uma forma de apoio, no sentido de garantir as condições de sustentação económica e social. Atuam, portanto, como forma de melhoria das condições de vida materiais, sociais e económicas que favoreçam a vivência do grupo produtor, e a transmissão e a continuidade das suas expressões culturais.

Entre os planos de salvaguarda destacamos a investigação, identificação, inventariação, registo e documentação. Durante esses processos, o conhecimento produzido sobre os modos de expressão e organização própria da comunidade arraiolense permite identificar mecanismos e instrumentos locais de transmissão do bem cultural para que se possa identificar as formas mais adequadas de salvaguarda. Esse conhecimento e a sua valorização estão na base dos instrumentos que visam favorecer a manutenção dos mecanismos de transmissão e a continuidade desta manifestação cultural.

Os esforços para salvaguardar o artesanato tradicional centram-se na preservação dos artefactos resultantes da produção, mas também, e principalmente, na criação de condições que incentivam os artesãos a continuar a produzir e a transmitir o seu saber-fazer e conhecimentos às gerações mais novas.

O conjunto de ações em curso, a curto e longo prazo, é amplo e variado, e pode ser resumido: apoio à transmissão do conhecimento às gerações mais novas; promoção, divulgação, valorização e preservação do bem cultural; valorização de mestres e executantes; melhoria das condições de acesso a matérias-primas e mercados consumidores e organização de atividades comunitárias.

Dentro dos parâmetros gerais de atuação, importa tomar medidas no âmbito da promoção e valorização dos Tapetes de Arraiolos. Destacamos algumas, de iniciativa da autarquia local, que têm vindo a ser desenvolvidas ao longo dos anos, nomeadamente Fóruns, Seminários, Conferências, Comunicações, Exposições, Feira do Tapete, O Tapete está na Rua, entre outras.

Entre as muitas atividades de pesquisa, documentação, apoio à comunidade, atuação educativa, o trabalho relativo ao património cultural imaterial consolidou-se nas parcerias estabelecidas com as tapeteiras e as casas de tapetes locais.

Está bem presente a necessidade e a preocupação de preservar, valorizar e divulgar os testemunhos da cultura material e imaterial da comunidade arraiolense. É neste sentido, que realçamos a necessidade de uma instituição museológica local vocacionada para a inventariação, recolha, investigação, preservação, valorização e divulgação destas mesmas práticas sociais e culturais.

No seguimento de todas estas preocupações, o Município de Arraiolos implementou a criação do Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos, atualmente em fase de execução.

O Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos pretende ser um espaço museológico permanente e ao serviço da comunidade, com a missão de conservar, salvaguardar e divulgar um património cultural de grande importância local, e que constitui um símbolo a nível nacional e internacional da vila de Arraiolos.

O Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos tem a pretensão de se assumir como um centro de divulgação e estudo das áreas da Etnografia, História e Artes Ornamentais de forma a estabelecer e promover relações entre o centro e a comunidade.

É fundamental o estudo da história e origens do Tapete de Arraiolos, nomeadamente no que às suas técnicas, materiais, desenho e decoração dos exemplares mais antigos diz respeito. No que respeita à esquematização do desenho e decoração tem-se vindo a consultar bibliografia temática no sentido de melhorar o conhecimento existente sobre os tapetes de nós orientais, já que terão sido estes que, direta ou indiretamente, terão influenciado nas decorações e desenho pré-esquemático do Tapete de Arraiolos mais antigo.

Paralelamente está a ser desenvolvido um trabalho antropológico e etnográfico, recorrendo às técnicas de entrevista, quer através de registo em gravação áudio, quer através de manuscritos de narradores, transcrição de testemunhos orais, com o acompanhamento e concordância dos respetivos informantes e respetiva análise de conteúdo; procedesse igualmente à identificação, recolha e inventariação de bens culturais de natureza imaterial; assim como, ao levantamento, recolha e análise de bibliografia sobre os materiais e técnicas utilizados nos Tapetes de Arraiolos, informação esta indispensável à criação do espaço museológico Tapete de Arraiolos/Centro Interpretativo.

A investigação antropológica e etnográfica em curso, procura, no conjunto da informação sobre o presente e o passado, contextualizar as relações sociais que observa. Baseados nas memórias de tapeteiras e fiandeiras, que ao longo dos tempos dedicaram a sua vida à feitura dos Tapetes de Arraiolos, e com base na pesquisa bibliográfica, irá ser possível contextualizar e reproduzir todo o processo de fabrico dos tapetes: tosquia, lavagem, carmeação, cardação, fiação, tingimento e feitura dos tapetes.

O fabrico do Tapete, bordado a lã sobre tela (linho, cânhamo, brim ou grossaria) e feito a ponto cruzado oblíquo através do processo de fios contados, encontra-se enraizado nas memórias e vivências das mais antigas bordadeiras arraiolenses.

A destacar o facto de grande parte do património cultural imaterial existente ser resultado de experiências e influências históricas de outras culturas, constituindo testemunho da interpenetração cultural da humanidade, o tapete de Arraiolos é claramente um desses casos.

Segundo Valdimar Tr. Hafstein⁹⁷, Património Cultural Imaterial, “são as práticas que as comunidades, grupos e indivíduos reconhecem como seu próprio património. É... o que eles dizem que é. Por outras palavras, simplesmente não sabemos o que é enquanto não lhes formos perguntar.”

A necessidade de promover a valorização e a defesa de um conjunto de bens culturais leva a que sejam eleitos como passíveis de proteção por via internacional e nacional. A par com as tendências internacionais, também em Portugal a legislação, foi, e vai assumindo uma ideia mais alargada de património cultural. É neste sentido, que o enquadramento normativo nacional se revela favorável a uma abordagem integrada do património (material e imaterial).

Tomamos como ponto de partida a definição de património cultural imaterial expressa no artigo 2º/1 da Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial, entendendo-se por património cultural imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimento e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhe estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.”

Seguindo esta linha de pensamento, e apoiados pela Lei 7/2002, o Tapete de Arraiolos é reconhecido como património cultural integrante da identidade e da memória coletiva portuguesa. Podemos ainda referir que, de acordo com a Lei 107/2001 de 08/09 (Art. 2.º, 4) integram “o património cultural aqueles bens imateriais que constituem parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesa”. Mais adiante, no que concerne à proteção do Património Cultural Imaterial, a legislação acrescenta o artigo 91.º, apresentando-se uma definição de património cultural imaterial dentro de um conceito de património cultural alargado: “(...) integram o património cultural as realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis e imóveis, representam testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória coletivas”. (Art. 91.º, 1)

97 Clara Bertrand Cabral, Património Cultural Imaterial, 2011, p.13.

É com base nas definições anteriormente apresentadas que pretendemos inscrever o Tapete de Arraiolos no inventário nacional de Património Cultural Imaterial e que consideramos de extrema importância a sua proteção, promoção e valorização.

Salientamos ainda que a introdução de novos mercados, nacionais e internacionais, de produtos de origem externa usando abusivamente a designação de Tapete de Arraiolos e a industrialização que levou, consequentemente, à não utilização das técnicas artesanais no tratamento da lã são algumas das ameaças à continuidade da manifestação do património cultural imaterial no seio da memória popular.

O património vivo e atual não existe apenas como memória do passado, o património como objeto integrado no presente contribui positivamente para a construção da identidade local e acaba por ser motor de desenvolvimento sustentável.

Desta forma, o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, medida fundamental para a salvaguarda do património cultural imaterial em Portugal, constitui um dos instrumentos essenciais no que respeita à preservação e valorização da cultura popular e dos saberes e técnicas tradicionais.

2. Documentação de relevância da manifestação

3. Direitos de propriedade intelectual

4. Direito à imagem

5. Proteção de dados pessoais

6. Declaração de compromisso